RESSALVA

Alertamos para ausência dos capítulos 2 e 5, não incluídos pelo autor no arquivo original.

FERNANDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

O ENSINO DA LITERATURA INFANTIL EM *COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL:* PARA O 3º. ANO NORMAL (1959), DE BÁRBARA VASCONCELOS DE CARVALHO

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília-SP
13 de dezembro de 2010

FERNANDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

O ENSINO DA LITERATURA INFANTIL EM *COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL:* PARA O 3º. ANO NORMAL (1959), DE BÁRBARA VASCONCELOS DE CARVALHO

DISSERTAÇÃO apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília.
Área de Concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.
Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil

Orientadora: Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti.

Marília-SP
13 de dezembro de 2010

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

Oliveira, Fernando Rodrigues de.
O48e O ensino da literatura infantil em *Compêndio de literatura infantil*: para o 3º ano normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho / Fernando Rodrigues de Oliveira. – Marília, 2010.
253 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado - Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências 2010.

Bibliografia: f. 190-203
Orientadora: Maria do Rosário Longo Mortatti

1. Educação - História. 2. Literatura infantil - Brasil. 3. Formação de professores primários. I. Carvalho, Bárbara Vasconcelos de. II. Título.

CDD 372.1

FERNANDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

O ENSINO DA LITERATURA INFANTIL EM *COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL:* PARA O 3º. ANO NORMAL (1959), DE BÁRBARA VASCONCELOS DE CARVALHO

Banca Examinadora

_____

Orientadora: Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti
Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

_____

2º. Examinador: Drª. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

_____

3º. Examinador: Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccatini
Faculdade de Ciências e Letras-Unesp-Assis

Marília-SP
13 de dezembro de 2010

Àqueles para quem reservo
todo amor que existe em mim:
Orlando e Ednéia.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem o qual eu nada teria feito;

aos meus pais, Orlando e Ednéia, que me contam com os olhos, mesmo sem saber o real significado do que faço, que acreditam nos meus sonhos;

à professora Maria do Rosário, que me acolheu como orientando e, mais do que abrir os caminhos, tem me ensinado a percorrê-los. A sua participação em minha história de formação tem sido (e continuará a ser) singular;

aos meus familiares, que sempre me incentivam e não me deixam desistir;

às integrantes do Gphellb, pelo companheirismo e amizade que construíram comigo, desde que integrei o grupo, além das contribuições que cada uma, de forma específica e única, teve ao longo do meu percurso de formação acadêmica e pessoal. Agradeço, em especial: Cyntia e Giza, com as quais aprendi conjuntamente os primeiros passos no desenvolvimento da pesquisa científica; Leoneide, em quem me espelho na perseverança e honestidade científica; Bárbara, que com sua delicadeza sempre esteve pronta a me ajudar com conselhos muito pertinentes; Agnes, amiga e companheira desde a graduação, que sempre vibrou pelas minhas conquistas, me dando força incondicional para continuar; Franciele, que entre as viagens no trajeto Tupã/Marília e no convívio quase que diário na sala do Gphellb, fez com que eu não sentisse em nenhum momento a solidão típica do desenvolvimento de pesquisa em nível de pós-graduação, tornando todo esse processo muito mais prazeroso; e a Thabatha, que, desde o início, acompanhou de muito perto a minha pesquisa, compartilhando comigo as suas experiências, cedendo importantes documentos e me ensinando muito com sua sabedoria e serenidade frente aos muitos problemas que inevitavelmente enfrentamos no desenvolvimento da pesquisa.

à professora Coriolinda Vasconcelos de Carvalho, filha de Bárbara V. de Carvalho, que, desde o primeiro contato, acreditou e se mostrou disposta a contribuir com a pesquisa que me propus a desenvolver. Agradeço por ter me recebido em Salvador-BA e ter deixado a minha disposição os documentos que pertenceram à Bárbara V. de Carvalho, os quais foram fundamentais para a pesquisa. Espero que os resultados aqui apresentados estejam à altura da confiança que depositou em mim;

à professora Leda Jesuíno dos Santos, por me possibilitar conhecer a professora Coriolinda e pela cessão de importantes documentos e de entrevista, sem os quais não teria sido possível apresentar os resultados que apresento nesta dissertação;

à professora Lícia Beltrão, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, que sempre se mostrou disposta a contribuir com minha pesquisa, enviando relação de referências dos documentos que integram o acervo pessoal de Bárbara V. de Carvalho;

aos professores João Luís C. Tápias Ceccantini e Rosane Michelli de Castro, pelas inestimáveis contribuições que apresentaram durante o exame Geral de Qualificação e pelas instigantes questões que me propuseram nesse exame;

à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa concedida e sem a qual não teria sido possível minha dedicação integral e exclusiva à pesquisa de que resultou esta dissertação;

aos funcionários dos acervos documentais e bibliográficos que consultei durante o desenvolvimento da pesquisa: Maria Luzinete Euclides, da Biblioteca da FFC-Unesp-Marília; Kazue Matuda Miura e Azilde Andreoti, da Biblioteca Infanto-Juvenil "Monteiro Lobato", São Paulo-SP; Rose Mary Guerra, da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ; Aparecida Maria Domingues, da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas-SP; José Agnaldo, da Biblioteca da Faculdade de Educação da USP, São Paulo-SP; Arlene Moureira da Silva, do Instituto de Pesquisas Educacionais "Profº. Sud Mennucci", São Paulo-SP; Júlia Cristina Alves e Messas, diretora da E.E. "Índia Vanuíre", Tupã-SP; Valéria Aparecida da Silva e Kepler Eustáquio da Silva, do Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo-SP; Meire Garcia Sierra, diretora da E.E. "Jácomo Stávale"; e Sônia Chagas Vieira, diretora da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFBA;

aos funcionários das diferentes seções e departamentos da FFC-Unesp-Marília, em especial: Tânia Ferro, do departamento de Didática; Renato Geraldi e Sylvia Moraes, do Escritório de Pesquisa; e Cíntia Raphael, Sirlêi Duarte e Paulo Teles, da seção de Pós-Graduação, pelas orientações e auxílios prestados em relação aos encaminhamentos burocráticos ao longo do desenvolvimento da pesquisa;

a Rosana Uema, Daniel Bochi e Fabiana Ojeda, amigos queridos, que me acolheram em Salvador-BA e, pacientemente, me acompanharam e me ajudaram na visita aos acervos que consultei nessa cidade;

a todos que de certa maneira fazem parte e acompanham o meu processo de formação, me ajudando a tornar mais simples e prazerosa a difícil tarefa de construir o caminho rumo à minha "maioridade intelectual".

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *O ensino da literatura infantil em* ***Compêndio de literatura infantil:*** *para o 3°. ano normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho.* 2010. 253f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

Resumo

Nesta dissertação de mestrado, apresentam-se resultados de pesquisa vinculada às linhas "Literatura infantil e juvenil" e "Formação de professores" do Grupo de Pesquisa e dos Projetos Integrados de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" "Bibliografia brasileira sobre história do ensino de língua e literatura no Brasil (2003-2011) (CNPq), todos coordenados por Maria do Rosário Longo Mortatti. Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e contribuir para a compreensão da história da formação de professores e do ensino da literatura infantil no Brasil, enfoca-se, neste texto, a proposta para o ensino da literatura infantil apresentada em *Compêndio de literatura infantil:* para o 3º. ano normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008), publicado pela Companhia Editora Nacional (SP). Mediante abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais e leitura de bibliografia especializada, elaborou-se instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de* e *sobre* Bárbara Vasconcelos de Carvalho e analisou-se a configuração textual desse manual de ensino, a qual consistiu em enfocar os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido. Essa análise possibilitou concluir que, nesse manual, encontra-se um conjunto de saberes relativos à literatura infantil considerados necessários para a formação do professor primário, no momento histórico em que foi publicado e utilizado; esses saberes foram sendo gradativamente estruturados de acordo com os programas oficiais de ensino, contribuindo para a constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil.

Palavras-chave: Literatura infantil; Formação de professores; Bárbara Vasconcelos de Carvalho; *Compêndio de literatura infantil*; História da Educação.

Abstract

In this master dissertation, are presented the results of a research linked to the lines "Children's and juvenile literature" and "Teacher education", from the Research Group and Integrated Research Projects "History of Teaching Language and Literature in Brazil" and "Brazilian Bibliography about Teaching Language and Literature in Brazil (2003-2011)" (CNPq), all coordinated by Maria do Rosário Longo Mortatti. In order to contribute for de production of a history of teaching language and literature and to contribute for comprehension the history of teacher education and the history of teaching children's literature, it is focalized the proposal for the teaching children's literature presented in *Compêndio de literatura infantile:* para o 3°. ano normal, by Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008), and published by Companhia Editora Nacional (SP). By means, historical approach, focusing on documentary and bibliographical research, using procedures such as locating, recovering, assembling, selecting and ordering documentary sources, it was elaborated a research guide that contains textual references of Bárbara V. de Carvalho and about her, and it was analyzed the textual configuration of this teaching manual, which was to focus on different aspects that make up its meaning. The results from this analysis have led to comprise that this teaching manual have a set of knowledge related to children's literature considered necessary to the elementary teacher education, that it was gradually structured according to the official programs of teaching, contributing to the constitution of children's literature as school subjects on elementary teacher education courses in Brazil.

Palavras-chave: Children's literature; Teacher Education; Bárbara Vasconcelos de Carvalho; *Compêndio de literatura infantil*; History of Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da professora Bárbara V. de Carvalho 48

Figura 2 – Capa dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3°. ano normal 87

Figura 3 – Capa de outro exemplar da 3ª. edição de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3°. ano normal 87

Figura 4 – Capa de *Cancioneiro da criança* 107

Figura 5: Capa de *O folclore e a criança* 107

Figura 6: Capa de *A casinha-nuvem* 108

Figura 7: Capa de *O robozinho feio*..... 109

Figura 8: Capa de *A árvore*..... 110

Figura 9: Capa de *A casinha da chaminé azul*..... 111

Figura 10: Capa de *Os dois gatos*..... 111

Figura 11: Capa de *Uma avenida na floresta* 112

Figura 12: Capa de *O papagaio Tubiba* 112

Figura 13: Capa de *A galinha contente*..... 113

Figura 14: Capa de *Folclore, criança, fantasia* 114

Figura 15: Capa de *Bem me quer* 114

Figura 16: páginas 10 e 11 de *Uma avenida na floresta* 118

Figura 18: Capa de *Literatura infantil:* estudos 125

Figura 19: Capa de *A literatura infantil:* visão histórica e crítica 130

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Autores de manuais ou de capítulos sobre literatura infantil, por tipo de texto 36

QUADRO 2 – Autores e respectivos títulos de manuais e/ou capítulos sobre literatura infantil, por década de publicação 38

QUADRO 3 – Manuais e capítulos sobre literatura infantil, ordenados por década de publicação... 40

QUADRO 4 - Número de edições localizadas dos manuais de ensino de literatura infantil e respectivas datas da 1ª. edição, ou mais antiga localizada e, data da edição mais recente 43

QUADRO 5 - Número de edições localizadas dos manuais de ensino que contêm capítulos sobre literatura infantil e respectivas data da 1ª. edição e data da edição mais recente 45

QUADRO 6 – Bibliografia *de* Bárbara V. de Carvalho, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1955 e 2004 63

QUADRO 7 – Número das edições localizadas dos livros de Bárbara V. de Carvalho e respectivas datas da 1ª. edição e data da edição mais recente 71

QUADRO 8 – Bibliografia *sobre* Bárbara V. de Carvalho, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1959 e 2010 73

QUADRO 9 – Título dos capítulos dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3°. ano normal 89

QUADRO 10 – Relação dos livros e respectivos autores que constam na bibliografia dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3ª. ano normal 92

SUMÁRIO

Apresentação 12

Introdução 18

Capítulo 1 – Manuais e capítulos para o ensino da literatura infantil no Brasil 29
1.1 Autores de manuais e capítulos para o ensino da literatura infantil 30
1.2 Aspectos da publicação de manuais de literatura infantil e manuais que contêm capítulos sobre literatura infantil 39
1.3 Aspectos da circulação de manuais de literatura infantil e manuais que contêm capítulos sobre literatura infantil 42

Capítulo 2 – Bárbara Vasconcelos de Carvalho: professora, autora de livros didáticos e escritora .. 47
2.1 Aspectos da vida, formação e atuação profissional 49
2.2 Bibliografia *de* Bárbara V. de Carvalho 61
2.3 Bibliografia *sobre* Bárbara V. de Carvalho 72
2.3.1 Textos que tratam de aspectos da formação, atuação profissional e produção escrita de Bárbara V. de Carvalho 74
2.3.7 Textos com menção a Bárbara V. de Carvalho, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus 79

Capítulo 3 – Apresentação de *Compêndio de literatura infantil* 84
3.1 A trajetória editorial 85
3.2 O conteúdo 93
3.4 Sobre a circulação e tiragem 102

Capítulo 4 - *Compêndio de literatura infantil* e a produção de Bárbara V. de Carvalho *de* e *sobre* literatura infantil 105
4.1 Apresentação da produção *de* literatura infantil, de Bárbara V. de Carvalho 106
4.1.9 Relações possíveis entre a produção de Bárbara V. de Carvalho *de* literatura infantil e *Compêndio de literatura infantil* 115
4.2 Apresentação da produção de Bárbara V. de Carvalho *sobre* literatura infantil 123
4.2.1 "A literatura infantil na escola normal" 123
4.2.2 *Literatura infantil:* estudos 124
4.2.3 As entrevistas *sobre* literatura infantil 127
4.2.4 *A literatura infantil:* visão histórica e crítica 129
4.2.5 Relações possíveis entre a produção de Bárbara V. de Carvalho *sobre* literatura infantil e *Compêndio de literatura infantil* 133

Capítulo 5 – *Compêndio de literatura infantil* e a formação de professores primários 136
5.1 Formação de professores na primeira metade do século XX no Brasil 137
5.2 Os programas e currículos dos cursos paulistas de formação de professores 144
5.3 A especificidade dos manuais de ensino 151

Capítulo 6 - *Compêndio de literatura infantil* e a produção brasileira *sobre* literatura infantil 156
6.1 A Produção brasileira *sobre* literatura infantil no Brasil 157
6.2 As tendências na produção brasileira *sobre* literatura infantil 169
6.3 Relações possíveis entre *Compêndio de literatura infantil* e a produção brasileira *sobre* literatura infantil 173

Capítulo 7 – Contribuições de Bárbara V. de Carvalho para a história do ensino da literatura infantil no Brasil 176
67.1 *Compêndio de literatura infantil* e a sintonia com os programas de ensino 177
7.2 As influências recebidas e exercidas por Bárbara V. de Carvalho 180
7.3 O pioneirismo de Bárbara V. de Carvalho 182

Consideração Finais 186

Referências 190

Bibliografia de apoio teórico 204

Instituições, acervos e *sites* consultados 208

Apêndices
Apêndice A – Bibliografia *de* e *sobre* Bárbara Vasconcelos de Carvalho: um instrumento de pesquisa 212
Apêndice B – Transcrição da entrevista com Coriolinda Vasconcelos de Carvalho 237
Apêndice C – Transcrição da entrevista com Leda Jesuíno dos Santos 249

O que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.
(BENJAMIN, 1994, p. 223)

APRESENTAÇÃO

O meu interesse no tema "Literatura infantil e juvenil", do qual decorreu a pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado em Educação[1], teve início quando participei como aluno da disciplina optativa "Literatura Infanto-Juvenil"[2], no ano de 2005, do curso de graduação em Letras da Faculdade da Alta Paulista (FAP), na cidade de Tupã-SP.

Após cursar essa disciplina, em 2006, durante a realização da III Semana de Letras da FAP, tive a oportunidade de participar como ouvinte da palestra "Interiores: Literatura Juvenil de fim de século", proferida pelo professor Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, da Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis, o qual, na ocasião, por eu ter manifestado meu interesse no estudo da literatura infantil, me indicou algumas leituras sobre o tema e, como nesse mesmo ano eu havia ingressado no curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC)[3], da Unesp, campus de Marília, sugeriu que eu procurasse a professora Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti, professora do curso de Pedagogia dessa Faculdade, para pensar a possibilidade de eu desenvolver pesquisa de Iniciação Científica sobre aspectos relacionadas à literatura infantil e juvenil brasileira.

Desde que cursei, portanto, essa disciplina e participei da palestra proferida pelo professor João Luís C. T. Ceccantini, passei a refletir, ainda que de forma não sistemática, sobre aspectos relacionados à constituição da literatura infantil como gênero literário e como campo de conhecimento, além de problematizar a relação entre literatura e ensino.

A fim de ampliar essas reflexões e considerando a sugestão feita pelo professor João Luís C. T. Ceccantini, no ano de 2008 passei a integrar o Gphellb — Grupo de Pesquisa "História do ensino de língua e literatura no Brasil"[4], na condição de bolsista de Iniciação Científica (IC) (Pibic/CNPq/Unesp)[5] sob orientação da professora Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti.

O Gphellb decorre do Programa de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Pphellb), e, desse grupo e desse programa de pesquisa, em funcionamento desde 1994, resultou o Projeto Integrado de Pesquisa "História do ensino de

[1] Bolsa Fapesp com vigência entre agosto de 2009 e julho de 2011.
[2] Na ocasião em que cursei essa disciplina, a Drª. Luciana Ferreira Leal era a professora responsável por ministrá-la.
[3] No ano de 2004, iniciei a graduação em Letras, junto a FAP, a qual concluí no ano de 2006. Antes mesmo da conclusão da graduação em Letras, ainda no ano de 2006, ingressei no curso de graduação em Pedagogia, da Unesp, o qual concluí em janeiro de 2010.
[4] Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq; certificado pela Unesp. Informações disponíveis em: http://www.marilia.unesp.br/gphell. Esse grupo tem como líder Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti.
[5] Bolsa de fevereiro de 2008 a março de 2009.

língua e literatura no Brasil" (Piphellb), em desenvolvimento desde 1995, e o Projeto Integrado de Pesquisa "Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil (2003-2011)" (Bbhellb)[6], atualmente em desenvolvimento, todos coordenados pela professora mencionada.

O Gphellb, o Pphellb e o Piphellb estão organizados em torno de tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em cinco linhas de pesquisa, a saber: "Formação de professores"; "Alfabetização"; "Ensino de língua portuguesa"; "Ensino de literatura"; e "Literatura infantil e juvenil". O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais. O objetivo geral, por sua vez, consiste em:

> [...] contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas históricas, que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos. (MORTATTI, 2003, p. 3)

Logo que passei a integrar o Gphellb, durante a minha primeira sessão de orientação, expus para minha orientadora de IC, a professora Maria do Rosário Longo Mortatti, o meu interesse em desenvolver pesquisa sobre a análise de livros *de* literatura infantil, em especial os de Lygia Bojunga Nunes. Diante do meu interesse, a professora Maria do Rosário me informou que tinha uma proposta mais desafiadora do que essa, estudar aspectos da história do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Brasil por meio de seus manuais de ensino.

Mesmo sem entender muito sobre o tema e sobre os procedimentos da pesquisa de abordagem histórica, a proposta feita pela professora Maria do Rosário me provocou certa curiosidade científica, o que resultou no meu aceite imediato da proposta por ela apresentada. A partir disso, como bolsista de IC, passei a realizar atividades específicas como iniciante na pesquisa científica, sobretudo de abordagem histórica, e, dentre essas atividades, passei a localizar, recuperar, reunir, selecionar e ordenar referências de manuais de ensino de literatura infantil e capítulos sobre literatura infantil contidos em manuais de ensino de língua e literatura. As referências que localizei com o desenvolvimento da pesquisa de IC, são de manuais e capítulos escritos por brasileiros, entre 1923 e 1992, e destinados à utilização em

[6] Apoio CNPq, processo n°. 482749/2009-1.

cursos de formação de professores primários no Brasil. Do desenvolvimento dessas atividades, elaborei o instrumento de pesquisa *Manuais de ensino de literatura infantil*: um instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2009a), cuja análise preliminar e a leitura de textos básicos sobre os temas "literatura infantil" e "formação de professores" me possibilitaram elaborar projeto de pesquisa enfocando a análise da configuração textual do conjunto de referências que reuni nesse instrumento de pesquisa.

Do desenvolvimento desse projeto, resultou o Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (TCC) *Manuais de ensino de literatura infantil no Brasil (1923-1991):* autores, produção e circulação (OLIVERIA, 2009b), no qual apresentei, como apêndice, o instrumento de pesquisa que mencionei. Esse TCC, que conclui em dezembro de 2009, foi aprovado com nota dez e com recomendação de publicação, pela banca examinadora[7].

Ainda no decorrer dessa pesquisa, ingressei, em março de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília e, com base nas reflexões que vinha realizando e com objetivo de aprofundá-las ainda mais, optei por dar continuidade à pesquisa de IC, enfocando a análise da configuração textual de um dos manuais de ensino de literatura infantil.

Foi, então, que escolhi *Compêndio de literatura infantil*, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, como *corpus* da pesquisa, por ser esse o primeiro compêndio específico para o ensino da literatura infantil publicado no Brasil, como afirma Coelho (1983, 2006), e por ter tido Bárbara V. de Carvalho uma importante atuação no âmbito do ensino da literatura infantil.

Apesar do acúmulo de atividades decorrente do ingresso no Mestrado antes da conclusão da graduação em Pedagogia, compreendi que as etapas pelas quais passei durante a pesquisa de IC e durante a elaboração do TCC foram fundamentais para a delimitação do *corpus* da pesquisa de mestrado e para a obtenção de bolsa de Mestrado Fapesp. Além disso, os resultados obtidos com a conclusão do TCC possibilitaram compreender a importância do estudo dos manuais de ensino e capítulos sobre literatura infantil e confirmaram o importante papel desempenhado por alguns dos autores desses manuais na história do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Brasil, em especial, Bárbara V. de Carvalho, autora do primeiro compêndio específico para o ensino da literatura infantil.

Em decorrência do exposto, por meio de pesquisa de abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, mediante utilização dos procedimentos de

[7] Essa banca examinadora foi composta pelas professoras: Maria do Rosário Longo Mortatti (orientadora), Stela Miller (FFC-Unesp-Marília) e Rosane Michelli de Castro (FFC-Unesp-Marília).

localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos escritos por Bárbara V. de Carvalho e referências de textos escritos por outros autores que tratam de aspectos de sua vida e sua atuação profissional, passei a elaborar um novo instrumento de pesquisa, cujo título é *Bibliografia* ***de*** *e* ***sobre*** *Bárbara Vasconcelos de Carvalho:* um instrumento de pesquisa (OLIVERIA, 2010). Para tanto, consultei acervos localizados nas cidades de São Paulo-SP, Campinas-SP, Rio de Janeiro-RJ, Salvador-BA, Marília-SP e Tupã-SP[8], além de consultar bases de dados disponíveis *on-line* e *sites* da Internet. Durante essas consultas, localizei um número significativo de textos de autoria de Bárbara V. de Carvalho, bem como de textos que contêm menção a sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citam textos seus, porém, constatei a inexistência de pesquisas acadêmico-cientificas sobre o compêndio que escolhi como *corpus* da pesquisa, bem como sobre a atuação profissional e os demais livros de Bárbara V. de Carvalho.

Concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, durante o ano de 2009, cursei oito disciplinas para a integralização dos créditos do mestrado[9], as quais contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e para minha formação como pesquisador, e apresentei resultados parciais da pesquisa em três eventos científicos nacionais, três internacionais e dois locais[10].

---

[8] Na cidade de Tupã, consultei o arquivo permanente da E. E. Índia Vanuíre, que entre as décadas de 1950 e 1970 funcionou como Instituto de Educação. A opção por consultar o arquivo dessa escola decorreu, sobretudo, do fato de eu morar nessa cidade.

[9] As disciplinas que cursei para integralização dos créditos do mestrado foram: "História do ensino da leitura e escrita no Brasil", "Literatura infantil Brasileira" e "Metodologia da pesquisa científica: análise da configuração textual", todas ministradas pela Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti (FFC-Unesp-Marília); "História da escola no Brasil", ministrada pela Profª. Drª. Ana Clara Bortoleto Nery (FFC-Unesp-Marília); "Filosofia da educação", ministrada pelos Drs. Pedro Ângelo Pagni e Sinésio Ferraz Bueno (FFC-Unesp-Marília); "Ética e educação", ministrada pelo Dr. Alonso Bezerra de Carvalho (FFC-Unesp-Marília); "Tópicos especiais: Lições sobre ética, educação e literatura", ministrada pelo Dr. Fernando Bárcena Orbe, da *Universidad Complutense de Madrid*, na Espanha (professor visitante na FFC-Unesp-Marília, durante o ano de 2009); e "Tópicos especiais: leitura e literatura infantil", ministrada pela Drª. Ângela Balça, da Universidade de Évora, em Portugal (professora visitante na FFC-Unesp-Marília, durante o ano de 2010).

[10] Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, participei dos seguintes eventos científicos: II Seminário Brasileiro: Livro e História Editorial, promovido pelo Núcleo de pesquisa "Livro e História Editorial" (Lihed), sediado na Universidade Federal Fluminense, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras em maio de 2009, no Rio de Janeiro-RJ; 17º. Congresso de Leitura do Brasil (Cole), promovido pela Associação de Leitura do Brasil em julho de 2009, em Campinas-SP; VII Congresso Internacional da Sociedade de História da Educação Latinoamericana (Shela), promovido pela Sociedade de História da Educação Latinoamericana em agosto de 2009, em São Paulo-SP; XI Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Educação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília em outubro de 2009, em Marília-SP; I Encontro de Pesquisa em História da Educação na Unesp, promovido pelo Gphellb – Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" – e pelo Gepcie – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Cultura e Instituições Escolares em abril de 2010, na FFC-Unesp-Marília; VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, promovido de Universidade Federal do Maranhão em agosto de 2010, em São Luís-MA; I SIHELE – Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita, promovido pelo Gphellb e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília em setembro de 2010, em Marília-SP; e VII Colóquio Nacional de Pesquisa em Educação, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em setembro de 2010, em Belo Horizonte-MG.

Participei, ainda, de sessões de orientação individuais e coletivas, com periodicidade mensal, e de atividades promovidas pelo Gphellb, como, reuniões gerais, seminários de pesquisa, Cafés Histórico-culturais[11] e grupos de estudos, as quais foram fundamentais para os encaminhamentos da pesquisa, pois consistiram em importantes momentos de interlocução com os demais integrantes do Gphellb e, em alguns casos, com pesquisadores de outras instituições.

Tendo em vista o exposto e a fim de apresentar à banca examinadora os resultados da pesquisa de mestrado que desenvolvi, organizei esta dissertação da seguinte forma: nesta apresentação, destaco aspectos do meu percurso acadêmico e os antecedentes da pesquisa, cujos resultados aqui apresento. Na Introdução, apresento a justificativa para a delimitação do *corpus* privilegiado da pesquisa, o problema, a hipótese, os objetivos e os pressupostos teórico-metodológicos norteadores da pesquisa. No capítulo 1, apresento aspectos relacionados aos autores, produção e circulação de manuais e capítulos sobre literatura infantil no Brasil. No capítulo 2, apresento os aspectos da vida, formação e atuação profissional de Bárbara V. de Carvalho e da bibliografia *de* e *sobre* essa professora. No capítulo 3, apresento os aspectos relacionados à forma e ao conteúdo de *Compêndio de literatura infantil*, além dos aspectos relacionados às editoras que publicaram as diferentes edições desse compêndio e a sua circulação. No capítulo 4, apresento aspectos da produção *de* e *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho e relação que essa produção estabelece com seu compêndio. No capítulo 5, apresento aspectos da formação de professores primários do momento histórico no qual *Compêndio de literatura infantil* foi publicado. No capítulo 6, apresento os principais textos que integram a produção brasileira *sobre* literatura infantil e como essa produção se relaciona com *Compêndio de literatura infantil*. No capítulo 7, a fim de relacionar os principais aspectos que apresentei nos capítulos anteriores, apresento as contribuições de Bárbara V. de Carvalho na história do ensino da literatura infantil no Brasil.

Ao final desta dissertação, apresento as considerações finais, relação de referências de textos citados, bibliografia de apoio teórico e apêndice contendo: o documento *Bibliografia* ***de*** *e* ***sobre*** *Bárbara Vasconcelos de Carvalho:* um instrumento de pesquisa; transcrição da entrevista com Coriolinda Vasconcelos de Carvalho; e transcrição da entrevista com Leda Jesuíno dos Santos.

[11] Os Cafés Histórico-culturais são palestras, conferências e encontros organizados pelos integrantes do Gphellb, nos quais são abordados assuntos relacionados às cinco linhas de pesquisa desse grupo.

INTRODUÇÃO

Segundo estudiosos da literatura infantil brasileira, a produção de livros destinada ao público infantil teve início, no Brasil, somente no final do século XIX, quando começaram a ser publicadas traduções e/ou adaptações de livros europeus para crianças e livros de leitura escolar de autores como, Carlos Jansen, Alberto Figueiredo Pimentel, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Olavo Bilac, Thales Castanho de Andrade e Arnaldo de Oliveira Barreto.

Segundo Mortatti (2000a, 2008), a publicação desses livros traduzidos, adaptados e/ou escritos por brasileiros e que caracterizam "o movimento" de constituição da literatura infantil como gênero literário no Brasil" decorreu, principalmente: da criação da escola republicana; da disseminação de certas concepções de infância e da necessidade de formação desse público com base em princípios advindos com os ideais republicanos; e do "lugar" que passou a ocupar a família burguesa no âmbito da sociedade ocidental.

Com base no exposto, compreende-se que a literatura infantil brasileira desenvolveu-se, em grande parte, sob a tutela da escola (COELHO, 2006) e, somente ao longo do século XX, de forma gradativa e em decorrência, dentre outros, de modificações políticas, sociais, econômicas e de condições de produção de livros, conseguiu assumir o "*status*" de literatura no Brasil (LAJOLO; ZILBERMAN, 1894).

Na medida em que a literatura infantil brasileira constituiu-se como gênero literário, passou a despertar interesse entre os educadores da época, o que demandou, nas primeiras décadas do século XX, a necessidade de se pensar a formação dos futuros professores para o trabalho com a literatura infantil no processo de ensino da leitura e escrita em fase inicial de escolarização. Por esse motivo, a partir da década de 1930, literatura infantil constituiu-se, no Rio de Janeiro-DF, como matéria dos cursos de formação de professores primários (curso normal) (VIDAL, 2001) e, a partir da década de 1940, constituiu-se como matéria/disciplina no estado de São Paulo.

Dada à escassez de textos *sobre* literatura infantil, que subsidiassem o trabalho desenvolvido no âmbito da matéria/disciplina "Literatura infantil", passaram a ser publicados os primeiros manuais de ensino de língua e literatura que contêm capítulos sobre literatura infantil e os primeiros manuais específicos para o ensino da literatura infantil.

Esse processo de instituição da literatura infantil como matéria/disciplina nos cursos de formação de professores contribuiu, segundo Mortatti (2000a), para uma produção mais sistematizada da produção *sobre* literatura infantil, de forma que os manuais de ensino representam parte importante da produção *sobre* esse gênero, publicada até a década de 1960.

Apesar de os manuais de ensino representarem parte importante da produção *sobre* literatura infantil, pude observar, mediante consulta ao documento *Ensino de língua e literatura no Brasil:* repertório documental republicano, de Mortatti (2003), que resultou das atividades do Projeto Integrado de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano", desenvolvido entre 1999 e 2003[12], e por meio de consulta a bases de dados disponíveis *on-line* e *sites* da Internet, que, apesar do crescimento da produção *sobre* literatura infantil, inexistem pesquisas acadêmico-científicas que abordam a história do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Brasil, em especial, sobre os manuais e capítulos destinados a esse ensino.

Como aponta Ceccantini (2004, p. 30), fora "[...] dos grandes panoramas históricos, no entanto, está quase tudo ainda por ser feito no campo dos estudos da literatura infanto-juvenil no Brasil [...]", além disso, autores e escritores que, "[...] independentemente da qualidade estética de sua obra tiveram papel pioneiro e importante na história de nossa literatura infanto-juvenil [...]" (CECCANTINI, 2004, p. 31) precisam ser estudados, como é o caso de

> [...] educadores e intelectuais de renome que chegaram a produzir obras para crianças e jovens, cujo interesse é dos mais legítimos, que não fosse pela qualidade das obras, mas pelo renome dos autores – como é o caso de Lourenço Filho, Leonardo Arroyo, Paulo Dantas ou mesmo Bárbara Vasconcelos de Carvalho, uma conhecida divulgadora da literatura infanto-juvenil, com obra sobre o assunto lida por alunos do Curso de Magistério ao longo de várias décadas. (CECCANTINI, 2004, p. 31).

Em vista do exposto, pude compreender alguns dos principais problemas envolvidos tanto na constituição da literatura infantil brasileira quanto em seu estudo, e, assim, optei por abordar, na pesquisa da qual resultou esta dissertação, a proposta para o ensino da literatura infantil apresentada em *Compêndio de literatura infantil*: para o 3º ano normal*,* escrito pela professora e escritora baiana Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008) e publicado pela Companhia Editora Nacional (SP), com 1ª edição em 1959. A 2ª edição ampliada, data de 1961 e foi publicada pela editora Leia (SP); e a 3ª edição ampliada, sem indicação de data, foi publicada pelo Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) (SP).

A escolha desse compêndio se deveu aos seguintes motivos: é o primeiro específico para o ensino da literatura infantil publicado em língua portuguesa (COELHO, 2006); Bárbara Vasconcelos de Carvalho teve importante e pioneira atuação no ensino de literatura infantil

[12] Nesse documento, encontram-se reunidas 2025 referências de textos publicados por brasileiros entre 1874 e 2002, relativamente às cinco linhas de pesquisa do Gphellb. Desse total, 544 se referem à linha "Literatura infantil e juvenil". Esse projeto foi desenvolvido com apoio e auxílio CNPq e auxílio Fapesp.

nos cursos de formação de professores primários no Brasil; sua obra é bastante citada em estudos sobre literatura infantil, mas não há estudos pontuais sobre esse compêndio, nem sobre a vida e a obra da autora; e a proposta de ensino de literatura infantil apresentada nesse compêndio contribui para compreensão do movimento de constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil.

Mediante leitura de um exemplar do compêndio que escolhi para análise, formulei o seguinte problema de investigação: como que se caracteriza a proposta para o ensino da literatura infantil em *Compêndio de literatura infantil* (1959)[13], de Bárbara Vasconcelos de Carvalho?

A partir desse problema, formulei as seguintes questões norteadoras da pesquisa: quem foi Bárbara Vasconcelos de Carvalho, como se deu sua formação e sua atuação profissional? Com quais propósitos esse compêndio foi escrito? Quais os conhecimentos e saberes nele veiculado? A quem se destinava? Em que contexto histórico foi publicado e utilizado? Qual a repercussão desse compêndio nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, e quais suas contribuições para a constituição da literatura infantil como disciplina escolar?

A hipótese prévia que conduziu a pesquisa de que resultou esta dissertação é que nesse compêndio se encontra um conjunto de saberes relativos à literatura infantil considerados necessários para a formação do professor primário, no momento histórico em que foi publicado e utilizado; esses saberes foram sendo gradativamente estruturados, de acordo com os programas oficiais de ensino, contribuindo para a constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil.

Com o desenvolvimento da pesquisa e com os resultados parciais que obtive, os quais apresentei no exame geral de qualificação, pude avançar, por meio das contribuições da banca examinadora desse exame, em relação a essa hipótese prévia, ampliando-a para a tentativa de compreensão do modo como Bárbara V. de Carvalho apresenta os conhecimentos considerados necessários à formação do professor primário, relativamente à literatura infantil. Sendo assim, a hipótese norteadora que conduziu a pesquisa foi a de que, Bárbara V. de Carvalho reuniu em seu compendio um conjunto de saberes relativos à literatura infantil, considerados necessários à formação do professor primário, formulados por outros autores. Porém, mesmo sendo *Compêndio de literatura infantil* caracterizado pela divulgação da produção *sobre* literatura infantil formulada por outros autores, por esse compêndio ser o

[13] A fim de evitar repetições desnecessárias, utilizarei a seguinte forma para indicar o compêndio que analisei: *Compêndio de literatura infantil.*

primeiro específico para o ensino da literatura infantil, ele, de certo modo, "funcionou"[14] como uma teorização sobre o ensino da literatura infantil, tendo se tornado referência para outros autores de manuais de ensino de literatura infantil no Brasil.

A partir do problema, das questões norteadoras e da hipótese, defini como objetivos da pesquisa os seguintes:

- contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente.
- contribuir para a compreensão de um importante momento da história da formação de professores primários e do ensino de literatura infantil no Brasil;
- elaborar instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de* e *sobre* Bárbara Vasconcelos de Carvalho;
- analisar a configuração textual de *Compêndio de literatura infantil* (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho; e
- contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas.

A fim de alcançar esses objetivos e considerando o problema e a hipótese que defini para a pesquisa, utilizei conceitos operativos, os quais apresento a seguir, que se relacionam à abordagem histórica e à fundamentação teórica aqui propostas.

Considerando a dificuldade de se definir o conceito de literatura infantil devido à sua resistência "[...] ao enquadramento em definições precisas e à clara delimitação e descrição, situando-se numa espécie de limbo acadêmico, que o transforma, por vezes, em propriedade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém [...]" (CECCANTINI, 2004, p. 20), entendo literatura infantil como:

> [...] conjunto de textos — escritos por adultos para serem lidos por crianças e/ou jovens — que constituem um *corpus*/gênero historicamente oscilante entre o literário e o didático e que foram paulatinamente sendo denominados como "literatura infantil e/ou juvenil", em razão de certas características do *corpus* e certos funcionamentos sedimentados historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia. (MORTATTI, 2000a, p. 182)

No que diz respeito à especificidade da fonte documental selecionada como *corpus* da pesquisa – um compêndio –, é aqui compreendido no sentido em que utilizamos nas

[14] Considerar a "funcionalidade" do texto significa tratá-lo como processo social e lugar de conflitos, entendendo que: "Enquanto fato social em processo, a noção de texto inclui não só a escritura, edição e circulação, mas também sua leitura (utilização) (MAGNANI, 1989).

pesquisas desenvolvidas no âmbito do Gphellb, a saber: um tipo de livro didático destinado à utilização em cursos de formação de professores e que contém os saberes teóricos e práticos considerados necessários para que os professorandos aprendam a ensinar determinada disciplina ou matéria do curso primário. Nesse sentido, os compêndios são "concretizações" de propostas para o ensino de conteúdos específicos, nesse caso literatura infantil, elaborados em sintonia com urgências educacionais, sociais e políticas do momento histórico em que foram produzidos (MORTATTI, 2000b).

Com base em apontamentos de Trevisan (2003), é possível afirmar que o termo "compêndio" é empregado como equivalente a outros termos utilizados por outros autores, como: "manual de ensino", "tratado", "livro didático" e "manual pedagógico". Este último, de acordo com Silva (2003), refere-se a "[...] escritos que ordenam o conjunto de saberes a serem transmitidos aos normalistas, além de definirem com isso, determinados modos de transmissão e apreensão desses conhecimentos" (p. 36).

De modo geral, os compêndios ou manuais de ensino se caracterizam, principalmente, pela sistematização e adaptação do conhecimento teórico produzido por outros autores e, segundo Valdemarin (2010), os autores de compêndio ou manuais de ensino:

> Leem as proposições teóricas e, consequentemente, as inovações a partir de sua experiência profissional com a qual passam a habitá-las e apropriam-se delas como usuários, como professores. A teoria, esse apartamento alugado, é transformada em procedimentos reconhecíveis e familiares conjugados a elementos novos impostos pela necessidade de inovar. (VALDEMARIN, 2010, p. 27).

Embora os compêndios ou manuais de ensino se caracterizem por esse processo descrito por Valdemarin (2010), Carvalho (2006, 2007), por meio da análise dos manuais de pedagogia que circularam no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, considera que os compêndios ou manuais de ensino, de modo geral, apresentam características que permitem classificá-los de diferentes modos, considerando as características que apresentam para disseminar determinados saberes pedagógicos.

Para Carvalho (2006, 2007), os manuais de ensino podem ser classificados como: "tratados", que são os que compendiam teorias sobre um campo de saber, "[...] expondo-as analiticamente por meio de argumentos de autoridade e exemplos." (CARVALHO, 2006, p. 8); "caixas de utensílios", que apresentam uma espécie de rotina ou fornecem "[...] ao professor 'coisas para usar' na sala de aula, compondo um programa curricular [...]" (CARVALHO, 2006, p. 3); e "guias de aconselhamento", que são os que apresentam "conselhos" baseados em princípios morais e com base em experiências práticas na escola.

Como a pesquisa que desenvolvi e da qual resultou esta dissertação situa-se na fronteira de dois campos de conhecimento — "Literatura infantil" e "Formação de professores" —, cabe explicar que entendo esse último como o "[...] preparo específico para o desenvolvimento da função de ensinar." (LABEGALINI, 2005, p. 16).

Sobre a expressão "formação de professores primários", a utilizo em referência aos professores formados em cursos normais, responsáveis pelo nível de escolarização, que, a partir da Lei 5.692, de 1971, passou a se denominar 1ª. à 4ª. série do 1°. Grau e que atualmente denomina-se 1°. ao 5°. ano do ensino fundamental.

Em relação ao método de investigação, optei pela abordagem histórica, que na área da Educação, se refere a:

> [...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação. (MORTATTI, 1999, p. 73).

Para pensar a pesquisa de abordagem história na área da Educação, utilizo, especialmente, as contribuições da "história cultural", que, segundo Chartier (1990), "[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990, p.16-17). Por isso, o trabalho historiográfico, "[...] deve-se ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados" (p. 131), pois a leitura:

> [...] como um acto concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas [...] e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais (CHARTIER, 1990, p. 25-26).

A essas contribuições, acrescento as de Vieira, Peixoto e Khoury (2002), que consideram que desenvolver pesquisa histórica significa:

> [...] recuperar a totalidade, é fazer com que o objeto apareça no emaranhado de suas mediações e contradições; é recuperar como este objeto foi constituído, tentando reconstituir sua razão de ser ou aparecer a nós segundo experiência social, em vez de determiná-lo em classificações e compartimentos fragmentados. (p. 10-11).

A opção por essa abordagem histórica demanda a utilização de fontes documentais, pois, segundo Le Goff, "Enquanto *conhecimento* do passado [...] a história não teria sido

possível se este último não tivesse deixado traços, monumentos, suportes da *memória* coletiva." (2003, p. 525, grifos do autor). Ainda segundo Le Goff (2003),

> O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2003, p. 538),

O documento, no desenvolvimento da pesquisa de abordagem histórica, é mediador na produção do objeto de investigação (MORTATTI, 1999) e pode-se tomá-lo:

> [...] como portador de testemunhos de época de natureza diversa — textos escritos, objetos, fotografias, etc. — e, simultaneamente, como elaboração histórica resultante de escolha motivada pelo ponto de vista do pesquisador, que elege, dentre um conjunto disponível, determinados documentos como fontes de investigação. (MORTATTI, 1999, p. 73).

Em decorrência da possibilidade de utilização de diversas fontes documentais para o desenvolvimento de pesquisas históricas, segundo Bellotto (1979), "[...] pela própria essência do método histórico, a atitude primeira [do historiador] será o conhecimento prévio dos testemunhos." (BELLOTTO, 1979, p. 136).

Para Bellotto (1991), uma das formas de se chegar a esse "conhecimento prévio dos testemunhos" é por meio da elaboração de instrumentos de pesquisa, que "[...] são vitais para o processo historiográfico. Escolhido um tema e aventadas as hipóteses de trabalho, o historiador passa para o como e o onde." (BELLOTTO, 1991, p. 104). Além disso, os instrumentos de pesquisa podem abreviar etapas do trabalho do pesquisar e auxiliar na tomada de decisões para o encaminhamento da pesquisa.

De acordo com López (2002), o instrumento de pesquisa apresenta-se na forma de guia, inventário, catálogo ou indíce e, por isso, se caracteriza como "[...] obra de referência, publicada ou não, que identifica, localiza, resume ou transcreve, em diferentes graus e amplitudes, fundos, grupos, séries e peças documentais existentes num [ou mais] arquivo permanente [...]" (DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 1996, p. 45),

Com base nessas considerações, elaborei um instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2010) e, a partir dele, defini *Compêndio de literatura infantil* como fonte documental da pesquisa, que é aqui tratada como "configuração textual":

> [...] resultante de um trabalho discursivo, consciente ou não, de determinado(s) sujeito(s) do momento histórico em que foi produzido, assim como de seus pósteros, para os quais continuam a existir, manipulados seja pelo combate acusatório, seja pelo esquecimento silencioso nem sempre inocente. (MORTATTI, 2000b, p. 30).

Como *Compêndio de literatura infantil* é aqui tratado como "configuração textual", utilizo o método de análise proposto por Mortatti (2000b), que decorre desse conceito, e que consiste na análise do:

> [...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (p. 31).

Segundo Mortatti (2000a, p.15), por meio do método de análise da "configuração textual" busca-se a "[...] construção de uma representação, a partir da problematização de outras representações construídas e tomadas como *corpus*, mas que não devem ser confundidas como o objeto de investigação, uma vez que não são 'dados' e 'só falam, quando se sabe interrogá-los'". Esse processo de "construção de representação", mencionado por Mortatti (2000b), envolve, necessariamente,

> [...] a constitutividade e mediação da linguagem, [...] ou seja, envolve a produção de significados e sentidos, desde os processos de recuperação, reunião, seleção e análise do *corpus* até a produção do texto final da pesquisa. E todo ato de interpretação, enquanto síntese, demanda a análise integrada dos aspectos constitutivos da configuração textual "saturada de agoras" e "objeto singular e vigoroso", que dele possa produzir uma leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses, ou seja, a partir de seu necessário envolvimento. (MORTATTI, 2000a, p. 15).

Em relação ao trabalho historiográfico de análise de documentos, Starobinsky (1976) considera que: "A investigação que restitui, a curiosidade do historiador vai fazer transparecer, na obra acabada, todo o seu passado discernível, suas versões precedentes, seus esboços, seus modelos confessos ou inconfessos." (p. 133). Ainda segundo esse autor:

> A pesquisa histórica, se não for unicamente motivada pela atração do achado ocasional, tem essa conseqüência benéfica de aumentar a informação pela qual um mundo se acrescenta a uma obra, — um mundo talvez exterior a ela, um mundo em que, face ao objetivo alcançado, multiplicam-se os atos e as palavras frustradas, as tentativas inacabadas [...]. (STAROBINSKY, 1976, p. 134).

Articuladamente à abordagem histórica, aqui proposta, utilizo as contribuições de Chervel (1990), relativamente à história das disciplinas escolares. Segundo Chervel (1990, p. 180), uma disciplina "[...] é igualmente, para nós, em qualquer campo que se encontre, um

modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte", ela constitui os "[...] modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos." (CHERVEL, 1990, p. 186).

Em relação à abordagem histórica das disciplinas escolares, Chervel (1990) propõe que a primeira atitude do historiador deve ser o estudo dos conteúdos explícitos do ensino

> [...] todas as disciplinas, ou quase todas, apresentam-se sobre esse plano como *corpus* de conhecimentos, providos de lógica interna, articulados em torno de alguns temas específicos, organizados em planos sucessivos claramente distintos e desembocando em algumas idéias simples e claras, ou em todo caso encarregadas de esclarecer a solução de problemas mais complexos. (CHERVEL, 1990, p. 203).

Além das contribuições de Chervel (1990), utilizo, também, as contidas no livro *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo/1876-1994, de Mortatti (2000b), relativamente à história do ensino da leitura e escrita, no período de 1876 a 1994, que, embora não relacionadas diretamente à literatura infantil e à formação de professores, as considerei como matriz teórica para o desenvolvimento da pesquisa de que resultou esta dissertação.

Nesse livro, Mortatti (2000b) teve como objetivo compreender os sentidos que foram sendo atribuídos à alfabetização e, para tanto, analisou a "configuração textual" de documentos de diferentes naturezas, o que a possibilitou propor a história do ensino da leitura e escrita, no período abordado, em quatro momentos "cruciais". Desses quatro momentos "cruciais", *Compêndio de literatura infantil* dialoga diretamente como o terceiro momento[15], compreendido entre meados de 1920 e final de 1970, que se caracteriza pela "relativização" dos métodos de ensinos e pela disseminação das práticas de medida do nível de maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita contidas no livro *Testes ABC:* para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita, de Manoel Bergström Lourenço Filho (1934).

---

[15] Em relação aos demais momentos "cruciais" propostos por Mortatti (2000b), têm-se: 1°. momento (1876 a 1890) – "Metodização do ensino da leitura" – caracterizado pela defesa do professor de Português da Escola Normal de São Paulo, Antonio da Silva Jardim, que considerava o "método João de Deus", baseado na palavração, contido em *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita pelo poeta português João de Deus e publicada, em Portugal, em 1876, como o mais científico e moderno método para o ensino inicial da leitura e escrita em relação aos "antigos" métodos sintéticos (alfabético, fônico e silábico); 2°. momento (1890 a 1920) – "A institucionalização do método analítico" – caracterizado pela proposição e institucionalização do método analítico para o ensino inicial da leitura e da escrita, permanecendo a disputa entre os defensores do "moderno" método analítico e os defensores dos "antigos" métodos sintéticos. Ocorreu, ainda, segundo Mortatti (2000a), uma disputa entre os defensores de diferentes formas de processar o método analítico: a "palavração", a "silabação" ou a "historieta", caracterizando a disputa entre "modernos" e "mais modernos"; 4°. momento (final da década de 1970) – "Alfabetização: construtivismo e desmetodização" – caracterizado pela "defesa" do processo de aprendizagem dos alunos sob a perspectiva da teoria construtivista em alfabetização, resultante das pesquisas de Emilia Ferreiro e colaboradores e em oposição aos defensores dos métodos "tradicionais" (analíticos, sintéticos ou mistos).

Sobre os procedimentos metodológicos, coerentemente com a abordagem histórica proposta e com base no livro de Mortatti (2000b), optei pela pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante utilização dos procedimentos de: localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais; e de leitura de bibliografia especializada, em especial com abordagem histórica, sobre literatura infantil, formação de professores e aspectos correlatos, tais como: características do momento histórico-educacional e das editoras do compêndio em análise e suas relações com a expansão da instrução pública, dentre outros que se fizerem necessários para a análise da configuração textual.

Os demais textos *de* Bárbara Vasconcelos de Carvalho e os textos produzidos por outros autores, contendo menções a ela e/ou citações de textos seus, foram aqui utilizados como fontes documentais auxiliares para a análise da "configuração textual" de *Compêndio de literatura infantil*, cujos resultados apresento nesta dissertação.

CAPÍTULO 1

MANUAIS E CAPÍTULOS PARA O ENSINO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

1.1 Autores de manuais e capítulos para o ensino da literatura infantil

Como mencionei na introdução desta dissertação, desde que literatura infantil constituiu-se como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil, alguns professores passaram a escrever e ter publicados manuais de ensino de literatura infantil e capítulos sobre literatura infantil contidos em manuais de ensino de língua e literatura.

Como resultado das atividades que desenvolvi na Iniciação Científica, reuni, mediante utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação, um conjunto de referências desses manuais e capítulos sobre literatura infantil, cuja análise permitiu identificar um total de 23 diferentes autores de manuais e capítulos sobre literatura infantil, que tiveram atuação profissional em diferentes áreas da educação.

Segundo Bittencourt (2004), pensar a história do livro didático, nesse caso, os manuais de ensino de literatura infantil, inclui pensar o autor e a sua função na produção específica desse tipo de livro. Ainda segundo Bittencourt (2004, p. 478), "Foucault coloca o autor como personagem importante ao fornecer um nome próprio às obras e acentua o caráter de responsabilidade que presume um estado de direito e, portanto, sujeito a sanções penais como proprietário de uma obra literária.".

Segundo Miranda e Cascais (2006, p. 21):

> O nome do autor não é um nome próprio como qualquer outro, mas antes um instrumento de classificação de textos e um protocolo de relação entre eles ou diferenciação face a outros, que caracteriza um modo particular de existência do discurso, assinalando o respectivo estatuto numa cultura dada.

Com base nas considerações de Bittencourt (2004) e Miranda e Cascais (2006) e a fim de contribuir para a compreensão de aspectos relativos à história do ensino da literatura infantil no Brasil, considero importante apresentar aspectos relevantes e que pude localizar, em relação à formação e atuação profissional dos autores mencionados.

Dos 23 autores de manuais e capítulos sobre literatura infantil, nove são autores de manuais de ensino de literatura infantil e 14 são autores de capítulos sobre literatura infantil.

Os autores de manuais de ensino são: Antônio d'Ávila; Bárbara Vasconcelos de Carvalho; Fanny Abramovich; José Benedicto Pinto; Lúcia Pimentel Góes; Manoel Cardoso; Maria Antonieta Antunes Cunha; Martina Sanches; e Therezinha J. Franco Farah.

Os autores de capítulos em manuais de ensino são: Afrânio Peixoto; Alaíde Lisboa de Oliveira; Aldo de Assis Dias; Antenor Santos de Oliveira; Conceição Perkles Monteiro; Consuelo da Silva Dantas; Hernâni Donato; Jeaneta Budin; Júlio Gouveia; Lenyra C.

Fraccaroli; Maria Helena Cozzolino Oliveira; Nelly Novaes Coelho; Orlando Leal Carneiro; Thales Castanho de Andrade;

Dentre esses 23 autores, duas — Maria Helena Cozzolino Oliveira e Conceição Perkles Monteiro — são coautoras do capítulo "Literatura infantil", do manual de ensino *Metodologia da linguagem* (1980).

Dos 14 autores de capítulos, Aldo de Assis, Antenor Santos de Oliveira, Consuelo da Silva Dantas, Hernâni Donato, Júlio Gouveia, Lenyra C. Fraccaroli e Thales Castanho de Andrade são os que tiveram os seus respectivos capítulos publicados em um mesmo livro — *Curso de literatura infantil* [1958] —, que considerei ter "funcionado" como um manual de ensino.

Ressalto que, apesar do esforço em tentar localizar informações sobre todos os autores de manuais e capítulos sobre literatura infantil, não localizei a mesma quantidade de informações referentes a todos os autores e, em alguns casos, não localizei nenhuma informação.

Em relação aos autores sobre os quais não localizei nenhuma informação, têm-se: Maria Helena Cozzolino Oliveira; Conceição Perkles Monteiro; Therezinha J. F. Farah; José Benedicto Pinto; Antenor Santos de Oliveira; Consuelo da Silva Dantas e Aldo de Assis.

Como o compêndio de autoria de Bárbara V. de Carvalho consiste no *corpus* documental da pesquisa de que resultou esta dissertação, optei por apresentar as informações sobre sua formação e atuação profissional apenas no Capítulo 3.

Afrânio Peixoto[16] nasceu na cidade de Lençóis-BA, em 1876, e diplomou-se médico aos 21 anos de idade, em 1897, pela Faculdade de Medicina da Bahia. (LOPES, 2002). Em relação à sua atuação profissional, além de professor da Faculdade de Medicina da Bahia, foi: diretor da Escola Normal do Distrito Federal; Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal; e Reitor da Universidade do Distrito Federal (LOPES, 2002). No ano de 1947, faleceu Afrânio Peixoto, "[...] escritor, médico e educador, [...] e [autor] de uma das mais numerosas e variadas bibliografias brasileiras da metade do século." (LOPES, 2002, p. 663).

Alaíde Lisboa de Oliveira nasceu na cidade de Lambari-MG, em 1904, e diplomou-se professora pela Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, de Belo Horizonte-MG. Em relação à sua atuação profissinal, atuou como: professora primária durante o anos de 1930; professora de Português no Instituto de Educação de Belo Horizonte-MG, durante 18 anos; professora de "Didática Geral e Especial de Português", no Colégio de Aplicação de Belo

[16] Optei por organizar a apresentação dos autores em ordem alfabética de seus prenomes, para tornar mais ágil a localização das informações.

Horizonte-MG; e coordenadora do curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (COELHO, 1983). Além de professora e autora de manual de ensino, Alaíde Lisboa de Oliveira também foi autora de livros *de* literatura infantil (COELHO, 1983).

Antônio d'Ávila[17] nasceu na cidade de Jaú-SP, em 1903, realizou seus estudos primários em grupos escolares na cidade de São Paulo e diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo, em 1920. (TREVISAN, 2003). Durante as décadas de 1920 e 1930, Antônio d'Ávila atuou como professor em cidades do interior do estado de São Paulo e, a partir de 1931, passou a atuar na capital do estado, como professor de Escola Normal Livre. (TREVISAN, 2007). Em 1989, aos 86 anos de idade, Antônio d'Ávila faleceu na cidade de São Paulo.

Fanny Abramovich nasceu na cidade de São Paulo, formou-se em Pedagogia pela Universidade de São Paulo e atuou, inicialmente, como professora de crianças. (COELHO, 2006). "Nos anos de 1966-1968, como o endurecimento do governo militar, foi estudar em Paris. Ao voltar, abriu uma escolinha de artes para crianças. Tornou-se jornalista, escrevendo sobre livros, tevê e discos para pequenos." (COELHO, 2006, p. 253). Além de autora de um manual de ensino, Fanny Abramovich foi "Escritora, jornalista, [e] crítica literária [...]" (COELHO, 2006, p. 253).

Hernâni Donato nasceu na cidade de Botucatu-SP, em 1922, matriculou-se na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1940, e, em 1942, foi contratado para lecionar como professor de "Merceologia" e "Tecnologia Merceológica" da Escola Técnica de Comércio "Nossa Senhora de Lourdes", de Botucatu-SP (MELLO, 1954). Dentre os cargos ocupados por Donato, destacam-se: professor da cadeira "Português", da Escola Técnica de Comércio "Nossa Senhora de Lourdes", de Botucatu-SP; redator e diretor de diversos jornais e revistas; e professor de "Geografia Humana" na Escola de Formação de Líderes Sindicais (COELHO, 1983).

Até o momento de elaboração desta dissertação, as únicas informações que localizei sobre J. Budin[18] são as apresentadas em artigo e TCC de autoria de Sales (2009), segundo a qual, Jeanetta Budin nasceu em 1914 e faleceu em 1953 e foi professora catedrática do Instituto de Educação do Distrito Federal, tendo atuado como professora de língua portuguesa, na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1940 e 1950. (SALES, 2009). Ainda segundo Sales (2009), durante o desenvolvimento de sua pesquisa, ela localizou

[17] Para informações mais detalhadas sobre Antônio d'Ávila, ver, especialmente: Trevisan (2003, 2007).
[18] Para informações mais detalhadas sobre J. Budin, ver, especialmente: Sales (2009a, 2009b)

diferentes formas de se grafar o nome de J. Budin. Apesar dessas diferenças, segundo Sales (2009), em documentos do Instituto de Educação do Distrito Federal, local onde atuou J. Budin, consta a forma "Jeanetta Budin", motivo pelo qual optei por utilizar essa forma e não as demais que também são apresentadas por Sales (2009).

Até o momento de elaboração desta dissertação, não localizei muitas informações sobre a formação e atuação profissional de Júlio Gouveia, apenas localizei as informações contidas na seção "Biografias" do *site Pró-TV* – Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da TV Brasielira (PRÓ TV, s.d.). De acordo com as informações contidas nesse *site*, Júlio Gouveia nasceu em 1914, formou-se em Medicina e posteriormente se especializou em Psiquiatria. Juntamente com Tatiana Belinky, criou a versão televisiva de *O sítio do pica-pau amarelo*, exibida pela TV Paulista, em 1952. Além dessas adaptações, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky adaptaram para a televisão os seguintes livros: *Pollyana,* de Eleanor Porter; *O pequeno lorde*, de Frances Hodgson Brunett; *Heidi*, de Johanna Spyri; e *A moreninha*, de José de Alencar (PRO TV, s.d.). Após vários anos se dedicando à televisão brasileira, Julio Gouveia resolveu se afastar da vida artística e passou a atuar apenas como médico (PRO TV, s.d.) e, aos 74 anos de idade, em 1988, faleceu de um infarto.

De acordo com Coelho (1983), Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli nasceu na cidade de Rio Claro-SP, em 1908. Porém, de acordo com informações contidas no *Dicionário de Autores Paulistas* (MELLO, 1954), Lenyra Fraccaroli nasceu na cidade de Anápolis-GO, em 1908, e realizou seus estudos primários na cidade de Rio Claro-SP. Lenyra Fraccaroli diplomou-se professora, em 1932, pela Escola Normal "Caetano de Campos", na cidade de São Paulo-SP, e, em 1940, diplomou-se em Biblioteconomia pela Faculdade de Sociologia de São Paulo (MELLO, 1954). Em relação à sua atuação profissional, Fraccaroli atuou na organização da biblioteca da Escola Normal "Caetano de Campos", foi "Nomeada inspetora nessa Escola, exerceu esse cargo durante dois meses, quando, em julho de 1935, foi convidada pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal para organizar a primeira Biblioteca Infantil do Estado de São Paulo (COELHO, 1983).

Lúcia Pimentel de Sampaio Góes[19] nasceu na cidade de Amparo-SP, em 1934, e graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1958, pela Universidade de São Paulo (USP). No ano de 1981, concluiu o mestrado em Letras, na USP, e doutorou-se em Letras, também pela USP, no ano de 1989, ambas as pesquisas desenvolvidas sob orientação de Nelly Novaes Coelho (GOES, 2009). Atualmente Lúcia Pimental Góes é Professora Livre-docente da USP

[19] Para a apresentação das informações sobre Lúcia Pimentel Góes, consultei o *Curriculum vitae* da autora (GÓES, 2009).

e, além de autora de manual de ensino de literatura infantil, é autora de diversos artigos em periódicos, livros *sobre* literatura infantil e educação e é autora de vários livros *de* literatura infantil, pelos quais recebeu alguns prêmios (GÓES, 2009).

Manoel Cardoso nasceu na cidade de Nossa Senhora das Dores-SE, em 1932, iniciou seus estudos primários no estado do Sergipe e posteriormente mudou-se para a cidade de São Paulo-SP, onde se graduou em Letras, em 1960, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP. (COELHO, 2006). "Professor, poeta, compositor e participante de atividades ligadas à cultura [...]" (COELHO, 2006, p. 509), Manoel Cardoso escreveu diversas crônicas, poemas e contos para jornais de Sergipe e São Paulo (COELHO, 2006). Além disso, participou e organizou diversos eventos culturais na cidade de São Paulo, fez parceria com os maestros Alpheu Piedade e Desideriu Romaneck Filho, para compor contos folclóricos e trabalhou em programas de televisão da TV Cultura, do estado de São Paulo (COELHO, 2006).

Martina Sanches nasceu na cidade de Pirajú-SP, em 1937, concluiu o curso normal, em 1956, no Instituto de Educação "Cel. Nhonhô Braga", de Pirajú-SP, e ingressou, em 1957 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, onde cursou licenciatura em Geografia. (COELHO, 1983). No ano de 1962, ela passou a atuar como professora de 1º. e 2º. graus e, no ano de 1979, assumiu a cadeira "Geografia e Estudos Sociais" na E.E.P.G "Ataliba Leonel", de Pirajú. (COELHO, 1983). Martina Sanchez também licenciou-se em Pedagogia Educacional e participou da reforma do ensino do Estado de São Paulo, para a implantação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional nº. 5692, de 1971. (COELHO, 1983). Além de atuar como professora e ocupar cargos adminstrativos na educação paulista, Sanchez foi autora de livros de literatura infantil. (COELHO, 1983).

Maria Antonieta Antunes Cunha atuou como professora adjunta da Faculdade de Letras da UFMG, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras, e atuou como professora de "Comunicação e Expressão" do Instituto de Educação de Minas Gerais. De acordo com informações disponíveis no *site* da 13ª. Jornada Nacional de Literatura, Maria Antonieta Antunes Cunha atuou como professora dos cursos de Biblioteconomia, de Educação e de Comunicação da UFMG[20], criou e dirigiu a Biblioteca Pública Infantil de Belo Horizonte-MG, atualmente exerce a função de presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte-MG e coordena os cursos de especialização em Literatura infantil e Arte-

[20] No *site* da 13ª. Jornada Nacional de Literatura não há maiores informações sobre esses cursos. Também não pude confirmar se eles realmente têm essa denominação.

Educação da Pontifica Universidade Católica de Minas Gerais (JORNADA NACIONAL DE LITERATURA, s.d.).

Nelly Novaes Coelho[21] nasceu na cidade de São Paulo, em 1922, graduou-se em Letras Neolatinas pela USP, em 1959, e doutorou-se em Letras, em 1967, também pela USP. Na década de 1960, Nelly Novaes Coelho atuou junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília-SP (FFCL) e, segundo Castro (2005), em 1962, planejou e executou a organização do Departamento de Didática da FFCL. Além de autora de manual de ensino, Nelly Novaes Coelho teve publicados 78 artigos em periódicos, 28 livros e 36 capítulos de livros, sendo a grande maioria relacionado com a literatura infantil brasileira (COELHO, 2004).

Até o momento de elaboração desta dissertação, não localizei muitas informações sobre a formação e atuação profissional de Orlando Leal Carneiro apenas localizei as informações contidas no TCC *Um estudo sobre* ***Metodologia da linguagem*** *(1955), de Orlando Leal Carneiro* (GALUZZI, 2006). Segundo Galuzzi (2006), Orlando Leal Carneiro nasceu em 1893 e faleceu em 1977 e atuou como professor catedrático da disciplina "Metodologia da linguagem", na Universidade Católica e no Instituto de Educação do Distrito Federal, e foi "[...] chefe Distrito Educacional da prefeitura do Rio de Janeiro, por cinco anos".

Thales Castanho de Andrade[22] nasceu, em 1890, atuou no magistério do interior do estado de São Paulo e atuou como Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo (COELHO, 1983). Além disso, Thales Castanho de Andrade atuou na organização de uma coleção para a Companhia Editora Melhoramentos (SP) e é autor de "[...] dezenas de estórias infantis, onde ecoam as mais diversas fontes por ele aproveitadas." (COELHO, 1983, p. 861).

Apresento, no Quadro 1, a relação dos autores de manuais de ensino ou capítulos sobre literatura infantil, produzidos por brasileiros entre 1923 e 1991.

[21] Para a apresentação das informações sobre Nelly Novaes Coelho, consultei o *Curriculum vitae* da autora (COELHO, 2004).
[22] Para informações mais detalhadas sobre Thales Castanho de Andrade, ver, especialmente: Carradore (2004).

QUADRO 1 - Autores de manuais ou de capítulos sobre literatura infantil, por tipo de texto[23]

TIPO DE TEXTO / AUTOR	MANUAIS DE LITERATURA INFANTIL	CAPÍTULOS SOBRE LITERATURA INFANTIL	TOTAL POR AUTOR
ABRAMOVICH, Fanny	1	-	1
ANDRADE, Thales Castanho de	-	1	1
BUDIN, J.	-	1	1
CARDOSO, Manoel.	1	-	1
CARNEIRO, Orlando Leal.	-	1	1
CARVALHO, Bárbara V. de.	1	-	1
COELHO, Nelly Novaes	-	1	1
CUNHA, Maria A. Antunes.	2	-	2
D´ÁVILA, Antônio	1	1	2
DANTAS, Consuelo da Silva	-	1	1
DIAS, Aldo de Assis	-	1	1
DONATO, Hernâni	-	1	1
FARAH, Therezinha J. F.	1	-	1
FRACCAROLI, Lenyra C.	-	1	1
GÓES, Lúcia Pimentel	1	-	1
GOUVEIA, Júlio de	-	1	1
OLIVEIRA, Antenor S. de	-	1	1
OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de	-	1	1
OLIVEIRA; Maria H. C.; MONTEIRO, Conceição P.[24]	-	1	1
PEIXOTO, Afrânio	-	1	1
PINTO, José Benedicto	1	-	1
SANCHEZ, Martina	1	-	1
Total por tipo de texto	**10**	**14**	-
TOTAL GERAL			**24**

Fonte: *Manuais de ensino de literatura infantil:* um instrumento de pesquisa. (OLIVEIRA, 2009a).

Por meio dos dados apresentados no Quadro 1, é possível observar que o único autor que teve publicados um manual de ensino de literatura infantil e um capítulo sobre literatura infantil foi Antônio d'Ávila. Trata-se, respectivamente, do manual de ensino *Literatura infanto-juvenil:* de acôrdo com o programa das escolas normais (1961)[25]; e do capítulo "Literatura infanto-juvenil" contido no manual *Práticas escolares:* de acordo com o programa de prática do ensino do curso normal e com orientação do ensino primário (1954).

[23] Para a elaboração dos quadros que apresento neste capítulo, considerei apenas uma edição de cada título: ou a 1ª. edição ou a mais antiga que localizei.

[24] Optei por deixar juntos os nomes dessas autoras pelo fato de elas terem escritos em co-autoria o texto a que me refiro nesse quadro.

[25] De acordo com Mello Neto (1990), *Literatura infanto-juvenil*: de acôrdo com o programa das escolas normais, de Antônio d'Ávila, teve sua 1ª. edição publicada em 1958. Porém, de acordo com informações que localizei em bases de dados disponíveis *on-line* e por meio de consulta a acervos físicos, pude constatar que a data da 1ª. edição é de 1961 por isso, utilizarei a data de 1961 como sendo a data da 1ª. edição desse manual.

Ainda de acordo com os dados apresentados no Quadro 1, a grande maioria dos autores de manuais tem apenas um título publicado no período entre 1923 e 1991 e apenas uma autora — Maria Antonieta Antunes Cunha — teve dois títulos publicados: *Como ensinar literatura infantil* (1968) e *Literatura infantil:* teoria & prática (1983).

Dentre os autores de manuais de ensino de literatura infantil, Antenor Santos de Oliveira é o único organizador de um livro e também autor de um dos artigos que integram esse livro.

Apresento, no Quadro 2, a relação dos autores e respectivos títulos de manuais de ensino e capítulos sobre literatura infantil, produzidos por brasileiros entre 1923 e 1991, organizados por década de publicação.

QUADRO 2 - Autores e respectivos títulos de manuais e/ou capítulos sobre literatura infantil, por década de publicação

DÉCADA DE PUBLICAÇÃO	AUTOR	TÍTULO DO MANUAL DE ENSINO	TÍTULO DO CAPÍTULO SOBRE LITERATURA INFANTIL
1920	PEIXOTO, A.	-	"Literatura infantil".
1940	BUDIN, J.	-	"Literatura infantil".
1950	CARNEIRO, O. L.	-	"A literatura na Escola".
	OLIVEIRA, A. S. de.	-	"A literatura infantil através dos tempos"
	ANDRADE, T. C. de	-	"A arte de escrever para a infância"
	DANTAS, C. da. S.	-	"Aspectos da literatura infantil na escola primária"
	DIAS, A. A.	-	"Influência da má literatura na infância e juventude"
	GOUVEIA, J. de	-	"Teatro infantil"
	FRACCAROLI, L. C.	-	"Organização e funcionamento de uma biblioteca escolar"
	DONATO, H.	-	"O folclore – base da literatura infantil"
	CARVALHO, B. V. de	*Compêndio de literatura infantil*	-
	D'ÁVILA, A.	-	"Literatura infanto-juvenil"
1960	D'ÁVILA, A.	*Literatura infanto-juvenil*	-
	PINTO, J. B.	*Pontos de literatura infantil*	-
	COELHO, N. N.	-	"O ensino da literatura infantil"
	CUNHA, M. A. A.	*Como ensinar literatura infantil*	-
1980	OLIVEIRA, A. L. de	-	"Ler: leitura e literatura"
	CUNHA, M. A. A.	*Literatura infantil:* teoria & prática	-
	OLIVEIRA, M. H. C.; MONTEIRO, C. P.	-	"Literatura infantil".
	GÓES, L. P.	*Introdução à literatura infantil e juvenil*	-
	ABRAMOVICH, F.	*Literatura infantil:* gostosuras e bobices	-
1990	CARDOSO, M.	*Estudos de literatura infantil*	-
[19--]	FARAH, T. J. F.	*Prática da literatura infantil na escola primária*	-
	SANCHEZ, M.	*Pequeno tratado da literatura infantil e infanto-juvenil*	-

Fonte: *Manuais de ensino de literatura infantil:* um instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2009a).

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 2 e considerando que o livro *Ensinar a ensinar:* ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional (1923) "funcionou" como manual de ensino, é possível afirmar que Afrânio Peixoto é autor do primeiro capítulo sobre literatura infantil.

Seguido de Afrânio Peixoto, os primeiros autores de capítulos sobre literatura infantil são: J. Budin, autora de um manual de ensino de metodologia da linguagem, publicado em 1949, que contém um capítulo sobre literatura infantil; Orlando Leal Carneiro, também autor de um manual de ensino de metodologia da linguagem, publicado na década de 1950, que contém um capítulo sobre literatura infantil; e os autores dos capítulos que compõem o livro *Curso de literatura infantil*, Aldo de Assis, Antenor Santos de Oliveira, Consuelo da Silva Dantas, Hernâni Donato, Júlio Gouveia, Lenyra C. Fraccaroli e Thales Castanho de Andrade.

De acordo com os dados apresentados no Quadro 2, o autor do manual de ensino mais recente que localizei é Manoel Cardoso, autor de *Estudos de literatura infantil,* publicado em 1991.

Ainda de acordo com os dados apresentadas no Quadro 2, constata-se que, dos 23 autores de manuais de ensino ou capítulos sobre literatura infantil, 13 são mulheres e dez são homens. Até a década de 1950, a predominância era de autores homens — oito homens e quatro mulheres — e, a partir da década de 1960, passa a ser de mulheres — dois homens e nove mulheres. Esse fato pode estar relacionado com o processo de "feminização" do magistério, ocorrido, gradativamente, ao longo do século XX (CHAMON, 2005).

1.2 Aspectos da publicação de manuais de literatura infantil e manuais que contêm capítulos sobre literatura infantil

Segundo Mortatti (2000b),

> [...] acompanhando o anseio de nacionalização e o novo "clima cultural da década de vinte", a novidade, a partir de 1930, é a sedimentação de uma produção mais sistemática e freqüente de educadores brasileiros – e, dentre esses, paulistas -, que, abordando questões pedagógicas [...] passam a circular [...] sob a forma de: livros de divulgação, contendo ensaios, relatórios de pesquisas experimentais ou propostas de ensino originais; e manuais de ensino para o uso especialmente em escolas normais e institutos de educação. (p. 197.)

Ainda segundo Mortatti (2000b), "[...] trata-se de um material produzido por autores brasileiros – sobretudo atuando em São Paulo e Rio de Janeiro – e especialmente destinados à utilização em cursos de formação de professores primários [...]" e que foram utilizados

> [...] desde o século XIX nas mais diversas partes do mundo [...] onde houve esforços para democratizar as oportunidades escolares. Tais impressos foram leituras obrigatórias, sobretudo entre aquelas pessoas que não tiveram acesso a graus mais elevados de instrução e que, para ingressarem na carreira docente, limitaram seus estudos ao âmbito das Escolas Normais ou do preparo para admissão na carreira do magistério. (SILVA, 2003, p. 44-45).

Esses manuais, que se destinavam a "ensinar" os professorandos a ensinarem os conteúdos de ensino,

> [...] sustentaram a profissão docente cuja constituição foi palco de lutas intensas de afirmação social e institucional de novos campos e disciplinas científicas. [...] A (re)produção, circulação e apropriação dos conteúdos dos manuais pedagógicos estiveram, portanto, relacionados também às vicissitudes da institucionalização das Escolas Normais e da constituição de campos acadêmicos usados na área educacional. (SILVA, 2005, p. 27).

Para a compreensão dos aspectos relacionados a produção dos manuais e capítulos sobre literatura infantil no Brasil, elaborei o Quadro 3, no qual apresento o número de manuais de ensino de literatura infantil e capítulos sobre literatura infantil, ordenados por décadas de publicação.

QUADRO 3 – Manuais e capítulos sobre literatura infantil, ordenados por década de publicação

MANUAL / DÉCADA	MANUAIS DE ENSINO DE LIT. INFANTIL	MANUAIS QUE CONTÊM CAPITULOS SOBRE LIT. INFANTIL	TOTAL POR DÉCADA
1920-1929	-	1	1
1930-1939	-	-	-
1940-1949	-	1	1
1950-1959	1	3	4
1960-1969	3	1	4
1970-1979	-	-	-
1980-1989	3	2	5
1990-1999	1	-	1
[19--]	2	-	2
Total por Seção	**9**	**8**	**-**
Total geral	**17**		

Fonte: *Manuais de ensino de literatura infantil:* um instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2009a).

Pelos dados apresentados no Quadro 3, pode-se afirmar que, até a década de 1950, foram publicados apenas capítulos sobre literatura infantil e, a partir dessa década, passaram a ser publicados os manuais específicos para o ensino da literatura infantil.

Ainda na década de 1950, especificamente no ano de 1959, foi publicado *Compêndio de literatura infantil*, de Bárbara V. de Carvalho, primeiro compêndio específico

para o ensino de literatura infantil. Nesse ano, além da publicação desse compêndio, foram publicados outros três capítulos sobre literatura infantil em manuais de ensino de língua e literatura.

Apesar de *Curso de literatura infantil*, que contém capítulos sobre literatura infantil escritos por diferentes autores, ter sido publicado, presumivelmente, em 1958, um ano antes de *Compêndio de literatura infantil*, de Bárbara V. de Carvalho, destaco que sua finalidade não era a de um compêndio ou manual de ensino de literatura infantil elaborado de acordo com os programas oficiais de ensino, como no caso do compêndio de Bárbara V. de Carvalho (1959). Os capítulos de *Curso de literatura infantil* decorrem de aulas sobre literatura infantil realizadas na Biblioteca Municipal de São Paulo, localizada na cidade de São Paulo-SP, para professores e alunos das escolas normais paulistas e que, em "[...] virtude da falta de um compêndio útil a professôres e formandas do Curso Normal, bem como aos cursos de aperfeiçoamento, a Editôra Santos de Oliveira ouviu os apelos que lhe foram dirigidos no sentido de editar as respectivas aulas." (OLIVEIRA, [1958], p.5). Assim, considero que esse livro "funcionou" como um manual de ensino, como no caso do manual de Peixoto (1923).

Por meio das informações apresentadas no Quadro 2, é possível observar que, na década de 1960 e 1980, foi publicado o maior número de manuais de ensino de literatura infantil e manuais com capítulos sobre literatura infantil e, na década de 1970, não foram publicados nem manuais de literatura infantil nem manuais com capítulos sobre literatura infantil. Presumo que a não publicação de novos manuais e capítulos sobre literatura infantil durante a década de 1970 esteja diretamente relacionada com as mudanças que ocorreram nos cursos de formação de professores, decorrentes da publicação da Lei n°. 5.692, de 11 de agosto de 1971.

É possível relacionar a publicação dos manuais de ensino de literatura infantil e capítulos sobre literatura infantil com o processo de constituição da literatura infantil como matéria/disciplina dos cursos de formação de professores, pois, no Rio de Janeiro-DF, de acordo com as informações apresentas por Vidal (2001), a literatura infantil constituiu-se como matéria do curso normal do Instituto de Educação do Distrito Federal a partir do decreto 3.810, de 19 de março de 1932, que transformou a Escola Normal do Distrito Federal em instituto de educação e que, dentre outras mudanças, estabeleceu o novo programa para o curso de formação de professores primários. Ainda de acordo com Vidal (2001), "literatura infantil" fazia parte da seção "Matérias de Ensino Primário", da Escola de Formação de Professores, que se iniciava no fim do primeiro ano do curso de formação de professores e se estendia até o primeiro trimestre do segundo ano do curso de formação de professores.

No caso do estado de São Paulo, literatura infantil constituiu-se como matéria dos cursos normais, em 1947, mediante o decreto Decreto nº. 17.698, de 26 de novembro, que reorganizou o ensino normal nesse estado. (LABEGALINI, 2005). Dez anos depois da publicação desse decreto, em 1957, os cursos normais do estado de São Paulo passaram por nova reorganização por meio da publicação da Lei 3.739, de 22 de janeiro de 1957. (LABEGALINI, 2005)[26], por meio da qual literatura infantil constituiu-se como disciplina dos cursos normais.

Por meio das informações que apresentei, é possível compreender que, na medida em que literatura infantil passou a integrar o programa dos cursos de formação de professores primários como matéria/disciplina, especialmente nos estado de São Paulo, a produção de manuais que contêm capítulos sobre literatura infantil e manuais específicos para o ensino de literatura infantil aumentou.

1.3 Aspectos da circulação de manuais de literatura infantil e manuais que contêm capítulos sobre literatura infantil

Para pensar sobre os aspectos relacionados à circulação dos manuais de literatura infantil e manuais que contêm capítulos sobre literatura infantil, considerei a circulação presumida por meio das informações referentes ao número de edições desses manuais.

Apresento, no Quadro 4, a relação dos manuais de ensino de literatura infantil, o número das edições que localizei desses manuais e as respectivas datas da 1ª. edição ou mais antiga que localizei e data da edição mais recente que localizei.

[26] No capítulo 5, desta dissertação, apresento informações mais detalhadas sobre a constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores e sobre os Decretos e Leis que mencionei nesse tópico.

QUADRO 4 - Número de edições localizadas dos manuais de ensino de literatura infantil e respectivas datas da 1ª. edição, ou mais antiga localizada e, data da edição mais recente

AUTORES	MANUAL DE ENSINO DE LITERATURA INFANTIL	EDIÇÕES LOCALIZADAS	DATA 1ª. ED. OU MAIS ANTIGA QUE LOCALIZEI	DATA DA ED. MAIS RECENTE
CARVALHO, B. V.	*Compêndio de literatura infantil:* para o 3º. ano normal	1ª., 2ª. e3ª.	1959	s.d
D'ÁVILA, A.	*Literatura infanto-juvenil*: de acôrdo com o programa das escolas normais	1ª., 3ª, 6ª. e 8ª.	1961	1967
PINTO, J. B.	*Pontos de literatura infantil:* para os alunos do 3º. ano normal	4ª.	1967	-
CUNHA, M. A. A.	*Como ensinar literatura infantil:* para os colégios normais	1ª., 2ª. e 3ª.	1968	s.d
CUNHA, M. A. A.	*Literatura infantil:* teoria & prática	1ª., 4ª., 5ª., 6ª., 10ª., 11ª., 13ª. e 18ª.	1983	2003
GÓES, L. P.	*Introdução à literatura infantil e juvenil*	1ª.	1984	-
ABRAMOVICH, F.	*Literatura infantil:* gostosuras e bobices	1ª., 2ª, 3ª., 4ª. e 5ª.	1989	1997
CARDOSO, M.	*Estudos de literatura infantil*	1ª.	1991	-
FARAH, T. J. F.	*Prática da literatura infantil na escola primária*: antologia de contos e planos de aula	1ª.	[19--]	-
SANCHEZ, M.	*Pequeno tratado da literatura infantil e infanto-juvenil*	1ª.	[19--]	-

Fonte: *Manuais de ensino de literatura infantil:* um instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2009a).

Por meio das informações apresentadas no Quadro 4, pode-se observar que, apesar do grande número de edições de alguns manuais de ensino, não localizei referência de todas elas. Em relação a esse aspecto, no caso do manual *Literatura infantil*: teoria & prática, localizei referência apenas da 1ª. e 18ª. edições.

Por meio das informações apresentadas no Quadro 4, é possível observar que alguns manuais de ensino tiveram quantidade significativa de edições, o que indica a sua permanência entre os alunos dos cursos normais ou entre leitores interessados no tema da literatura infantil, como os professores em exercício.

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 4, o manual de ensino que teve maior número de edições foi *Literatura infantil*: teoria & prática, de Maria Antonieta Antunes Cunha, cuja 1ª. edição foi publicada em 1983 e a última edição que localizei, a 18ª., foi publicada em 2003. E esse manual de ensino foi reeditado, portanto, por, pelo menos, 20 anos, tento tido uma média de quase uma edição por ano, entre 1983 e 2003.

Seguido desse, o manual de ensino que teve o maior número de edições foi *Literatura infanto-juvenil*: de acôrdo com o programa das escolas normais, de Antônio d´Ávila, cuja 1ª. edição é de 1961 e a última edição que localizei foi a 8ª., de 1967.

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 4, do total dos dez títulos de manuais de ensino de literatura infantil, três deles só tiveram publicada a 1ª. edição. São eles: *Prática da literatura infantil na escola primária*: antologia de contos e planos de aula [19--]; *Pequeno tratado da literatura infantil e infanto-juvenil* [19--]; e *Estudos de literatura infantil* (1991).

Em relação a *Pontos de literatura infantil:* para os alunos do 3º. ano normal (1967), de José Benedicto Pinto, localizei apenas referência de um exemplar da 4ª. edição.

Por meio das informações apresentadas no Quadro 4, o número de manuais de ensino de literatura infantil pode não ser grande, se comparado, por exemplo, ao de manuais de ensino de Pedagogia[27]. Apesar do número restrito de manuais de ensino de literatura infantil, considero que eles tiveram, por meio de suas reedições, uma circulação significativa no Brasil, tendo alguns títulos sido publicados até a década de 2000, como é o caso do manual de ensino de Maria Antonieta Antunes Cunha, *Literatura infantil:* teoria & prática, cuja edição mais recente que localizei é a 18ª, de 2003.

Outro aspecto que aponto, de acordo com as informações apresentadas no Quadro 6, é que, durante a década de 1970 não foram nem publicados nem reeditados manuais de ensino de literatura infantil. Durante a década de 1950 e 1960, foram publicados quatro manuais de ensino, e, entre as décadas de 1980 e 1990, foram publicados outros quatro manuais de ensino. Além desses, foram publicados dois manuais de ensino, cuja data de publicação não pude precisar.

Apresento, no Quadro 5, relação dos manuais de ensino de língua e literatura que contêm capítulos sobre literatura infantil, o número das edições desses manuais que localizei e as respectivas datas da 1ª. edição e data da edição mais recente que localizei.

QUADRO 5 - Número de edições localizadas dos manuais de ensino que contêm capítulos sobre literatura infantil e respectivas data da 1ª. edição e data da edição mais recente

AUTORES	TÍTULO DOS MANUAIS QUE	EDIÇÕES	DATA	DATA DA

[27] Segundo Trevisan (2008), entre os anos de 1861 e 1960, circularam, no Brasil, pelo menos 96 títulos de manuais de pedagogia escritos por brasileiros e estrangeiros e destinados aos alunos dos cursos de formação de professores primários. A respeito dos manuais de Pedagogia, ver, especialmente: Trevisan (2008, 2009).

	CONTÊM CAPÍTULOS SOBRE LITERATURA INFANTIL	LOCALIZADAS	1ª. ED.	EDIÇÃO MAIS RECENTE
PEIXOTO, A.	*Ensinar a ensinar:* ensaios de pedagogia aplicados à educação nacional	1ª. 2ª.	1923	1937
BUDIN, J.	*Metodologia da linguagem:* para uso das escolas normais e institutos de educação	1ª.	1949	-
D'ÁVILA, A.	*Práticas escolares:* de acordo com o programa de prática de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário	1ª., 2ª. e 3ª.	1954	1967
CARNEIRO, O.	*Metodologia da linguagem*	2ª. e 3ª.	1955	1959
OLIVEIRA, A. S. (Org.)	*Curso de literatura infantil*	1ª.	[1958]	-
COELHO, N. N.	*O ensino da literatura:* sugestões metodológicas para o curso secundário e normal	1ª. e 4ª.	1966	1975
OLIVEIRA, A. L.	*Ensino de língua e literatura*	2ª.?	1979	-
OLIVEIRA, M. H. C; MONTEIRO, C. P.	*Metodologia da linguagem*	1ª. e 8ª.	1980	1990

Fonte: *Manuais de ensino de literatura infantil:* um instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2009a).

Por meio das informações apresentadas no Quadro 5, pode-se observar que, apesar da diversidade de número de edições de alguns manuais de ensino de língua e literatura que contêm capítulos sobre literatura infantil, não localizei referência de todas essas edições, como é o caso do manual de ensino *Metodologia da linguagem*, de Maria Helena Cozzolino Oliveira e Conceição Perkles Monteiro. Em relação a esse manual, localizei referências de exemplares da 1ª. e 8ª. edições, porém, não consegui localizar referência das demais edições desse manual.

Optei por indicar, no Quadro 5, o número da edição do manual *Ensino de língua e literatura*, de Alaíde Lisboa de Oliveira, acompanhado de uma interrogação, porque localizei um exemplar com data de 1979 que não contém capítulo sobre literatura infantil e localizei outro exemplar com data de 1980 que contém capítulo sobre literatura infantil, porém, em nenhum dos exemplares há a indicação do número da edição ou de reimpressão revista e aumentada. Por isso, considerei ser um exemplar da 1ª. edição o publicado em 1979 e o publicado em 1980 como exemplar da 2ª. edição.

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 5, é possível observar que o manual de ensino de língua e literatura que teve o maior número de edições foi *Metodologia da linguagem*, de Maria Helena C. Oliveira e Conceição Perkles Monteiro, pois localizei referência de um exemplar da 8ª. edição, de 1990.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, não localizei referência da 1ª. edição de um manual de ensino de língua e literatura que contém capítulo sobre literatura infantil: *Metodologia da linguagem,* de Orlando Leal Carneiro. De acordo com Galluzzi (2006), a data da 1ª. edição de *Metodologia da linguagem* é, presumivelmente, 1950, no entanto essa autora também não localizou referência da 1ª. edição desse manual.

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 5, é possível observar que os manuais de ensino que contêm capítulos sobre literatura infantil circularam, principalmente, entre as décadas de 1950 e 1970, sendo que um manual teve uma edição publicada durante a década de 1990. Anteriores à década de 1950, apenas dois manuais de ensino com capítulo sobre literatura infantil foram publicados, e esses não tiveram outras edições publicadas.

Com base na análise dos Quadros e das informações que apresentei neste capítulo, é possível compreender que os primeiros autores de capítulos sobre literatura infantil em manuais de ensino de língua e literatura foram formados por escolas normais de estados brasileiros, ou por Faculdade de Medicina — como é o caso de Afrânio Peixoto —, e que a primeira autora a ter formação diferente dos que a antecederam foi Bárbara Vasconcelos de Carvalho, que diplomou-se em Letras Neolatinas, pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

Outro aspecto que ressalto é que os primeiros autores de capítulos sobre literatura infantil tiveram sua atuação marcada em diversas áreas da Educação, mas nenhum deles se especializou no estudo e ensino da literatura infantil. Assim, Bárbara Vasconcelos de Carvalho é a primeira autora brasileira de um compêndio de literatura infantil e a primeira a ter formação na área de Letras. Além disso, Bárbara Vasconcelos de Carvalho foi a primeira a se dedicar e se especializar no estudo e ensino da literatura infantil, o que passou a ocorrer com outras autoras brasileiras, como: Maria Antonieta Antunes Cunha; Nelly Novaes Coelho; Lúcia Pimentel Góes; Fanny Abramovich; e Martina Sanches.

Com base nos Quadros e informações que apresentei neste capítulo, é possível afirmar, ainda, que grande parte dos autores de manuais e capítulos também escreveram livros *de* literatura infantil e juvenil, como Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Lúcia Pimentel Góes, Antônio d´Ávila, Fanny Abramovich e Manoel Cardoso.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO
DE *COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL*

3.1 A trajetória editorial

Desde que assumiu o cargo como professora de língua portuguesa no estado de São Paulo, em 1953, sobretudo quando passou a atuar junto a escolas que ofereciam o curso normal, Bárbara V. de Carvalho reservava parte do programa de língua portuguesa para os "estudos" sobre literatura infantil (CARVALHO, 2010).

Segundo Carvalho (2010), após participar da equipe que estudou a reformulação da matéria/disciplina "Língua portuguesa" dos cursos normais e propôs a inserção da literatura infantil como parte dessa matéria/disciplina, em 1957[28], Bárbara V. de Carvalho passou a ser "[...] extremamente procurada para saber como é que se desenvolvia essa disciplina" (p.2) e, devido a essa situação, decidiu aprofundar seus estudos sobre literatura infantil e escrever um compêndio de ensino de literatura infantil, atividade da qual decorreu *Compêndio de literatura infantil*.

Considerado o primeiro compêndio específico para o ensino da literatura infantil publicado em língua portuguesa (COELHO, 2006), *Compêndio de literatura infantil* teve sua 1ª. edição publicada em 1959, pela Companhia Editora Nacional (SP)[29]. Essa editora havia sido fundada em 1925, por Octalles Marcondes Ferreira e José Bento Monteiro Lobato, e durante a década de 1950, se consagrou se consagrou como a maior editora brasileira e uma das principais no ramo dos livros didáticos. Nesse período,

> [...] sua produção atingiu o pico entre cinco e sete milhões de exemplares por ano. Em 1954, produziu 368 edições num total de 5.141.500 exemplares; em 1955, 349 edições, com 6.002.500 exemplares impressos. Então, ainda ocupando, com folga, o primeiro lugar entre as editoras brasileiras [...] Doze anos mais tarde, ainda se atribuíam à Editora Nacional 55% de todos os livros didáticos para o ensino primário e secundário publicados no Brasil. Para este último nível, em 1970, havia praticamente apenas duas concorrentes, a Ática e a Editora do Brasil. (HALLEWELL, 2005, p. 372).

Em decorrência do esgotamento da 1ª. edição, esse compêndio teve outras duas edições: a 2ª., em 1961, pela Edições Leia (SP), que não localizei nenhuma informação a seu respeito, apenas pude observar que o nome "Leia" significa a abreviação de "Livraria Editôra Importadora Americana Ltda"; e a 3ª., cuja data de publicação não pude localizar, pelo Ibep,

[28] Em decorrência das atividades realizadas por esse equipe e por outras que eram responsáveis pelas demais matérias do curso normal, foi publicado a lei n°. 3.739, de 22 de janeiro de 1957, que apresentarei de forma mais detalhada no Capítulo 5, deste texto.

que foi fundada em 1965 por Jorge Antonio Miguel Yunes e Paulo Cornado, e que a partir do final da década de 1970 adquiriu a Companhia Editora Nacional, após o falecimento de Octalles Marcondes Ferreira, tendo revisado e atualizado toda a linha de produção de livros didáticos da Companhia Editora Nacional, publicando seus livros com o selo das duas editoras (IBEP, s.d.).

Além da mudança de editora, *Compêndio de literatura infantil* também teve a 2ª. Edição ampliada, comparativamente à 1ª., e a 3ª, comparativamente à 2ª. E, em decorrência, presumivelmente, da mudança de editora, esse compêndio foi publicado, em cada uma das três edições, com formato e quantidade de páginas diferentes. A 1ª. edição, publicada pela Companhia Editora Nacional, tem formato 13,5cm x 19,5cm e contém 139 páginas. A 2ª. edição, publicada pela Edições Leia, tem formato 13,5cm x 18,5cm e contém 200 páginas. E, a 3ª. edição, publicada pelo Ibep, tem formato 14,5cm x 21,5cm e contém 183 páginas.

Assim como há diferença nas dimensões e quantidade de páginas entre os exemplares de cada uma das edições, há diferenças também no conteúdo das capas.

Impressa em papel flexível e em cor "esverdeada", a capa do exemplar da 1ª. edição, na parte superior, contém nome da autora seguido do título do compêndio, em letras maiores em na cor azul, diferentemente de todo o restante. Logo abaixo, consta o subtítulo e a informação "*De acôrdo com o programa Oficial"*. Na parte inferior da capa, constam as informações referentes à editora.

Impressa em papel flexível, na cor "vermelha" e com ilustrações na cor "branca", a capa do exemplar da 2ª. edição, na parte superior, contém o nome da autora impresso na cor "preta". O título do compêndio ocupa a maior parte da capa e foi impresso dentro de quadros brancos. No caso da capa da 2ª. edição, não consta o subtítulo nem a informação "*De acôrdo com o programa Oficial"*. Na parte inferior da capa, no canto direito, consta o logotipo da Edições Leia.

Impressa em papel duro, na cor "rosa" e com ilustrações na cor "branca", a capa do exemplar da 3ª. edição, na parte superior, contém o nome da autora impresso na cor "verde", seguido do título do compêndio, também em cor "verde". Assim como exemplar da 2ª. edição, o exemplar da 3ª. edição também não contém indicação do título e da informação sobre o programa oficial. Na parte inferior da capa, no canto direito, na posição vertical, consta o logotipo do Ibep.

---

[29] Para informações mais detalhadas sobre a Companhia Editora Nacional ver, especialmente, Hallewell (2005); Dutra (2004); e Toledo (2009).

Figura 2 – Capas dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil*



Fonte: Acervo do Gphellb

Além desse exemplar da 3ª. edição, que apresentei a descrição da capa, localizei um outro exemplar, também da 3ª. edição publicada pelo Ibep, com capa diferente desse. Impressa na cor "vermelha", com ilustrações brancas e nome da autora e título do compêndio na cor "azul", considero que esse exemplar, de acordo com análise que fiz, trata-se de uma reimpressão da 3ª. edição publicada pelo Ibep. Considero que o exemplar da 3ª. edição com capa na cor "vermelha" seja uma reimpressão, pois o número de telefone da editora, que consta na página de rosto, teve um número acrescido no seu início, o que penso indicar atualização em relação ao exemplar da 3ª. edição de capa na cor "rosa".

De acordo com análise que fiz desses dois exemplares da 3ª. edição, observei que não existe diferença no conteúdo deles.

Figura 3: Capa de outro exemplar da 3ª. edição de *Compêndio de literatura infantil*



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Nas páginas de rosto dos exemplares das três edições, com pequenas modificações quanto à disposição das informações, repetem-se as informações contidas na capa e é acrescido, em todos eles, abaixo do nome da autora, a informação: "Professôra catedrática do Ginásio Estadual 'Jácomo Stávale' – São Paulo". No caso do exemplar da 2ª. edição, constam subtítulo do compêndio e a informação "*De acôrdo com o programa Oficial*",que foram suprimidos da capa, e a informação "2ª. edição ampliada". No caso do exemplar da 3ª. edição, constam, também, subtítulo e informação sobre o programa oficial, além da informação "3ª. edição ampliada".

No exemplar da 2ª. edição que analisei, consta uma página que antecede a página de rosto. Nessa página, contém apenas o título do compêndio e no seu verso consta a seguinte informação:

> "DA MESMA AUTORA:
> - NUVENS (Poesias) – São Paulo, Ed. Alarico, 1955
> - CANCIONEIRO DA CRIANÇA – São Paulo, Ed. Clássico Científica, 1960
>
> (CARVAHO, 1961, s.p.).

No exemplar da 1ª. edição que analisei, não consta sumário e nem indicação de capítulos, porém, pude observar que em algumas páginas, na medida em que a autora apresenta um aspecto relacionado à literatura infantil, há um título em destaque que se inicia mais abaixo em relação ao cabeçalho da página. Por isso, considerei as páginas que têm essas características como o início de um capítulo.

Os exemplares da 2ª. e 3ª. edição que analisei, contêm sumário na última página do compêndio.

Considerando minha classificação, o exemplar analisado da 1ª. edição contém 19 capítulos que são antecedidos de apresentação, página de agradecimento, página intitulada "Aos colegas" e dedicatória.

Ao analisar o sumário contido na página final dos exemplares da 2ª. e 3ª. edições e compará-los ao seus respectivos conteúdos, observei que há irregularidade nas informações, pois algumas partes do conteúdo do compêndio contém a indicação do número do capítulo e outras não, também alguns tópicos estão indicados no sumário como capítulo. Por esse motivo, mantive para os exemplares da 2ª. e 3ª. edições o mesmo critério para identificar os capítulos que utilizei no exemplar da 1ª. edição. Assim, de acordo com minha classificação,

os exemplares da 2ª. e 3ª. edições contêm 28 capítulos, que são antecedidos, nessa ordem: de dedicatória, agradecimento, página intitulada "Aos colegas"e introdução.

No Quadro 9, apresento os títulos dos capítulos dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições, de acordo com minha classificação.

QUADRO 9 – Título dos capítulos dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil*

N° capítulo	1ª. edição	2ª. edição	3ª. edição
1	"Origem e desenvolvimento da literatura infantil"	"Á guisa de prólogo"	"Á guisa de prólogo"
2	"Primeiras coletâneas de contos maravilhosos: século XVIII"	"Explicação oportuna"	"Explicação oportuna"
3	"Ainda no século XVIII"	"Origem e desenvolvimento da literatura infantil"	"Origem e desenvolvimento da literatura infantil"
4	"A literatura de ficção no século XIX"	"A tradição oral"	"A tradição oral"
5	"Literatura infantil no Brasil: precursores e seguidores"	"Origem histórica"	"Origem histórica"
6	"Monteiro Lobato: o século XX"	"Origem da literatura infantil"	"Origem da literatura infantil"
7	"Publicação – revistas – outras atividades recreativas"	"A literatura intencionalmente infantil"	"A literatura intencionalmente infantil"
8	"Caracterização da literatura infantil: fases e modalidades"	"Panorama do século XVII"	"Panorama do século XVII"
9	"A literatura didática e recreativa"	"Primeiras coletâneas de contos maravilhosos: século XVIII"	"Primeiras coletâneas de contos maravilhosos: século XVIII"
10	"A poesia na literatura infantil"	"A literatura de ficção no século XIX"	"A literatura de ficção no século XIX"
11	"Requisitos literários, morais, psicológicos e materiais do livro de literatura infanto-juvenil"	"Autores consagrados: do século XIX aos nossos dias"	"Autores consagrados: do século XIX aos nossos dias"
12	"Finalidades didáticas, psicológicas, sociais e morais da literatura infanto-juvenil"	"Panorama do século XIX"	"Panorama do século XIX"
13	"O Teatro"	"Literatura infantil no Brasil: precursores e seguidores"	"Literatura infantil no Brasil: precursores e seguidores"
14	"Teatro infantil"	"Monteiro Lobato: o século XX"	"Monteiro Lobato: o século XX"
15	"Fábula"	"A poesia na literatura infantil"	"A poesia na literatura infantil"
16	"O folclore nacional"	"O Teatro"	"O Teatro"
17	"Biblioteca"	"Teatro infantil"	"Teatro infantil"
18	"Biblioteca infantil"	"O cinema: breve histórico"	"O cinema: breve histórico"
19	"Prática: algumas sugestões"	"Fábula"	"Fábula"
20		"O folclore nacional"	"O folclore nacional"
21	-	"Publicação – revistas – outras atividades recreativas"	"Publicação – revistas – outras atividades recreativas"
22	-	"Caracterização da literatura infantil: fases e modalidades"	"Caracterização da literatura infantil: fases e modalidades"
23	-	"A literatura didática e recreativa"	"A literatura didática e recreativa"
24	-	"Requisitos literários, morais, psicológicos e materiais do livro de literatura infanto-juvenil"	"Requisitos literários, morais, psicológicos e materiais do livro de literatura infanto-juvenil"
25	-	"Finalidades didáticas, psicológicas, sociais e morais da literatura infanto-juvenil"	"Finalidades didáticas, psicológicas, sociais e morais da literatura infanto-juvenil"
26	-	"Biblioteca"	"Biblioteca"

27	-	“Biblioteca infantil”	“Biblioteca infantil”
28	-	“Prática: algumas sugestões”	“Prática: algumas sugestões”

Fonte: *Compêndio de literatura infantil* (CARVALHO, 1959, 1961, s.d.).

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 9, observa-se que há uma mudança bastante significativa na quantidade e nos título dos capítulos da 2ª. edição comparativamente à 1ª. No caso da 3ª. edição, comparativamente à 2ª., não há alteração em relação à quantidade e título dos capítulos.

Por meio da análise comparativa que fiz entre os exemplares das três edições, pude verificar que a maior alteração em relação ao conteúdo ocorreu na publicação da 2ª. edição, comparativamente à 1ª.

Observei que alguns tópicos de capítulos da 1ª. edição foram reorganizados na forma de capítulos na 2ª. edição, como é o caso do tópico “A origem da literatura infantil”, do capítulo 1 do exemplar da 1ª; edição, que na 2ª. edição, foi publicado como capítulo 6 — “Origem da literatura infantil”.

Ao todo, cinco tópicos de capítulos da 1ª. edição foram publicados no formato de capítulos na 2ª. edição, a saber: “A tradição oral”; “Origem histórica”; “A origem da literatura infantil”; “A literatura intencionalmente infantil”; e “Autores consagrados: do século XIX aos nossos dias”. Apesar da minha utilização de critérios próprios para classificar os capítulos nos três exemplares analisados, não há duvidas em relação a essa modificação, pois, no exemplar analisado da 1ª. edição, esses tópicos aparecem de forma seguida no texto, já no exemplar analisado da 2ª. edição, além de iniciarem-se numa nova página, há, na parte superior da página, a indicação do número do capítulo ao qual correspondem.

Além dessas modificações na 2ª. edição, comparativamente à 1ª., observei, ainda: que foram ampliados significativamente alguns capítulos; foram elaborados novos tópicos em capítulos; e houve acréscimo de cinco novos capítulos, a saber: “À guisa de prólogo”; “Explicação oportuna”; “Panorama do século XVII”; “Panorama do século XIX”; e “O cinema”.

No caso do exemplar da 3ª. edição, observei três modificações significativas em relação ao conteúdo, comparativamente à 2ª: o acréscimo do tópico “A criança e o adolescente”, no capítulo 6; ampliação do Capítulo 9 — “Autores consagrados: do século XIX aos nossos dias”; e acréscimo do subtópico “Cid Franco e a «Bola de Luz»”, no Capítulo 14 — “Monteiro Lobato: o século XX”.

Ao longo dos capítulos dos exemplares das três edições que analisei, pude observar que nenhum deles apresenta informações em nota de rodapé e, apenas nos capítulos “Caracterização da literatura: fases e modalidades”, “Fábula” e “O folclore nacional”, há

epígrafe. No caso do capítulo "Caracterização da literatura: fases e modalidades", a epígrafe foi extraída de um texto de Victor Hugo; no caso do capítulo "Fábula", a epígrafe foi extraída de um texto de J. Mansos; e, no caso do capítulo "O folclore nacional", a epígrafe foi extraída de um texto cujo autor não é informado.

Um aspecto importante em relação aos capítulos dos exemplares das três edições é que um deles não é de autoria de Bárbara V. de Carvalho. Trata-se do capítulo intitulado "Biblioteca infantil", que consta como penúltimo capítulo nos exemplares das três edições que analisei. O conteúdo desse capítulo é de autoria de Lenyra Fraccaroli, que, segundo Carvalho (1959, 1961, s.d), em nota de agradecimento, contribuiu para publicação de *Compêndio de literatura infantil* com a inclusão de seu trabalho.

Nesse texto de Lenyra Fraccaroli, transcrito por Bárbara V. de Carvalho como um capítulo de seu compêndio, intitulado "Biblioteca infantil", estão contidas instruções para que o professor possa organizar uma biblioteca para crianças. Segundo Fraccaroli (apud CARVALHO, 1959),

> Se a função da escola é formar na criança o hábito de pensar, oferecendo-lhe oportunidade de construir os seus moldes de comportamento adaptáveis ao arcabouço social em mutações constantes, a biblioteca torna-se complemento indispensável das salas escolares, abrindo à criança as largas estradas que poderão conduzi-la ao conhecimento das realidades sociais. (p. 124).

Além disso, Fraccaroli (apud CARVALHO, 1959, 1961, s.d.) apresenta dados referentes à organização da Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", de São Paulo-SP, bem como informações sobre o acervo disponível à época. No conteúdo desse capítulo, no exemplar da 1ª. e 2ª. edição, há imagens que representam fichas de leitura, cartão do usuário da biblioteca, ficha de assunto dos livros, e ficha de matrícula, que tem por objetivo servir de modelo para os alunos dos cursos normais. No exemplar que analisei da 3ª. edição, essas imagens não constam, há apenas o texto de autoria de Lenyra Fraccaroli.

De acordo com as informações apresentadas no Quadro 9, é possível observar que houve alteração na sequência dos capítulos, se comparados os exemplares da 2ª. e 3ª. edição com o da 1ª. Por exemplo, no exemplar da 1ª. edição, o capítulo "A poesia na literatura infantil" é seguido do capítulo "Requisitos literários, morais, psicológicos e materiais do livro de literatura infanto-juvenil", nos exemplares da 2ª. e 3ª. edições, o capítulo "A poesia na literatura infantil" é seguido do capítulo "O Teatro".

Ao final dos capítulos de cada um dos exemplares, consta a bibliografia utilizada por Bárbara V. de Carvalho.

Apresento, no Quadro 10, relação dos livros e respectivos autores que constam na bibliografia dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil*.

QUADRO 10 – Relação dos livros e respectivos autores que constam na bibliografia dos exemplares da 1ª., 2ª. e 3ª. edições de *Compêndio de literatura infantil*[30]

1ª. edição	2ª. edição	3ª. edição
Histoire de La littérature enfantine – Jean de Tigon	*Il livro Del fanciullo* – Vicenzina Battistelli	*Il livro Del fanciullo* – Vicenzina Battistelli
Metodologia da linguagemm – J. Budin	*Histoire de La littérature enfantine* – Jean de Tigon	*Histoire de La littérature enfantine* – Jean de Tigon
La enseñanza Del lenguaje – Domingo T. Benetí.	*La presse, Le film et La radio pour enfants* – Bauchard	*La presse, Le film et La radio pour enfants* – Bauchard
Arte de hablar - Hermosilla Salva	*Canto Alle rondini* – Piero Bargellini	*Canto Alle rondini* – Piero Bargellini
Monteiro lobato: vida e obra – Edgard Cavalheiro	*O pequeno jornalista* – Adelmo Rielli	*O pequeno jornalista* – Adelmo Rielli
Comment Raconter des histoires a nos enfants – Sara C. Bryant	*Comment Raconter des histoires a nos enfants* – Sara C. Bryant	*Comment Raconter des histoires a nos enfants* – Sara C. Bryant
Metodologia da linguagem – Orlando Leal Carneiro	*Instrución ética de La juventud* – Fr. W. Foerster	*Instrución ética de La juventud* – Fr. W. Foerster
O teatro na escola – Olga Obry	*La literatura infantil* – Jesualdo	*La literatura infantil* – Jesualdo
La literatura infantil – Jesualdo	*Metodologia da linguagem* – Orlando Leal Carneiro	*Metodologia da linguagem* – Orlando Leal Carneiro
A arte da leitura – Gonçalves Viana	*Monteiro lobato:* vida e obra – Edgard Cavalheiro	*Monteiro lobato:* vida e obra – Edgard Cavalheiro
La presse, Le film et La radio pour enfants – Bauchard	*Como fazer teatrinho de bonecas* – Maria Clara Machado	*Como fazer teatrinho de bonecas* – Maria Clara Machado
Como fazer teatrinho de bonecas – Maria Clara Machado	*O teatro na escola* – Olga Obry	*O teatro na escola* – Olga Obry
Instrución ética de La juventud – Fr. W. Foerster	*Teatro brasileiro* – Joracy Camargo	*Teatro brasileiro* – Joracy Camargo
	História de La literatura infantil española – Carmem Bravo-Vilassante	*História de La literatura infantil española* – Carmem Bravo-Vilassante
	7ª. arte: Cinéma pour enfants – Mary Field	*7ª. arte:* Cinéma pour enfants – Mary Field
	Histoire Du cinéma – Lo Puca	*Histoire Du cinéma* – Lo Puca

Fonte: *Compêndio de literatura infantil* (CARVALHO, 1959, 1961, s.d.).

Por meio das informações apresentadas no Quadro 10, observa-se que na 2ª. e 3ª. edição, comparativamente à 1ª., houve acréscimo de títulos na bibliografia, pois na 1ª. edição, constam os títulos e respectivos nomes dos autores de 13 livros e, na 2ª. e 3ª. edições, constam relação de 16 títulos de livros e respectivos autores. Além disso, a relação de títulos que consta no exemplar da 2ª. edição é o mesmo que consta no exemplar da 3ª. edição.

Apenas um título que consta na relação do exemplar da 1ª. edição não consta na bibliografias dos exemplares da 2ª. e 3ª. edições, trata-se de *A arte de hablar*, de Hermosilla Salva.

[30] Para a apresentação da relação de livros que constam na bibliografia dos exemplares das três edições de *Compêndio de literatura infantil*, optei por manter a sequência apresentada em cada um dos exemplares que analisei. Além disso, apresentei apenas informações relativas ao título do livro e nome do autor, pois são apenas essas informações que constam na página "Bibliografia" de cada um dos exemplares que analisei.

Dos 13 títulos que integram a bibliografia da 1ª. edição: cinco são de autores brasileiros; três, de franceses; três, de espanhóis; e um, de argentino.

Dos 16 títulos que integram a bibliografia dos exemplares da 2ª. e 3ª. edições: seis são de autores brasileiros; cinco, de franceses; dois, de espanhóis; dois, de italianos; e um, de argentino.

Apesar dessa bibliografia que consta ao final dos três exemplares que analisei, Bárbara V. de Carvalho não os mencionam e/ou usa citações desses livros ao longo dos capítulos de *Compêndio de literatura infantil*. Apenas J. Budin, Jesualdo, Olga Obry, Edgard Cavalheiro e Orlando Leal Carneiro são mencionados ao longo do texto, porém, não há citações literais de textos seus.

Mesmo não constando na bibliografia, Bárbara V. de Carvalho menciona e, em alguns casos, cita de forma indireta autores como: Sócrates; Platão; Sigmund Freud; Jean-Jacques Rosseau; Walter Scoot; Aurélio Buarque de Holanda; Ribot[31]; e Comenius. Além desses, ela menciona nome de mais de 40 autores brasileiros e estrangeiros de livros *de* literatura infantil. Apesar de em alguns casos ela apresentar análise do livro e também dados biográficos do autor, não há menção de onde foram extraídas essas informações.

Apenas no exemplar da 3ª. edição, na página que antecede a bibliografia, consta a seguinte nota:

> Para organizar-se uma pequena biblioteca, aconselhamos o trabalho da Profª. Denise Fernandes Tavares, fundadora e Diretora da Biblioteca Infantil de Salvador – Bahia. Livro interessante e útil às professoras – "sugestões para Organização duma pequena Biblioteca infantil" – Denise Fernandes de Tavares. (CARVALHO, s.d., s.p.).

3.2 O conteúdo

Embora *Compêndio de literatura infantil* tenha mudado de editora ao longo de sua trajetória editorial e, como apontei no tópico anterior, mesmo tendo sido as diferentes edições ampliadas e revistas, é possível afirmar que o conteúdo de *Compêndio de literatura infantil* não foi alterado significativamente. O que pude observar foram apenas acréscimos e ampliações das informações que a autora apresentou na 1ª. edição, de 1959.

Assim, a fim de evitar repetições desnecessárias, optei por apresentar conteúdo dos exemplares das três edições de *Compêndio de literatura infantil*, de Bárbara V. de Carvalho, em um único tópico. No caso das ampliações referentes à 2ª. edição e à 3ª. edição, sempre que

eu mencionar um aspecto específico do conteúdo dos exemplares dessas edições, farei a observação de que se tratam da ampliação comparativamente à 1ª. edição e/ou 2ª. edição. No caso das informações que são iguais nos exemplares das três edições e que eu menciono, neste tópico, por meio de citação indireta, indicarei a data das três edições. Por fim, no caso de citações literais, optei por utilizar sempre o exemplar de 1959, por ser o da 1ª. edição.

Dedicado a "Valdirinho e Márcia", netos de Bárbara V. de Carvalho, e com nota de agradecimento à Lenyra Fraccaroli e Beatriz Bittencourt, *Compêndio de literatura infantil* foi escrito por Bárbara V. de Carvalho em 1ª. pessoa do plural e com alguns trechos em 1ª. pessoa do singular.

Em texto intitulado "Aos colegas", Carvalho (1959, p. 7) ressalta que seu compêndio

> [...] é produto de aulas e de leituras escassas, evidentemente pela pobreza de material no gênero, em nosso meio. Apesar de ser um assunto que sempre nos atraiu, avolumo-se, tornou-se complexo, em se tratando de transmitir, disciplinadamente, com a responsabilidade de ensinar.

Com a elaboração de *Compêndio de literatura infantil*, Carvalho teve por objetivo capacitar os professorandos no que se refere à orientação de leituras de seus alunos, de forma a considerar o desenvolvimento psicológico e moral de cada um e substituir tudo o que não convém à sua formação psicológica (CARVALHO, 1959, 1961, s.d.).

A partir da apresentação da origem e desenvolvimento da literatura, a autora inicia os capítulos de seu compêndio e afirma que a tradição oral é a origem da literatura e também de todo o pensamento humano. Assim, se tradição oral é origem de todo pensamento, é também a origem da literatura infantil e de seus personagens fantásticos, como a fada, o mágico, o mago e os "ogres".

Apesar de a literatura infantil ser originária da tradição oral, segundo Carvalho (1959, 1961, s.d.) somente no século XVII é que se passa a ter literatura "intencionalmente infantil".

Na publicação da 1ª. edição, Carvalho (1959) não explicita o que entende por "literatura intencionalmente infantil", essa explicação é incluída na ampliação que ocorre na publicação da 2ª. edição. Segundo Carvalho (1961, p. 26),

> Embora ainda não possamos caracterizar a literatura do século XVII como uma literatura tecnicamente infantil, procuramos fixar aí o seu início, considerando a impossibilidade, principalmente, do ponto de vista psicológico e pedagógico de encontrar-se naquele século uma literatura especializada.

---

[31] Bárbara V. de Carvalho não menciona o nome completo desse autor e também não consegui localizar informações para precisar de quem se trata.

> No entanto, ninguém ignora que daí parte a intenção de escrever para menores, razão por que a denominamos de *intencionalmente infantil*. (grifos da autora)

Para Carvalho (1959, 1961, s.d), é com os textos de Charles Perrault e Fénelon que a literatura "intencionalmente infantil" se inicia. No caso de Fénelon, essa literatura contém característica mais didática e, no caso de Perrault, é mais clássica, o que faz com que se tenha em Perrault "[...] a literatura infantil que até hoje e em tôda parte encanta a criança." (1959, p. 22).

Em continuidade à apresentação da origem e desenvolvimento da literatura infantil, Carvalho apresenta escritores do século XVIII que ficaram conhecidos por escreverem para crianças e, entre os livros escritos por esses escritores, ela destaca alguns que se "tornaram infantis", em decorrência do uso que se fizeram deles. Os livros mencionadas a título de exemplo, por Carvalho (1959, 1961, s.d.) são: *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; e *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe, os dois publicados na Inglaterra.

Em relação ao século XIX, Carvalho inicia sua apresentação com aquele que ela considera ser "o maior esteta" da literatura infantil, Hans Christian Andersen.

Por meio de análise comparativa entre os textos de Andersen e Perrault, Carvalho considera que

> Perrault observou e registrou, genialmente, as tradições, transmitindo-as mais do que vivendo-as. Andersen viveu tanto os problemas de novo, sentiu-os tanto em sua própria carne, que não poderia se um simples registrador genial, como Perrault, mas, uma antena humana. Por isso mesmo, se torna mais psicológico, sentindo e interpretando mais do que registrando; mostrando mais as reações do que os fatos; abandonando em parte, a narração para penetrar nas reações humanas, nos seus dramas íntimos ou na sua beleza interior. (CARVALHO, 1959, p.41).

Além de Andersen, Carvalho (1959, 1961, s.d) apresenta informações sobre os escritores alemães Luís Jacob e Guilherme Carlos Grimm, conhecidos como Irmãos Grimm.

> Numa ligeira crítica, poderíamos dizer que alguns dos contos de Grimm ainda exigem reparos para as crianças, Citemos "João e Maria", que apresenta progenitores capazes de desprezar seus filhos; crianças que, ao se libertarem do perigo, carregam bens que não lhes pertencem; pais que se regozijam com isto e os recebem com prazer, quando êles lhes trazem fortuna, etc. (CARVALHO, 1959, p. 43-44).

Ainda em relação aos escritores do século XIX, Carvalho (1959, 1961, s.d.) apresenta: Antoine de Saint-Exupery, autor de *O pequeno príncipe*; e Oscar Wilde, "[...] que

embora tivesse escrito obras dolorosas, nos deu páginas da mais delicada beleza, como 'O príncipe feliz', 'O rouxinol e a rosa' e outras." (CARVALHO, 1959, p. 44).

Em relação aos escritores de literatura infantil do século XIX, nos exemplares da 2ª. edição, de 1961, e 3ª. edição, sem data de publicação, Carvalho acrescenta, comparativamente à 1ª. edição, informações sobre: Carlo Lorenzini, o Collodi; Charles Dickens; J. Matthew Barrie; Sophie Ségur; Edmundo de Amicis; Lewis Carroll; Mark Twain; H. Beecher Stowe; Fenimore Cooper; Lyman Frank Baum; Hector Malot; Rudyard Kipling; Contâncio Vigil; Selma Lagerlöf; Júlio Verne; Otávio Feuillet; Maeterlink; Vamba; Adolfo Simões Müller; Vírginia de Castro e Almeida; Emília de Souza Costa; Gabriel Ferrão; José Rosado; e Alves Redol.

Ainda na 2ª. e na 3ª. edições, Carvalho acrescenta um capítulo sobre o "Panorama histórico do século XIX", no qual ela situa os autores que mencionei acima no âmbito dos acontecimentos históricos do século XIX.

Após apresentar os escritores que Carvalho (1959, 1961, s.d.) considera os precursores da literatura infantil universal, ela apresenta os "precursores e seguidores" da literatura infantil brasileira.

Segundo Carvalho (1959), no caso brasileiro,

> Talvez, dada a delicadeza do assunto e não havendo então uma preocupação dirigida realmente à educação e à cultura infanto-juvenil, em nossa terra, a literatura infantil, no Brasil, só começou a esboçar-se nos fins do século passado [século XIX], quando a preocupação educacional se tornou uma realidade. (p.47).

De acordo com Carvalho (1959, 1961, s.d.), somente com a chamada "pedagogia moderna", preconizada, no Brasil, entre outros, por Rui Barbosa, Maria Guilhermina de Loureiro, Theodoro de Moraes e João Köpke, é que se passa a ter uma cultura infantil específica, da qual decorre uma preocupação com as leituras destinadas às crianças.

Para Carvalho (1959, 1961, s.d.), se Charles Perrault é o primeiro escritor de literatura infantil no mundo, no Brasil, Alberto Figueiredo Pimentel pode ser considerado um precursor, pois adaptou para o português, em 1894, "[...] o primeiro livro para crianças – "Contos da Carochinha", que é uma coletânea de 40 contos populares [...]" (CARVALHO, 1959, p.48).

Além de Alberto Figueiredo Pimentel, Thales Castanho de Andrade e Olavo Bilac são considerados por Carvalho (1959, 1961, s.d.) precursores da literatura infantil no Brasil.

Na 2ª. e 3ª. edições, Carvalho(1959, 1961, s.d.) amplia o capítulo sobre os precursores da literatura infantil no Brasil, incluindo os nomes de: Renato Sêneca Fleury;

Vicente Paula Guimarães; Narbal de Marsillac e sua Senhora; Mário Donato; Acquarone; Francisco Marins; Manoel José Gondin da Fonseca; Érico Veríssimo; Nina Salvi; Mary Buarque; Glória Regi e Orion; Arnaldo de Oliveira Barreto; Lourenço Filho; Virgínia S. Lefévre; e Lúcia Machado de Almeida.

Mesmo sendo todos esses considerados precursores da literatura infantil, segundo Carvalho (1959, 1961, s.d.), é Monteiro Lobato quem cria a literatura infantil "propriamente brasileira".

> Evidentemente, a Literatura Infantil estava criada e amplamente cultivada, porém não tão difundida. Faltava difusão, penetração e popularidade. Bons autores até então foram revelados, mas faltava genialidade para o gênero. Faltava o gênio criador da Literatura Infantil brasileira. Aquêle que lhe desse plasticidade e popularidade; que lhe desse penetração; que a fizesse viva, da criança para a criança; que imortalizasse, como Perrault e como Andersen. (CARVALHO, 1959, p.51).

Após esboçar os aspectos históricos da literatura infantil no mundo e no Brasil, Carvalho (1959, 1961, s.d.) apresenta aspectos relacionados à poesia infantil, ao teatro infantil e à fábula.

A poesia é considerada, segundo a autora, como a primeira forma de expressão literária e não pode ser considera inacessível à criança, pois é "[...] veículo de educação desde a alfabetização." (CARVALHO, 1959, p. 76).

Apesar da importância da poesia na educação das crianças, de acordo com Carvalho (1959, 1961, s.d.), ela deve obedecer a alguns requisitos:

> Deve ter ritmo familiar, linguagem expressiva e viva, em redondilha maior (verso de 7 silabas), ou menor (de 5 silabas). Para crianças menores, deve apresentar um refrão (estribilho), à maneira das ingênuas poesias ou cantigas medievais. Seu tema deve inspirar-se em coisas simples, que nos cercam: animais, flores, as maravilhas da natureza, objetos familiares, etc... (1959, p. 75).

Para tornar mais compreensível os requisitos que (1959, 1961, s.d.) considera adequado à poesia, ela apresenta alguns exemplos, como os que cito a seguir.

Para crianças de quatro e cinco anos, Carvalho sugere (1959, 1961, s.d.), dentre outras, a seguinte poesia:

> Meu aniversário
> Hoje eu faço quatro aninhos...
> Vem como estou bonito!...
> Com esta calcinha comprida,
> eu já estou rapazito
> Quando chamam – ["Valdirinho"!]
> – Aí fico mais contente –

e vou correndo encontrar,
p'rá receber meu presente
Bárbara Carvalho
(CARVALHO, 1959, p. 76, grifos da autora)

Para crianças de seis e sete anos, Carvalho (1959, 1961, s.d.) sugere, dentre outras, a seguinte poesia:

Conversando
Para Aída
Um dia, me perguntou
um dos anjos de meu lar:
– "Por que é que os passarinhos só vivem sempre a cantar?"

Eu vou lhe dizer por quê
êles vivem sempre assim:
– É que não há realmente um passarinho ruim.

Repare com êles são:
amigos, simples e bons...
a todos trazem felizes
o seu tesouro de sons.

No seu mundo tudo é Belo:
há bondade, Fé e Amor...
amam tôda a Natureza
e cantam em seu louvor
Bárbara Carvalho.
(CARVALHO, 1959, p. 77)

Para crianças de oito e nove anos, Carvalho (1959, 1961, s.d.) sugere, dentre outras, a seguinte poesia:

Hino à Criança
Criança é luz é alegria,
É vida, é inocência, é amor,
É da existência o sorriso,
É canto, é perfume, é flor

Crianças de todo tipo,
Crianças de tôda cor...
A todas devemos dar
Muito carinho e amor.

Crianças vivas, travessas,
De palácios ou de palhoças...
Amemos a todas elas,
Pois todas elas são nossas!

Crianças que alegres brincam
De roda, de cirandinha,
de cavalo, nas vassouras,
De boneca, de fadinha...

Crianças de nossa terra,
Crianças do mundo inteiro...
Um lugar tendes na vida:
É sempre, sempre o primeiro.

Criança é graça divina
Que nos deu a Natureza...
Façamos, pois, dessa Graça
Um prelúdio de Beleza!
Bárbara Carvalho
(CARVALHO, 1959, p. 79)

Para crianças de dez a 12 anos, Carvalho (1959, 1961, s.d.) sugere, dentre outras, a seguinte poesia:

Menina e mocinha
Para Alicinha
Agora vamos nós duas
Conversar um bocadinho:
– você já está quase môça...
Já não é um botãozinho...

Não é somente estudar,
Tocar piano e brincar...
É também varrer a casa
E aprender a cozinhar.

Realmente isto é belo:
De botão passar a flor...
Mas há muitos compromissos
Para isto, meu amor!

Já sei!... Não é necessário
Fazer recomendação...
Há de saber bem se flor
Quem soube bem ser botão!
Bárbara Carvalho
(CARVALHO, 1959, p. 79)

Além das poesias, o teatro é considerado por Carvalho (1959, 1961, s.d.) fator educativo e instrumento importante para a formação das crianças. Segundo a autora, o teatro "[...] é a mais completa e perfeita forma de educar e recrear [...]", pois ele "[...] aperfeiçoa a leitura; corrige a pronuncia; aprimora a dicção; desenvolve a memória, a inteligência e a compreensão; estimula o senso estético e crítico; educa o espírito e a conduta." (CARVALHO, 1959, p. 98-100).

Dessa forma, como a poesia, também o teatro deve ser adequado à idade cronológica da criança. Para crianças com idade entre quatro e sete anos, devem ser oferecidos os jogos

dramáticos, os contos de fadas e as lendas folclóricas, para as crianças com idade entre oito e 12 anos, devem ser oferecidas peças nas quais as personagens tenham proximidade com o mundo real, peças que explorem os sentimentos morais e sociais (CARVALHO, 1959, 1961, s.d.).

Ainda segundo Carvalho (1959, 1961, s.d.), qualquer que seja o trabalho realizado com o teatro, a moralidade "[...] deve ser insinuada, sem imposição e de modo incontestável. (CARVALHO, 1959, p. 100).

A partir da 2ª. edição, Carvalho acrescentou um capítulo sobre o cinema, no qual afirma que, embora sejam raras obras do cinema infantil e juvenil, elas têm grandes contribuições para a formação das crianças e, por isso, devem ser utilizadas durante as aulas. (CARVALHO, 1960).

Assim como a poesia, o teatro e o cinema são fundamentais para a formação psicológica e moral da criança, Carvalho (1959, 1961, s.d) afirma que as fábulas, as lendas, o folclore nacional as revistas e jornais infantis, também são e, por esse motivo, apresenta algumas características desses tipos de textos.

Após apresentar um "panorama histórico" da literatura infantil e a importância dos diferentes tipos de texto que podemos encontrar na literatura infantil, Carvalho (1959, 1961, s.d) apresenta aspectos relacionados à caracterização da literatura infantil, seus fundamentos e requisitos.

Para Carvalho (1959, 1961, s.d.) há distinção entre "literatura didática" e "literatura recreativa". Para ela, toda literatura, seja ela didática ou recreativa, é instrutiva ou educativa, mas, denomina-se de "literatura didática", quando se tem especial e único objetivo instruir o leitor (CARVALHO, 1959).

A "literatura didática" passa a ser publicada no Brasil, segundo Carvalho (1959, 1961, s.d.), a partir da "reforma dos pioneiros", e isso se deve, especialmente, segundo ela, a João Köpke, Maria Guilhermina de Loureiro, Theodoro de Moraes, Oscar Thompson, Arnaldo de Oliveira Barreto, entre outros.

A "literatura recreativa", por sua vez:

> É todo acervo de bela e agradável leitura, que também não deixa de ser cultural. É a este material, quando dedicado à criança e ao adolescente, que chamamos de Literatura Infantil. Esta literatura tem por objetivos formar e desenvolver o hábito e o gôsto pela leitura; disciplinar a atenção; estimular a inteligência e a memória; cultivar a imaginação; despertar o interêsse pela sociedade humana e seus problemas comuns; vivificar o espírito, dando-lhe agucidade e penetração; finalmente, aperfeiçoar o caráter, pois sabemos que a arte é, sobretudo, edificante e moralizadora, predispondo o espírito para os

> valores estéticos e éticos, para o Bem e para o Belo. (CARVALHO, 1959, p. 72)

Para Carvalho (1959, 1961, s.d.), a "literatura recreativa" deve ser ajustada à evolução da criança.

> Dos 4 aos 7 anos, a criança percorre a fase *egocêntrica*, faz de *fabulação* ou *imaginismo.* Esta é a fase dos contos de fadas, de animais, de fatos da vida real. [...] Quando mais fantástico, mas ao seu agrado. [...]
> Dos 8 aos 12 anos, já o interêsse varia, embora os contos maravilhosos, agradem sempre. Surge uma nova atração, esta é uma fase de transição entre a infância e a adolescência, de inquietação: é a fase de *socialização* ou *racional*, fase do robinsonismo, isto é, das aventuras. [...]
> Dos 13 aos 16 anos, inicia-se a fase do *realismo*, a fase da adolescência. Esta fase, mais capacitada, conjuga os 3 elementos, fundindo as 3 características psicológicas: *drama, ação* e *realismo.* É o predomínio da novela sentimental, em que encontramos tôdas as emoções. (CARVALHO, 1959, p. 68-69).

A partir da conceituação da "literatura recreativa" e a sua diferenciação em relação à "literatura didática", Carvalho (1959, 1961, s.d.) apresenta os requisitos e finalidades da literatura infantil.

Os requisitos necessários em um livro de literatura infantil, segundo Carvalho (1959, 1961, s.d.), são: moral; pedagógico; psicológico; e material. O requisito moral está relacionado ao fato de o livro "despertar" valores positivos nas crianças. O requisito pedagógico está relacionado à adequação, à capacidade de leitura da criança e também ao seu interesse. O requisito psicológico diz respeito à adequação da leitura ao desenvolvimento psicológico e "evolução mental" da criança. Por fim, o requisito material está relacionado ao formato, encadernação e tipo de papel que deve ter o livro. Para crianças de até sete anos, os livros devem ser maiores, com encadernação de fácil manejo, o papel não pode ser transparente ou com brilho e deve conter várias ilustrações. No caso dos livros para crianças com mais de 12 anos, há apenas a ressalva de que as ilustrações devem ser "discretas e sóbrias", pois isso agrada aos adultos (CARVALHO, 1959, 1961, s.d.).

Em relação às finalidades do livro de literatura infantil, para Carvalho (1959, 1961, s.d.), são: didáticas; psicológicas; sociais; e morais.

As finalidades didáticas são as de "[...] fixar conhecimentos já adquiridos e transmitir novos conhecimentos à criança." (CARVALHO, 1959, p. 89). As finalidades psicológicas são as que "[...] visam à formação da conduta ou caráter, através da evolução do senso estético, não só em relação aos valores literários, mas também a todos os demais valores humanos." (CARVALHO, 1959, p. 90). As finalidades sociais são as que "despertam" na criança a necessidade de relações humanas, de "[...] interdependência entre as criaturas, nas suas

atividades, nas suas profissões, no auxílio mútuo, na compreensão, em tudo isto que comunica os homens entre si" (CARVALHO, 1959, p. 92). As finalidades morais são as que "despertam" os "bons sentimentos" e ressaltam a boa conduta das crianças.

Como mencionei, Carvalho (1959, 1961, s.d.), no penúltimo capítulo de seu compêndio, transcreve um texto de Lenyra Fraccaroli que contém orientações relacionadas à organização da Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato, de São Paulo-SP e, no último capítulo, ela apresenta sugestões para que o professorando possa organizar o seu programa de ensino e desenvolver trabalho com a literatura infantil na escola primária.

Dentre essas sugestões, destaco a seguinte: "*Biografias* – Adapte às crianças algumas biografias: Lobato; Rui Barbosa; João Köpke; Artur Joviano; Anchieta; Tiradentes, etc. Proporcione entrevistas com autores vivos: Francisco Marins, Malta Talhan, etc." (CARVALHO, 1959, p. 138).

3.4 Sobre sua circulação e tiragem[32]

Com base nos exemplares que tive acesso e que utilizei como fonte da pesquisa de que resultou esta dissertação, *Compêndio de literatura infantil* além de ter circulado, presumivelmente, em escolas da capital do estado de São Paulo, também circulou em cidades do interior.

Em um dos exemplares que tive acesso, consta marca de carimbo de uma livraria representante do Ibepe, na cidade paulista de Presidente Prudente-SP, responsável pela comercialização e distribuição, dentre outros, de *Compêndio de literatura infantil* nessa cidade.

Embora não tenha dados precisos de que esse compêndio foi utilizado em cursos de formação de professores da cidade de Presidente Prudente presumo que pelo fato de haver uma livraria responsável por sua comercialização e distribuição nessa cidade seja indicativo de sua utilização pelos professorandos desses cursos.

Também por meio de consulta ao acervo da Biblioteca Municipal da cidade de Tupã-SP, tive acesso a outro exemplar de *Compêndio de literatura infantil* que contém marcas que permitem afirmar que foi ele utilizado no curso normal oferecido no curso normal desta

[32] Para pensar os aspectos relativos à circulação de *Compêndio de literatura infantil*, tomei como base, principalmente, os exemplares a que tive acesso e documentos que localizei, nos quais há informações que indicam que esse compêndio foi utilizado em algumas cidades brasileiras.

cidade. Na página de rosto desse exemplar, consta a informação de que ele foi doado por Ovídio Geromini, ex-professor do Instituto de Educação da cidade de Tupã-SP.

Outra cidade do interior do estado de São Paulo que presumo que *Compêndio de literatura infantil* tenha circulado é a cidade e Olímpia. Em carta manuscrita emitida por uma professora da Escola Normal dessa cidade, consta a seguinte informação:

> Olímpia, 9 de maio de 1959.
>
> Prezada,
> Profa Bárbara Vasconcelos de Carvalho
>
> Foi com satisfação e interêsse que lemos, ontem a carta de V. Sa., endereçada à nossa Escola Normal pela Companhia Editôra Nacional, que comunicava a nós, professôres de português do curso normal, a publicação do seu livro "Compêndio de Literatura Infantil".
> Sem dúvida, todos os professôres dêsse curso necessitam de obras de tal gênero e esperamos ser esta que V. Sa. Publicou uma daquelas que nos devem nortear. Por fim, resolve-nos o sério problema de ausência de fontes de informações sôbre o assunto, normalmente aos professores do interior, aos quais tudo é mais distante [...]
> Sendo nos o responsável pela cadeira de português da Escola Normal [...] "N. S. da Conceição" de Olímpia, desejamos, pois, receber um exemplar da aludida obra, o que esperamos seja feito através do serviço de reembolso [...]. (OLIMPIA, 1959).

Por meio dessa carta manuscrita, é possível presumir, além da circulação de *Compêndio de literatura infantil* entre professorandos da cidade de Olímpia-SP, uma das políticas de divulgação da Companhia Editora Nacional dos livros que publicava – o envio de cartas a determinado público com informe da publicação de livros de seu possível interesse. Além disso, assim como os professores da Escola Normal "N. S. da Conceição", de Olímpia, receberam carta da Companhia Editora Nacional, divulgando a publicação de *Compêndio de literatura infantil*, é possível que outros professores de outras escolas normais ou Institutos de Educação do estado de São Paulo tenham recebido documento semelhante.

Além dessas informações que indicam a circulação de *Compêndio de literatura infantil* em cidades do interior do estado de São Paulo, pelo fato de haver exemplares de *Compêndio de literatura infantil* em acervos de São Paulo-SP e Campinas-SP, penso também ser indicativo de que ele circulou entre os professorandos de cursos normais dessas cidades.

Embora *Compêndio de literatura infantil* tenha sido escrito de acordo com o programa oficial dos cursos normais do estado de São Paulo, é possível afirmar que ele circulou, também em outros estados, pois localizei documentos e exemplares que indicam a sua circulação nos seguintes estados: Paraná, Minas Gerais e Bahia.

No caso da circulação no Paraná, é possível fazer essa firmação, porque um dos exemplares da 2ª. edição, ao qual tive acesso, pertenceu à normalista Aldérica Bueno de Oliveira, do Instituto de Educação do Paraná, localizado na cidade de Curitiba-PR.

No caso da circulação em Minas Gerais, localizei, no jornal *Diário Mercantil*, de Juiz de Fora-MG, nota sobre a publicação da 2ª. edição de *Compêndio de literatura infantil*. Essa nota foi escrita por Dormevilly Nóbrega, diretora da Câmara Municipal de Juiz de Fora-MG, que afirma:

> "COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL", de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (Edições LEIA, Rua Xavier de Toledo, 103 – São Paulo, 1961) – Livro didático, destinado ao 3°. ano normal, segundo o programa oficial, recebemos e o deixamos de lado, sem lhe dar a devida importância que merece. A curiosidade levou-nos a folhear o "Compêndio". Bendita curiosidade! A ela devemos a suprêsa do encontro de uma obra construída com alma de apaixonada, singela, mas vigorosa, trabalho que nos faz esquecer o sentido didático, pelo estilo e pelas qualidades literárias da autora. (NÓBREGA, 1961, s.p.).

No caso da Bahia, em carta enviada por Denise Fernandes Tavares à Bárbara V. de Carvalho, ela menciona que, embora *Compêndio de literatura infantil* não estivesse disponível, à época, nas livrarias de Salvador-BA, ela solicitou, para um livreiro de São Paulo, 50 exemplares para deixar disponível na Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", de Salvador-BA, presumivelmente, para utilização em cursos sobre literatura infantil destinados aos professores e aos professorandos dessa cidade, pois essa informação consta na carta que Denise Tavares enviou para Bárbara V. de Carvalho, para convidá-la a ministrar um curso sobre literatura infantil para esse público, em 1961.

Sobre a tiragem das diferentes edições de *Compêndio de literatura infantil*, até o momento de redação final desta dissertação, não localizei informações precisas, apenas localizei informações que permitem inferir que a 3ª. edição desse compêndio teve várias reimpressões, pois, em um artigo publicado no *Jornal da Bahia*, em nove de junho de 1975, consta a seguinte informação: "[...] Bárbara Vasconcelos de Carvalho, autora de livro de história e crítica sobre o assunto, "Compêndio de Literatura Infantil", já com 12 edições esgotadas".

Como informei, com o desenvolvimento da pesquisa, pude concluir que esse compêndio teve apenas três edições, sendo, portanto as "12 edições" mencionadas nesse artigo, possivelmente, 12 reimpressões, pois, como também informei, localizei exemplares da 3ª. edição com capas diferentes.

CAPÍTULO 4

COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL E A PRODUÇÃO DE BÁRBARA V. DE CARVALHO *DE* E *SOBRE* LITERATURA INFANTIL

4.1 Apresentação da produção de Bárbara V. de Carvalho *de* literatura infantil

Bárbara V. de Carvalho teve publicado o seu primeiro livro *de* literatura infantil em 1960, um ano após ela ter tido publicado *Compêndio de literatura infantil*. Após a publicação desse livro, Bárbara V. de Carvalho teve publicados 12 livros *de* literatura infantil.

Como em seu compêndio, Bárbara V. de Carvalho apresenta requisitos que ela considera necessários na produção de livros destinados à leitura das crianças, apresento as principais características dos 12 livros *de* literatura infantil escritos por ela, no período de 1960 a 2003, para compreender qual a relação existente entre eles e *Compêndio de literatura infantil.*

Embora fosse possível apresentar a relação existente entre esses livros, a partir de diferentes aspectos, como o das editoras que os publicaram, optei por apresentar a relação existente entre elas a partir do conteúdo dos livros *de* literatura infantil dessa autora relativamente ao que ela apresenta em seu compêndio, como necessário aos livros *de* literatura infantil.

Publicado em 1960, pela editora Clássico-Científica[33] (SP), com o formato 17,6cm x 23,6cm, *Cancioneiro da criança* contém 91 páginas e é composto por 80 poemas divididos em seis partes. No início de algumas dessas partes, consta um pequeno parágrafo no qual há informações sobre a idade cronológica adequada para o leitor previsto dos poemas contidas nessas partes. Com base nisso, é possível afirmar que o leitor previsto do livro varia entre crianças de seis anos, sete e oito anos, nove e dez anos e o leitor "juvenil" (acima de dez anos).

De modo geral, os poemas de *Cancioneiro da criança* (1960) abordam aos seguintes temas: respeito e admiração pelos pais, professores e pessoas mais velhas; importância dos estudos, sobretudo da leitura; valorização da pátria e datas comemorativas; e valorização da natureza.

Na parte final do livro, consta dois parágrafos que considerei como notas da autora e que são indicativos também dos temas que ela aborda em seu poema. São eles:

> Educar e instruir a Juventude são tarefas de amor e devoção, que só atingem a real finalidade quando mestres e pais juntos estão!
> Criança, deves tratar com respeito e com amor aquêle que te ilumina para a Vida – o Professor! (CARVALHO, 1961, p. 90)

[33] Até o momento final de redação desta dissertação, não localizei nenhuma informação sobre a editora Clásico-Científica.

Figura 4: Capa de *Cancioneiro da criança*



Fonte: Acervo pessoal de Coriolinda V. de Carvalho

Publicado em 1961, pela Lótus[34] (SP), com o formato 16,5cm x 24cm, *O folclore e a criança* contém 41 páginas e é composto por dez contos sobre lendas folclóricas, a saber: "'Chapéuzinho' das matas"; "O pequeno gênio das florestas"; "A festa das lanterninhas"; "O veadinho encantado"; "O pastorzinho"; "A serpente encantada"; "A iara"; "A vitória-régia"; "O cantor mágico"; e "A aldeia dos miramomis".

Todos os contos são narrados em 3ª. pessoa do singular e, ao final de cada um, a autora utiliza-se de um tipo de discurso que funciona como o estabelecimento de diálogo entre o narrador das históricas e o leitor previsto.

Como esse se trata de um livro de lendas folclóricas, a autora apresenta, no início do livro, uma breve explicação sobre o significado da palavra folclore e a importância de conhecer as tradições brasileiras.

Figura 5: Capa de *O folclore e a criança*



Fonte: Acervo pessoal de Coriolinda V. de Carvalho

[34] Até o momento final de redação desta dissertação, não localizei nenhuma informação sobre a editora Lótus.

Publicado em 1973, pela Lótus (SP), com o formato 15,7cm x 23cm, *A casinha-nuvem* é um texto em prosa, escrito em 3ª. pessoa do singular, sendo que alguns trechos desse texto estão em discurso direto.

A casinha-nuvem foi ilustrado por Antonio Sérgio Grell e as ilustrações são bem coloridas e ocupam grande parte das páginas, tornando a leitura do livro bastante atraente para as crianças.

Com relação ao enredo do livro, tem-se a história de Zuminha, uma abelha que vive em uma nuvem azul e que trabalha como doceira. Ao longo da narrativa, a protagonista, ao "descer de sua nuvem", para entregar os doces que faz, encontra-se com um conjunto de outros personagens, como a formiga, a cigarra, a borboleta, o besouro, o pombo e o anjo, com os quais dialoga brevemente. Ao retornar para sua "casa-nuvem", Zuminha observa que ela está transparente por causa de uma "talhadinha" da lua que se partiu e "rolou até sua casa-nuvem". Em decorrência desse fato, a protagonista oferece uma festa para todos os bichos da floresta.

Um aspecto que merece destaque em relação à essa narrativa, é uso excessivo de substantivos no diminutivo, como, por exemplo, abelhinha, anjinho, nuvenzinha, estrelinhas, etc.

Figura 6: Capa de *A casinha-nuvem*



Fonte: Acervo pessoal de Coriolinda V. de Carvalho

Publicado também em 1973, pela Lótus (SP), com o formato 15,7cm x 23 cm, *O robozinho feito* também é um texto em prosa, escrito em 3ª. pessoa do singular e com trechos sob a forma de discurso direto.

Esse livro foi ilustrado por Tetsuo Kimma e, assim como *A casinha-nuvem*, as ilustrações são bastante coloridas e ocupam grande parte das páginas do livro.

Com relação ao enredo, tem-se a história de um robô que, ao ser produzido por uma "chocadeira-eletrolisada", sai diferente de todos os demais, o que causa preconceito por parte dos demais robôs, pois o consideravam muito feio. Em um dado momento da narrativa, o "robozinho feito" é transportado para Saturno, no qual verifica que todos os robôs habitantes desse planeta são iguais a ele. Assim, o "robozinho feio" descobre que, na verdade, ele não é um robô, mas um habitante de Saturno.

De acordo com informações que localizei e também por meio da leitura de *O robozinho feio*, é possível afirmar que esse livro trata-se de uma releitura do conto "O patinho feio", de Hans C. Andersen, que toma como base os avanços tecnológicos e o imaginário relativo ao mundo virtual.

Figura 7: Capa de *O robozinho feio*



Fonte: Acervo pessoal de Coriolinda V. de Carvalho

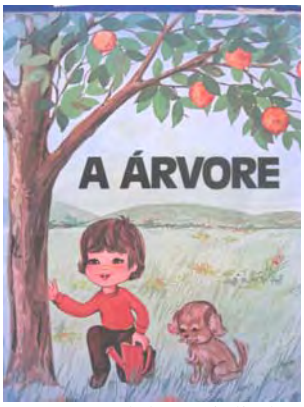
Publicado em 1977, pela Edições Paulinas[35], com o formato 20cm x 26cm, *A árvore* é um texto em versos e está organizado em 22 páginas ilustradas por Victor Padalko e integra a coleção *Tiquinho,* dessa editora.

Os versos são dispostos no livro a cada duas páginas e eles são sempre compostos por quatro versos.

No que se refere ao enredo da história, tem-se a narrativa do plantio, florescimento e crescimento de uma árvore que, ao passar a produzir frutos propicia alegria aos que cuidaram dela.

[35] Até o momento final de redação desta dissertação, não localizei nenhuma informação sobre a Edições Paulinas

Figura 8: Capa de *A árvore*



Fonte: Acervo pessoal de Coriolinda V. de Carvalho

Publicados em 1980, pela Companhia Melhoramentos[36] (SP), com o formato 21cm x 20cm, os livros que integram a série *Calunga* são: *A casinha da chaminé azul; Os dois gatos; Uma avenida na floresta; O papagaio Tubiba;* e *A galinha contente.*

De acordo com nota na 4ª. capa de um exemplar da 8ª. edição de *A galinha contente* (1992),

> Os livros desta série foram especialmente elaborados para crianças classificadas como pré-leitoras, isto é, que estão começando a desenvolver uma linguagem oral, onde a percepção e o estabelecimento de relações entre imagem e palavras são fundamentais. Nessa fase, a manipulação dos livros é essencial, pois as crianças se deliciam observando as ilustrações, enquanto os pais ou a professora estão lendo a história. (CARVALHO, 1992, quarta capa).

Os livros da série *Calunga* foram escritos em 3ª. pessoa do singular e editados, cada um, com 16 páginas e com ilustrações bastante coloridas, que ocupam toda a página. De acordo com informações que constam nos exemplares a que tive acesso, todos foram ilustrados por Vera Muccillo, apenas no exemplar da 8ª. edição de *A galinha contente,* pude observar que consta nome de oura ilustradora: Regina Palermo Bonfim.

Com relação ao enredo de *A casinha da chaminé azul*, tem-se a história de um leão "boa vida" e seu melhor amigo, um macaco, que juntos resolvem construir uma casa. O leão, por ser o rei da floresta, acha-se no direito de mandar no macaco e pouco ajudar na construção da casa. Em decorrência disso, essas duas personagens

[36] Fundada em São Paulo-SP, em 1877, como Companhia Melhoramentos de São Paulo, no ano de 192, foi fundida com outra editora, a Weiszflog Irmãos (DONATO, 1990). A Companhia Melhoramentos foi

protagonizam uma briga, que é solucionada pela "inteligência" e "justiça" da coruja. Após a solução do conflito, o leão e o macaco voltam a estabelecer relação de amizade e, assim, conseguem concluir a construção da casa da chaminé azul.

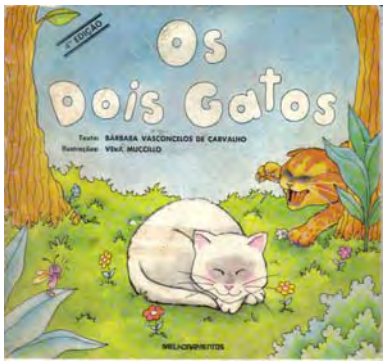
Figura 9: Capa de *A casinha da chaminé azul*



Fonte: Acervo do Gphellb

No caso do enredo de *Os dois gatos,* tem-se a narração da história de um gato do mato que vivia perturbando um gato "gorducho (muito manso)", até que esse gato do mato é pego em uma emboscada e é salvo pelo gato "gorducho". Após essa demonstração de amizade por parte do gato "gorducho" com o gato do mato, esse último sente-se envergonhado e arrependido de perturbar o outro gato, o que marca o início da amizade entre os dois.

Figura 10: Capa de *Os dois gatos*



Fonte: Acervo pessoal do autor

No caso do enredo de *Uma avenida na floresta,* tem-se a narração da história de alguns animais da floresta que desejam construir uma casa na floresta, assim como o

---

uma das principais editoras a publicar livros destinados ao público infantil e, sob coordenação de Arnaldo

leão e o macaco, protagonistas do livro *A casinha da chaminé azul*. Na medida em que os demais animais vão construindo suas casas, vai-se formando uma vizinhança na floresta ao ponto de que seja necessário construir uma avenida.

Figura 11: Capa de *Uma avenida na floresta*

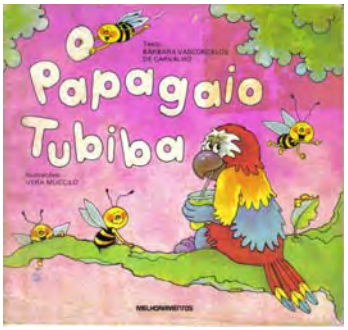


Fonte: Acervo do Gphellb

No caso do enredo de *O papagaio Tubiba,* tem-se a narração da história de um papagaio que, ao ser atacado por um gavião, sofre um acidente e fica desacordado. Ao retornar à consciência, o papagaio descobre que foi parar no reino encantado dos papagaios e, por isso, tem direito a fazer um pedido. O pedido feito pelo papagaio foi aprender a falar como gente e, desde esse dia, ele é o único bicho da floresta que fala como gente.

Importante destacar que, de todos os livros da série *Calunga,* o livro *O papagaio Tubiba* é o único em que a história é narrada pelo próprio protagonista. Nos demais livros, o narrador não participa da história, nem como protagonista nem como coadjuvante.

Figura 12: Capa de *O papagaio Tubiba*



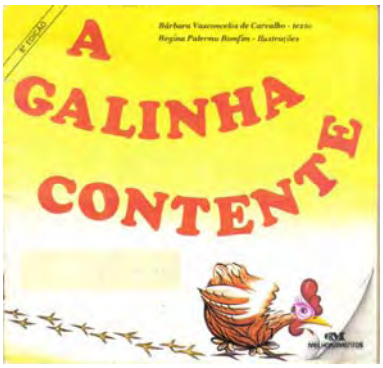
Fonte: Acervo pessoal do autor

---

de Oliveira Barreto, publicou a coleção *Bibliotheca infantil*.

No caso do enredo de *A galinha contente*, tem-se a narração da história de uma galinha cantadeira e animada, que se recusa a comer a minhoca dançarina, por considerar isso uma violência. Esse fato chamou a atenção dos demais bichos que moram no entorno da galinha, ao ponto de eles começaram a se reunir para ver a galinha e a minha estão cantando e dançando juntas. Ao final da história, os animais acabam todos se tornando amigos e, por serem muitos animados, são contratados para trabalhar em um circo.

Figura 13: Capa de *A galinha contente*



Fonte: Acervo pessoal do autor

Publicado em 1985, pela Companhia Editora Nacional (SP), com o formato 13cm x 19cm, *Folclore, criança, fantasia* é composto por 16 contos sobre o folclore, todos narrados em 3ª. pessoa do singular, e é o 45°. volume da coleção *Passelivre,* dessa editora.

Os contos que integram esse livro são: "O jabuti e o homem", "Os tatus-brancos", "O barba-ruiva", "A fogueira de São João", "Chapeuzinho das matas", "O pequeno gênio da floresta", "A festa das lanterninhas", "O veadinho encantado", "O pastorzinho", "Cobra-Norato, a serpente encantada", "A Iara", "A vitória-régia", "O cantor mágico", "O carro de bois", "Pesca do xaréu", e "O café".

Por meio da leitura de um exemplar desse livro, pude observar que ele se trata de uma versão ampliada de *O folclore e a criança,* publicado em 1961. O que há de diferente nesses dois livros é que, na edição de 1985, comparativamente à de 1961, são acrescidos novos contos e outros são ampliados em, no máximo, dois parágrafos, como mencionei no capítulo 2, desta dissertação.

Figura 14: Capa de *Folclore, criança, fantasia*



Fonte: Acervo do Gphellb

Publicado em 2003, pela Egba[37], com o formato 21cm x 21cm, *Bem me quer* contém 86 páginas e é composto por 88 poemas, divididas em dois capítulos.

De acordo com nota contida na primeira página de *Bem me quer*, os poemas contidas nele são versos que Bárbara V. de Carvalho escreveu para suas filhas e que, depois de reunidos, constituem o seu livro predileto.

Por meio da leitura que fiz desse livro, pude observar que alguns dos poemas contidas nele são as mesmas que constam em *Cancioneiro da criança* (1961) e, por isso, os temas recorrentes nesse livro se assemelham ao do livro de 1961, a saber: respeito e admiração pelos pais, professores e pessoas mais velhas; importância dos estudos, sobretudo da leitura; valorização da pátria e datas comemorativas; e valorização da natureza.

Figura 15: Capa de *Bem me quer*



Fonte: Acervo pessoal do autor

[37] Até o momento final de redação desta dissertação, não localizei nenhuma informação sobre a editora Egba.

4.1.9 Relações possíveis entre a produção de Bárbara V. de Carvalho *de* literatura infantil e *Compêndio de literatura infantil*

Ao apresentar, em *Compêndio de literatura infantil* os requisitos que considera necessários conterem os livros *de* literatura infantil, Bárbara V. de Carvalho (1959, 1961, s.d.) afirma que o cuidado com a linguagem é fundamental para a esteticidade de um texto. Para a autora, a linguagem "[...] deve ser simples e, ao mesmo tempo, correta e elevada, clara e colorida, cheia de movimento e ação, fácil, viva, rica e, sobretudo poética, num estilo sóbrio e agradável [...]" (CARVALHO, 1959, p. 84).

Ao ler os livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho, pude observar que a linguagem utilizada por ela em seus textos em prosa é bastante simples, com vocabulário comum e estruturas sintáticas formadas por períodos curtos, contendo, basicamente, sujeito, predicado e objeto.

Em algumas narrativas, quando a autora utiliza palavras que podem ser consideradas desconhecidas pelo leitor previsto, ela apresenta uma explicação para essa palavra, como ocorre no conto "A festa das lanterninhas", contido em *Folclore e a criança* (1961): "Há, muito anos, houve uma grande festa na mata. E a Caipora era a anfitriã. (Sabe o que é anfitriã? Anfitriã é a dona da festa, a que recebe convidados)" (CARVALHO, 1961, p. 14).

Também nos seus livros de poemas, a linguagem utilizada é bastante simples e com vocabulário comum.

Mesmo nos poemas contidos em *Cancioneiro da criança*, que integram a parte destinada aos jovens (leitores com mais de dez anos), a linguagem continua a ser simples, e não são exploradas nem palavras e nem estruturas sintáticas que apresentem maior complexidade para o leitor previsto, como é o caso do poema abaixo, que integra a parte dos "versos juvenis".

A natureza
Quase sempre descuidados,
não notamos a Beleza
que existe na cousas simples,
pela imensa Natureza.

A água pura dos regatos
que sempre ao viajor sacia,
árvore que nos acolhe
com maternal simpatia...
[...] (CARVALHO, 1960, p. 79)

Para Bárbara V. de Carvalho (1959, 1961, s.d.), outro requisito que caracteriza um texto literário é sua adequação à idade da criança. Para crianças com até sete anos, os livros mais adequados são as fábulas e contos de fadas de animais. Para crianças entre oito e 12 anos, os livros mais adequados são os de aventura e ação, como *Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe. E para crianças com mais de 13 anos, os livros mais adequados são os que misturam drama, ação e realismo, como os livros de José de Alencar e Visconde de Taunay.

Embora Bárbara V. de Carvalho enfatize essa adequação dos livros à idade cronológica da criança, apenas nos livros da série *Calunga* e *Cancioneiro da Criança* é possível identificar para qual faixa etária eles foram escritos, pois, na contra-capa dos livros da série *Calunga,* há a indicação de que eles são destinados ao "pré-leitor" e, em *Cancioneiro da criança*, há indicação de que esse livro é destinado às crianças a partir dos seis anos de idade.

Mesmo não havendo nos demais livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho a indicação da faixa etária da criança para o qual eles foram escritos, presumo, considerando a divisão apresentada pela autora em *Compêndio de literatura infantil*, que eles tenham sido escritos para crianças com idade até sete anos, pois algumas características que identifiquei nos livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho se aproximam das consideradas por ela adequadas a esse público leitor.

Um aspecto que contribui para essa afirmação é o de que, ao ler os textos em prosa de Bárbara V. de Carvalho, observei que as personagens são, na grande maioria, animais antropomorfizados, sendo apenas em *O robozinho feio* e *A árvore*, que não se têm animais como personagens, no entanto, também não se têm personagens que sejam representações de seres humanos. Além desse aspecto, penso que nos livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho não há características que indiquem que esses livros sejam adequados às outras "fases da evolução psicológica" da criança, ou seja: as que têm idade entre oito e 12 anos, para os quais o livro dever ser de aventura e ação, retratando "novelas heróicas" ou "viagens cheias de peripécias"; e as que têm mais de 13 anos, para as quais a "novela sentimental" é a mais adequada.

Especificamente em relação à adequação dos textos em versos destinados às crianças da "1ª. fase", Bárbara V. de Carvalho (1959, 1961, s.d.) considera que eles devem ter ritmo, simplicidade, clareza e pequena extensão e, de modo geral, o que se pode observar tanto em *Cancioneiro da criança* quanto em *Bem me quer*, é que os poemas dessa autora são rimados e com versos curtos, compostos em poucas estrofes.

Além disso, a voz dos poemas, em sua grande maioria, indica ser de uma criança. Apenas em alguns casos é possível observar que o poema tem voz adulta e também há alguns poemas nas quais se tem um diálogo entre a uma criança e um adulto, como é o caso do poema "Mamãe e eu".

Mamãe e eu
- Então você tem coragem
de ainda contar o que fêz?
- Mas, Mãezinha, você mesma
foi quem me disse uma fez:
"Mentira nunca se diz,
Mesmo quando a gente erra!"...
- Foi isso, Mamãe, que eu fiz!...
(CARVALHO, 1960, p. 19)

Considero que essa opção, por fazer uso de voz de criança em seus poemas, possa estar relacionada a um aspecto que Bárbara V. de Carvalho (1959, 1961, s.d.) considera fundamental na produção de um texto literário destinado às crianças, o de "[...] ajustar-se a elas, regressando à sua idade [...]" (CARVALHO, 1959, p. 69).

Embora eu considere que os livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho tenham sido escritos para crianças com até sete anos de idade, há alguns requisitos apresentados por ela, em *Compêndio de literatura infantil*, como adequados a esse público leitor, que penso não serem contemplados em seus livros *de* literatura infantil. Segundo Bárbara V. de Carvalho (1959, p. 68), "[...] a extratemporalidade, as metamorfoses bruscas, o espaço extra-cartográfico, a violação às leis da natureza: criaturas extremamente pequenas, ou gigantes, botas que alçam léguas por passadas, etc. tudo isso constitui prazer indizível para a criança, nesta 1ª. fase [...]".

Ao tentar compreender aspectos relativos às personagens, ao espaço e ao tempo dos textos em prosa de Bárbara V. de Carvalho, pude identificar características que, de certa forma, não se aproximam desses requisitos.

No caso das personagens, são sempre animais típicos, como leão, macaco, papagaio e gato e, de modo geral, são bastante lineares e não apresentam alterações significativas de comportamento ao longo da história, o máximo que se pode observar de alteração no comportamento delas é que, no caso de uma personagem ter, no início da narração, comportamento "socialmente inadequado", como é o caso do leão de *A casinha da chaminé azul*, que é extremamente autoritário com o macaco, no final da narração, essa personagem acaba por reconhecer a sua atitude inadequada e passa a ter mudança em seu comportamento.

Em decorrência de as personagens serem, na grande maioria, animais antropomorfizados, o espaço das narrativas é sempre florestas ou espaços não urbanos, como é o caso de *O robozinho feio* e *A galinha contente*, esses espaços permanecem sempre os mesmos, sem qualquer indício de alteração.

Em relação ao tempo das narrativas, é possível afirmar que a autora opta pela objetividade, ou seja, os fatos ocorrem em ordem cronológica e linear, seguindo o seu fluxo "natural", não havendo digressões nem inversão de fatos.

Outro requisito que Bárbara V. de Carvalho considera fundamental em um livro *de* literatura infantil, é o da materialidade, que, segundo ela, facilita a leitura por parte da criança e desperta nela o interesse cada vez maior por esse tipo de texto. Para Bárbara V. de Carvalho (1959, 1961, s.d.), o livro deve ter formato e tipo de encadernação que facilite o manuseio da criança, as letras devem ser "graúdas" e "redondas", as linhas não devem exceder 10 cm e as ilustrações devem ter cores vivas e alegres.

Pela leitura que fiz dos livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho, pude observar que eles contêm alguns desses requisitos materiais, pois: foram todos impressos em formato médio, com exceção de *Folclore, criança, fantasia*, que foi impresso em formato pequeno; as letras utilizadas é sempre a de forma; e as ilustrações são bastante coloridas e ocupam, em quase todos, a página inteira do livro, como se pode ver na figura 16.

Figura 16: páginas 10 e 11 de *Uma avenida na floresta*



Fonte: Acervo do Gphellb

Um último requisito que Bárbara V. de Carvalho (1959, 1961, s.d.) considera importante conter os livros *de* literatura infantil e que penso estar presente em sua produção literária é o requisito relativo à transmissão de valores morais. Para ela, a

finalidade de se conter requisitos morais nos livros *de* literatura infantil está relacionada à necessidade de:

> [...] fazer perceber a vitória do bem e o castigo do mal; despertar nas crianças o amor pelas coisas do espírito, a admiração pelos justos e pelos bons; estimular o sentimento da verdade, da bondade, do amor ao próximo, do altruísmo, da compreensão humana; conduzir a criança à nobreza de caráter, através de exemplos de vultos e personagens que impressionam pela sua estatura moral; ressaltar o respeito e o amor à Pátria, aos pais, à família e ao seu semelhante; exaltar à criança a admiração pela natureza e o amor pelo seu Criador; cultivar nela todos os valores morais e espirituais que a boa literatura inspira, inclusive o amor dos animais e das plantas. (CARVALHO, 1959, p. 93).

Ao ler os livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho observei que alguns desses aspectos morais apresentados por ela em *Compêndio de literatura infantil* são bastante recorrentes em sua produção literária. Temas como a solidariedade, convivência fraternal e o folclore brasileiro estão presentes em seus textos em prosa.

O tema da amizade pode ser identificado, por exemplo, em *A galinha contente*, no qual a galinha, protagonista da história, ao invés de comer a minhoca que aparece em seu terreiro, prefere tornar-se amiga dela, contagiando os demais animais para também se tornarem amigos. Também em *A casinha-nuvem,* a abelha Zuminha demonstra ter relações de amizade com todos os animais e insetos da floresta, ao ponto de os convidarem para uma festa em comemoração ao desprendimento de uma "talhadinha" da lua que foi parar em sua casa-nuvem.

O tema da solidariedade pode ser mais facilmente identificado em *Uma avenida na floresta*, no qual os animais decidem construir suas casas, sendo que alguns acabam precisando da ajuda de outros animais. Em um dos trechos desse livro, a autora por meio do texto escrito e também da ilustração reforça a atitude solidária dos personagens da história.

> E assim, novos vizinhos foram chegando e fazendo suas casinhas [...]
> Mas os dois cachorrinhos órfãos, coitadinhos, ainda não sabiam fazer sua casinha..
> Chegaram tão sozinhos, tão desamparados!... Dava tristeza ver os pobrezinhos. Mas todos foram logo ajudar os dois cachorrinhos a fazer a casa deles: uma linda casinha lilás, com a chaminé cor-de-rosa. (CARVALHO, 1980, p. 8-10).

Ainda no livro *Uma avenida na floresta*, tem-se também exemplo da convivência fraternal entre as personagens, como tema da narrativa.

> É uma graça ver as crianças-bichinhos, juntas, brincando: os dois Cachorrinhos órfãos, as três Oncinhas e os dois Coelhinhos, todos de macacõezinhos coloridos... É uma fofura! As crianças-bichinhos são muito felizes ali.
> Até os Cachorrinhos órfãos que dona Onça adotou, pois ela os trata como filhotes dela também, dando-lhes proteção e carinho. E eles são gratos ajudando dona Onça [...] (CARVALHO, 1980 p. 15-16).

A valorização do folclore é mais recorrente nos livros de contos, os quais no próprio título há o indicativo da abordagem desse tema.

Em decorrência desses valores morais contidos nos textos em prosa de Bárbara V. de Carvalho, os personagens de suas histórias demonstram sempre serem bondosos, gratos e companheiros. Mesmo nos casos das personagens que, inicialmente, apresentam características diferentes dessas, ao final da história narrada, elas passam a compreender que sua atitude não é adequada e acabam por se modificarem nesse sentido, como é o caso do leão, de *A casinha da chaminé azul* (1980), que deixa de ser autoritário e passa a ajudar o macaco na construção da casa da chaminé azul, ou do gato do mato, de *Os dois gatos* (1980), que após ser salvo pelo outro gato, de uma armadilha, sente-se arrependido por perturbá-lo, constantemente, tornando-se amigo do outro gato.

No caso das personagens dos contos folclóricos de *O folclore e a criança* e *Folclore, criança, fantasia*, Bárbara V. de Carvalho (1961, 1985) privilegia as lendas que têm como protagonistas os "gênios bons" das florestas, aqueles que cuidam das florestas brasileiras, como é o caso das lendas da Caipora, do Anhangá, do Curupira e do Cobra Norato (CARVALHO, 1961, 1985). No caso das lendas nas quais os protagonistas não são "gênios bons" ou que apresentam comportamentos mais "levados" ou "endiabrados", Bárbara V. de Carvalho (1961, 1985) apresenta um desfecho que indica certa lição de moral, como no caso do Saci:

> Êle não é mau, mas é muitíssimo endiabrado e gosta de mexer com todo mundo. Leva a vida fazendo suas diabruras.
> E foi por causa dessas diabruras que êle ficou com uma perna só. Quem mexe muito com todos, acaba recebendo também seu quinhão. Certa vez, o Saci foi mexer com um ninho, e a mamãe-passarinho, quase chorando, pediu para êle não tocasse em seus filhinhos, tão pequeninos e bons! Mas o Saci, endiabrado como é, não escutou as súplicas da triste avezinha e teimou em tirar um passarinho, ainda sem asinhas e sem penas, para satisfazer suas brincadeiras e caprichos de menino mal educado. É ai que chega o *Curupira,* um menino também das matas brasileiras [...]. O Curupira castigou o Saci, fazendo-o ficar com uma perna só, para não trepar nas árvores e nunca mais mexer nos ninhos. O Curupira castiga todos os que abusam dos que vivem nas matas. (CARVALHO, 1961, p. 10-11).

No caso do requisito moral nos poemas, pude observar que Bárbara V. de Carvalho privilegia os poemas nos quais são abordados temas como: admiração por pessoas hierarquicamente superiores; à valorização da pátria; e à exaltação da natureza.

Muitos dos poemas de Bárbara V. de Carvalho exaltam a figura dos pais e professores, de forma a mostrar para o leitor previsto o quão eles são importantes para a sua formação e educação, sendo, portanto, esses adultos exemplos a serem seguidos. Em um poema sobre o professor, fica bastante compreensível essa exaltação da figura do professor.

O professor

Esse amigo incomparável
Que nos guia para a vida,
E ameniza a nossa lida,
Tornando-a leve e saudável...

Que para a Escola querida
É um tesouro incalculável,
Bondoso, paciente, amável,
Dando-nos terna acolhida...

Esse amigo, vós, Crianças,
Já deveis saber quem é...
- semeador de esperanças,

Que ao rico, ao pobre, a quem for,
Traz Amor, confiança e Fé...
- Esse amigo é o - Professor!
(CARVALHO, 2003, p. 85)

A valorização da pátria, de vultos de nossa história, como Santos Dumont e Tiradentes, e as datas comemorativas cívicas, como 7 de setembro, 15 de novembro e 13 de maio, são temas que também aparecem de forma recorrente nos poemas de Bárbara V. de Carvalho. Além disso, nos poemas em que ela aborda a valorização da Pátria e de nossa história, penso que essa valorização está relacionada diretamente ao desenvolvimento de determinados valores morais nas crianças, como pode-se observar no poema abaixo:

Amor à Pátria

Amar à Pátria, crianças,
Não é apenas dizer
E exaltá-la com palavras...
É muito mais, vejam bem:
É estudar, conhecê-la,
Ser cidadão de valor,

E é ser forte também!

Amar à Pátria, crianças,
É começar desde o lar
A ser leal, justo e honesto,
Para bons exemplos dar...
Pois é no lar e na Escola,
E no mundo juvenil,
Que está toda a esperança
de nossa amado Brasil!
(CARVALHO, 2003, p. 75)

No caso do tema da valorização da natureza, observei que esse aparece tanto em poemas que tratam de animais da fauna brasileira quanto em poemas nos quais a autora chama a atenção do leitor previsto para a necessidade de cuidar e preservar o meio ambiente.

De modo geral, penso que esses diferentes temas abordados por Bárbara V. de Carvalho na sua produção *de* literatura infantil estão inter-relacionados, de modo a transmitir determinados valores morais que ela considerava necessários conterem os livros destinados ao público infantil. Nesse sentido, pode-se dizer que os livros *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho se relacionam com uma perspectiva de leitura que tinha por objetivo socializar a criança, "[...] pela construção de um imaginário infantil através de modelos comportamentais desejados/esperados pela sociedade" (CUNHA; FERNANDES, 2008, p. 137), que visavam à formação de condutas morais e de "regras de bom tom", consideradas, à época, necessárias ao convívio social mais civilizado (CUNHA; FERNANDES, 2008).

Por fim, pelo exposto, penso que, embora a produção *de* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho seja posterior à publicação de *Compêndio de literatura infantil* e não seja possível afirmar que a relação existente entre esse compêndio e esses livros seja a de apresentação e materialização de determinados conceitos, penso ser possível afirmar que há semelhanças bastante grandes entre esses dois tipos de produções de Bárbara V. de Carvalho, o que contribui para pensar que em *Compêndio de literatura infantil* está contida a base do pensamento *de* literatura infantil dessa autora.

4.2 Apresentação da produção de Bárbara V. de Carvalho *sobre* literatura infantil

Após a instituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, por meio da publicação da Lei 3.739, de janeiro de 1957, foi realizada na capital desse estado, entre os dias 24 e 28 de outubro de 1957, a I Semana de Literatura Infantil, organizada pelos alunos do curso de Administradores Escolares do Instituto de Educação "Caetano de Campos", de São Paulo-SP.

Por considerarem esse um momento oportuno para se discutir o ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários do estado de São Paulo, os editores do jornal *A gazeta*, de São Paulo-SP, publicaram, na edição do dia 24 de outubro de 1957, artigo escrito por Bárbara V. de Carvalho intitulado "A literatura infantil na escola Normal".

Embora Bárbara V. de Carvalho tivesse tido publicados alguns textos entre os anos de 1955 e 1956, esse artigo de 1957 é o primeiro, dentre os que localizei, no qual ela aborda aspectos da literatura infantil e de sua instituição como disciplina dos cursos de formação de professores primários. Após a publicação desse artigo, no ano de 1959, ela teve publicados: *Compêndio de literatura infantil*; outros dois livros *sobre* literatura infantil — *Literatura infantil:* estudos (1973) e *Literatura infantil:* visão histórica e crítica (1982) —; e concedeu algumas entrevistas sobre o tema.

A fim de compreender como que se constitui concepção *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho e qual a sua relação com *Compêndio de literatura infantil*, apresento os principais aspectos do artigo, dos livros e das entrevistas nos quais essa autora tematiza a literatura infantil. Informo que, embora Bárbara V. de Carvalho tenha tido alguns artigos publicados *sobre* literatura infantil, não os apresento, pois não tive acesso a eles.

4.2.1 "A literatura infantil na escola normal"

Considerando que a instituição da literatura infantil como disciplina dos cursos normais no estado de São Paulo é o preenchimento de uma lacuna na formação do professor primário, Bárbara V. de Carvalho (1957) inicia o seu artigo alertando os professores de que:

> Agora, o necessário é que não fiquemos, os professores de Português, a fazer da literatura infantil uma Hidra de lema: como dar a matéria, onde encontrar livros, de que modo desenvolvê-la?...
> Não vamos fazer como se faz com as literaturas portuguesa e brasileira, no curso de colégio, onde, na maioria dos casos, se transforma literatura em História literária, num estudo cansativo e monótono de datas, enumeração de obras, minudências biográficas, que em nada contribuem para o verdadeiro estudo da literatura. (p. 19).

A partir desse alerta, Bárbara V. de Carvalho (1957) afirma que o ensino da literatura infantil deve centrar-se na análise crítica e literária do texto, que busca situar o autor e sua obra no tempo, tentando entender as influências recebidas por ele, das correntes filosóficas e estéticas e do pensamento político social de seu momento histórico.

Para esse ensino centrado na análise crítica e literária do texto, Bárbara V. de Carvalho (1957) afirma que não vê motivo para a preocupação com "tratados infantis", para ministrar aulas de literatura infantil. Segundo ela:

> É natural que o professor procure ter sua bibliografia sobre o assunto, para algumas aulas que exigem determinados conhecimentos históricos, biográficos, críticos, etc.. E isto, não é tão difícil, embora sejamos de uma lamentável pobreza no assunto, pois qualquer professor, de formação universitária, terá ao seu alcance livros em francês e espanhol, línguas incontestavelmente acessíveis ao professor de português. (CARVALHO, 1957, p. 19).

Ainda segundo Bárbara V. de Carvalho, o ensino da literatura infantil, apesar de todas as dificuldades, justifica-se porque ela é o meio de educação mais completo e, mais do que as demais disciplinas do curso normal, a literatura infantil:

> [...] oferece uma belíssima e inesgotável motivação para os trabalhos [...], [pois] as histórias infantis recreiam, encantam, educam, alimentam o espírito, orientam o sentido crítico, despertam o sentimento artístico e moral, disciplinam a atenção e formam o hábito de leitura. (CARVALHO, 1959, p. 19).

Além disso, a "divulgação" da literatura infantil feita pelo professor aos seus alunos, justifica-se, também, por ser essa uma forma de possibilitar às crianças ter uma infância cheia de fantasia, maravilha e encanto e isso é extremamente importante, pois: "Uma criança sem infância é uma criança frustrada e, consequentemente, um adulto mutilado." (CARVALHO, 1957, p. 19).

4.2.2 *Literatura infantil:* estudos

Depois de 14 anos da publicação da 1ª. edição de *Compêndio de literatura infantil*, no ano de 1973, Bárbara V. de Carvalho, de acordo com documento que localizei, reformulou e ampliou o seu compêndio e o publicou, pela editora Lótus (SP), sob a forma de um novo livro, cujo título é *Literatura infantil:* estudos.

Mesmo sendo *Literatura infantil:* estudos uma reformulação de *Compêndio de literatura infantil*, pude observar que nele não há características nem informações que indicam que se trata de um livro destinado ao uso dos alunos dos cursos de formação de professores primários. No entanto, por meio da leitura de *Literatura infantil:* estudos pude observar que constam nele trechos e até mesmo capítulos idênticos aos de *Compêndio de literatura infantil*.

Todos os temas abordados em *Compêndio de literatura infantil* também são abordados em *Literatura infantil:* estudo, porém, esses temas são ampliados e detalhados, haja vista que esse livro foi publicado com 382 páginas, divididas em 28 capítulos, e com formato maior — 14 cm x 20 cm — do que os das três edições de *Compêndio de literatura infantil*.

Figura 18: Capa de *Literatura infantil:* estudos



Fonte: Acervo do Gphellb

Em *Literatura infantil:* estudo, Bárbara V. de Carvalho (1973a) define a literatura infantil como:

> [...] todo acervo literário eleito pela criança: tudo aquilo que, depois de sua aceitação, se fixou e se imortalizou através dela. E com isso queremos dizer que "Literatura Infantil" é uma fórmula ou uma forma sintética, que devemos precisar denominando — *Literatura da criança.* Literatura infantil é, portando, aquela que se pretende endereçar à criança... mas que nem sempre ela a elege; acontecendo, não raro, o contrário. (p.48).

A partir dessa definição, essa atora afirma que o que caracteriza a literatura infantil são os requisitos psicológicos e literários que ela contém, os quais são destinados a satisfazer e agradar as crianças, dentro do seu interesse, ou seja, dentro daquilo que é adequado e que as agradam de acordo com três "fases básicas de sua evolução" (CARVALHO, 1973a).

Por meio dessa caracterização, Bárbara V. de Carvalho (1973a) faz ressalva sobre distinção entre "literatura didática" e "literatura recreativa". A "literatura didática" é a que se propõe "[...] informar, ministrar conhecimentos sistematizados, e pode ser classificada em *livros escolares e livros não escolares*, porém de conteúdo instrutivo, livros de vulgarização de conhecimentos generalizados." (CARVALHO, 1973a, p. 151). A "literatura recreativa", por sua vez, é a que forma e desenvolve o gosto e o hábito da leitura, disciplina a atenção, estimula a inteligência e memória, cultiva a imaginação, desperta o interesse pela sociedade humana, vivifica o espírito e aperfeiçoa o caráter. (CARVALHO, 1973a). É, portanto, esse material "recreativo" que Bárbara V. de Carvalho (1973a) considera ser a literatura infantil.

Além de apresentar o que compreende por literatura infantil e alguns dos aspectos que a caracteriza, Bárbara V. de Carvalho também apresenta: dados de escritores do século XVII, XVIII e XIX; características da poesia, do teatro, do conto, da fábula e da revista em quadrinho; e aborda dois assuntos que, até então, não haviam sido abordado em seus textos *sobre* literatura infantil: a técnica da ilustração e o brinquedo.

Em relação à técnica de ilustração, presumo que Bárbara V. de Carvalho utiliza-se de um texto de Anna Maria Smith Pimentel, pois, ao final do capítulo no qual ela aborda esse assunto, há o nome dessa autora, como se o texto fosse de sua autoria na íntegra, ou, pelo menos, parte dele. Mesmo havendo pressupostos de que as reflexões apresentadas em *Literatura infantil:* estudos, sobre a técnica de ilustração, não seja de autoria de Bárbara V. de Carvalho, penso que o fato de elas estarem contidas em seu livro é indicativo de que essas idéias e reflexões, presumivelmente, de Anna Maria Smith Pimentel estão em sintonia com o seu pensamento *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho.

Um aspecto que merece destaque em *Literatura infantil:* estudos e que não foi abordado por Bárbara V. de Carvalho, nem no artigo de 1957 nem em *Compêndio de literatura infantil*, é o das contribuições da Psicanálise e da simbologia dos contos de fadas.

Segundo Bárbara V. de Carvalho (1973a), a Psicanálise "desvenda"

> [...] os 'mistérios', e os segredos da alma humana, através de símbolos míticos, devassando o universo interior, descobrindo fórmulas e formulando teses [...] [e se] o mito repousa na Psicanálise, a Literatura infantil, que tem suas raízes na mitografia, sendo portando, uma forma estilizada do mito, reflete essas implicações. (CARVALHO, 1973a, p. 77-78).

No caso das "vinculações" entre literatura infantil e Psicanálise, com base em Loeffler-Delachaux[38], Bárbara V. de Carvalho afirma que os símbolos, sobretudo os dos contos de fadas, "[...] revelam o inconsciente, e o inconsciente tem grande importância em nosso psiquismo, na dualidade da alma humana, em suas inquietudes, angústia e insatisfação, de um lado, e de outro lado, em seus prazeres e satisfações [...]" (CARVALHO, 1973a, p. 80).

Dentre os símbolos analisados sob a perspectiva psicanalítica e que Bárbara V. de Carvalho apresenta, têm-se, por exemplo: as grutas e cavernas, que, "[...] segundo Freud, são símbolos dos órgãos genitais femininos, onde se realiza o mistério da fecundação" (CARVALHO, 1973a, p. 82); e o peixe, que: "Para Rank, [...] é símbolo fálico, assim como os *pássaros*, [...] como o refrão: 'não me coma, não!' E é comido; depois sai vivo, pelo ânus; ou depois quem o comeu cai morto: motivo da punição." (CARVALHO, 1973a, p. 83).

Para Bárbara V. de Carvalho (1973a) a importância dos estudos da Psicanálise para a literatura infantil deve-se, porque a literatura "[...] é uma necessidade superior, e, por vezes, inconsciente, de buscar soluções ou de libertar-se, através de um esforço interior [...] Então, a teoria psicanalítica aí está, provando que a criação artística é expressão da vida emocional do homem." (CARVALHO, 1973a, p. 96).

4.2.3 As entrevistas *sobre* literatura infantil

Em decorrência da atuação de Bárbara V. de Carvalho no estudo e ensino da literatura infantil e também por ter atuado junto a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, em São Paulo-SP, ela passou a conceder entrevistas sobre literatura infantil, para jornais de notícias, das quais decorreram publicações de artigos tematizando a literatura infantil.

---

[38]O francês Loeffler-Delachaux é autor, dentre outro, de *Le sumbolisme des legendes*, livro citado por Bárbara V. de Carvalho em *Literatura infantil:* estudos, para tratar da relação entre literatura infantil e Psicanálise.

No mesmo ano de publicação de *Literatura infantil:* estudos, em 1973, foi publicado o primeiro artigo de jornal, decorrente de entrevista com Bárbara V. de Carvalho. Após a publicação desse, ainda na década de 1970, foram publicados outros quatro artigos.

Na entrevista da qual decorreu o artigo de jornal "Problemas da literatura infantil", publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, em 15 de dezembro de 1973, Bárbara V. de Carvalho, ao tratar do ensino da literatura infantil e também das ações que pretendia o grupo de professoras do Celiju, afirma que o professor primário e secundário não está bem "aparelhado" para orientar seus alunos em relação à leitura de livros de literatura, por esse motivo, os integrantes do Celiju desejam que seja criada uma cadeira específica para o ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores no estado de São Paulo, independente da cadeira de língua portuguesa e linguagem.

No artigo "Literatura Infantil, essa desconhecida", publicado no *Jornal da Bahia*, em nove de Juno de 1975, Bárbara V. de Carvalho afirma que a literatura infantil brasileira "[...] está aquém do que se pode desejar para um país civilizado" (LITERATURA INFANTIL, 1975a, s.p.), pois ela é a base da formação da criança e o que desperta o universo infantil existente nos seres humanos.

Ainda no ano de 1975, no artigo "O novo conceito de livro infantil: menos fantasia e mais informação", publicado no jornal *FM*, em Porto Alegre-RS, em dez de setembro, Bárbara V. de Carvalho afirma (1975b) "lutar" por um "[...] levantamento da literatura infantil no Brasil" (p. 35), pois a

> [...] professorinha lá do interior, se quer dar literatura infantil para os seus alunos não pode escolher, porque vai encontrar quase que só histórias de crianças burguesas urbanas. Mas a criança de lá precisa é ler coisas sobre a realidade que é sua. Deve conhecê-la primeiro. Acho que aí existe uma marginalização de assuntos essenciais. (O NOVO..., 1975b, p. 35).

Além disso, ainda na entrevista concedida ao jornal *FM*, Bárbara V. de Carvalho (1975b) afirma ser necessário pensar a produção de uma literatura infantil que trata da realidade do Brasil, pois, o que se tem, são escritores que evitam as fadas, mas

> [...] sempre apresentando 'gente gorda, saudável, rosada, loira e de olhos azuis'. Sempre os heróis são gente da classe média que tem o seu carro. Nunca aparece um herói pobre realmente e, se aparece, a personagem é secundária [...] E acho que a literatura infantil é muito segregacionista – não tem quase negros nas histórias. E nós não somos

> um povo todo de gente loira e de olhos claros. Isso é realidade da Inglaterra ou da Holanda. (O NOVO..., 1975b, s.p.).

No artigo "Educadora denuncia máfia na literatura infantil", de 30 de abril de 1976, do jornal *A* tarde, de Salvador-BA, Bárbara V. de Carvalho (1976) afirma discordar do ponto de vista apresentado pela pesquisadora Fulvia Rosemberg[39], que afirma que os escritores brasileiros vinculam preconceitos sociais em seus livros. Para Bárbara V. de Carvalho (1976), à época, a literatura infantil brasileira apresentava traços de atualização e tinha procurado se conscientizar dos diferentes credos e níveis sociais que envolvem as crianças, além disso, para ela, o que se defende como literatura infantil realista é o que corresponde aos livros que violentam os leitores por meio do reforço de comportamentos socialmente inadequados. (EDUCADORA..., 1976).

Na entrevista publicada, em 1978, no jornal *Folha da Tarde*, Bárbara V. de Carvalho (1978, p. 34) afirma que "[...] o sonho virou pesadelo na literatura infantil", pois falta conhecimento de pais e professores na "disciplinarização" das crianças, no que diz respeito à leitura, além de a literatura infantil não ter desenvolvido, à época, na criança, a formação intelectual, porque "[...] uma série de fatores sufocantes de outros meios de divulgação, como televisão e suas revistas em quadrinhos, a impedem." (SONHO..., 1978, p. 34).

Ainda nessa entrevista, Bárbara V. de Carvalho (1978) afirma que, depois de 20 anos estudando a literatura infantil, ela observa é a falta de leveza, estilo simples e linguagem viva e agradável em contraposição ao surgimento de livros que "apelam" para palavrões, o que consiste no desrespeito às crianças (SONHO..., 1978).

4.2.4 *A literatura infantil:* visão histórica e crítica

Assim como ocorreu com a publicação de *Literatura infantil:* estudos, em 1973, que esse livro é decorrente da reformulação de *Compêndio de literatura infantil*, a publicação, em 1982, de *A literatura infantil:* visão histórica e crítica, como mencionei no Capítulo 2 desta dissertação, é decorrente da reformulação de *Literatura infantil:* estudos e, por isso, sua publicação iniciou-se na 2ª. edição.

Por ter sido *A literatura infantil:* visão histórica e crítica reformulado e publicado com título diferente do livro que constituiu a sua origem, o considerei como um novo livro, e não apenas como 2ª. edição de *Literatura infantil:* estudos (1973).

---

[39] Os resultados dessa pesquisa foram publicados no livro de Rosemberg (1985).

Além disso, *A literatura infantil:* visão histórica e crítica, publicado pela Edart[40] em 1982, sob o formato 14cm x 21cm, e com 312 páginas, organizadas em 25 capítulos, apresenta diferenças importantes em seu conteúdo, em relação ao livro *Literatura infantil:* estudos.

Figura 19: Capa de *A literatura infantil:* visão histórica e crítica



Fonte: Acervo do Gphellb

Embora o sumário de *A literatura infantil*: visão histórica e crítica possa indicar que esse livro teve apenas pequenas reformulações em relação ao livro que deu origem a ele, ao ler o seu conteúdo, pude identificar que todos os capítulos cujos títulos são iguais nos dois livros, houve, no caso de *A literatura infantil:* visão histórica e crítica, ampliações e reformulações significativas. Exemplo disso são os capítulos nos quais Bárbara V. de Carvalho (1982) aborda aspectos da história da literatura infantil na Europa e no Brasil, nos quais ela deixa de apresentar aspectos mais relacionados à biografia dos escritos e apresenta dados relacionados ao momento histórico dos séculos XVII, XVIII e XIX e considerações sobre a obra dos escritores desses séculos.

Em relação à concepção de literatura infantil apresenta por Bárbara V. de Carvalho (1982) em *A literatura infantil*: visão histórica e crítica, ela está relacionada ao entendimento de que, como toda Arte, a literatura infantil é, antes de tudo, recreação, jogo lúdico e, por isso é imprescindível na formação escolarizada da criança.

Nas suas várias formas de manifestação, a literatura infantil, para Bárbara V. de Carvalho (1982), é:

> [...] notável o agente terapêutico e um eficiente elemento para diagnóstico de complexos e neuroses infantis, considerando-se que ela [literatura infantil] representa uma ação catalisadora no descobrimento

[40] Até o momento final de redação desta dissertação, não localizei nenhuma informação sobre a Edart.

> das causas dos conflitos da criança, segundo depoimentos de autoridades no assunto, nos quais fundamentamos nossos argumentos no campo extraliterário. (CARVALHO, 1982, p. 174).

Além disso, para Bárbara V. de Carvalho (1982) a literatura infantil é a mais importante forma de recreação da criança, pois permite a manipulação da linguagem e é fonte de riqueza de motivações, de sugestões e de recursos para o desenvolvimento da criança, é suporte de cultura e é um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto (CARVALHO, 1982).

Apesar da importância da literatura infantil, Bárbara V. de Carvalho (1982), chama a atenção para alguns problemas com os quais concorrem a literatura infantil no contexto histórico da década de 1980. Segundo ela,

> [...] a época que atravessamos revela uma assustadora crise de leitura, ou melhor, da boa leitura, entre as crianças e jovens, por motivos óbvios: a ignorância dos pais que, muitas vezes, mesmo freqüentando um alto nível social não são sensíveis a certos valores; o pragmatismo imediatista que a criança imita inconscientemente; a supervalorização da tecnologia; o condicionamento aos programas de televisão [...]; a explosão inflacionária das revistas em quadrinhos e a sobrecarga imagística que o adulto, num alheamento de perspectiva crítica, despeja sobre a criança [...]. (CARVALHO, 1982, p. 172).

Além desses problemas contextuais, Bárbara V. de Carvalho (1982) aponta outro problema que surge no "cenário" da produção de livros para crianças: o aparecimento da literatura realista. Para Bárbara V. de Carvalho (1982), embora a literatura realista tenha assumido o compromisso de denúncia social, ela consiste na

> [...] defasagem que torna inócua à criança, caracteriza-se pela exploração indébita de temas e cenas que nada dizem à infância, de situações que ferem o bom gosto e o mais tolerante sendo estético, de palavrões e de sensacionalismo vulgar, agredindo a criança violentando o seu desenvolvimento natural. (CARVALHO, 1982, p. 175).

Pelo exposto, Bárbara V. de Carvalho (1982) entende que a literatura infantil não constitui apenas um acervo a ser oferecido para a criança de forma aleatória, é necessário o desenvolvimento de atividade que requer conhecimento teórico, metodológico e crítico, a qual possibilita conhecer esse acervo e permite a conscientização dos que o oferecem à criança.

Um dos conhecimentos necessários para essa "manipulação" do acervo de literatura infantil, segundo Bárbara V. de Carvalho (1982), é o entendimento das

especificidades das faixas etárias, tendo como base a compreensão do desenvolvimento do jogo e das características do desenvolvimento psicológico da criança.

Com base, sobretudo, na psicologia piagetiana, Bárbara V. de Carvalho (1982) aponta que a criança passa a desenvolver o jogo antes de um ano de idade e essa é a fase dos "jogos sensoriais", caracterizada pela manipulação de objetos. A partir de um ano de idade, a criança desenvolve o "jogo motor", que se caracteriza pelo movimento e utilização de gestos. Com o aparecimento da função simbólica da linguagem, a criança desenvolve o "jogo de ficção", momento esse em que ela passa a se interessar pelo "faz-de-conta". A partir dos oito anos de idade, a criança desenvolve o "jogo de construção ou fabricação", que se caracteriza pela preocupação com os mecanismos dos objetos, sua fabricação. Conjuntamente com o "jogo de ficção", a partir dos oito anos de idade, a criança também desenvolve o "jogo de aquisição", que se caracteriza pela abertura da criança em compreender o mundo no qual vive. A partir dos dez anos de idade, a criança desenvolve o "jogo intelectual", que se caracteriza por ser o estágio em que ela adquire capacidade de discernimento, racionalização e reflexão (CARVALHO, 1982).

A partir desse "esquema" do desenvolvimento do jogo na criança, Bárbara V. de Carvalho (1982) considera ser necessário adequar os livros que são destinados à sua leitura, de acordo com as especificidades de cada fase, sobretudo do interesse que a criança demonstra em cada uma delas.

Outro conhecimento considerado necessário por Bárbara V. de Carvalho (1982) para a "manipulação" do acervo de literatura infantil, é o conhecimento dos requisitos dessa literatura.

Diferentemente dos requisitos que ela apresenta serem necessários nos seus textos *sobre* literatura infantil anteriores, em *A literatura infantil:* visão histórica e crítica, Bárbara V. de Carvalho (1982) considera que os requisitos necessários são: a linguagem, que deve ser viva, correta, simples e sensorial; o estilo, que consiste na expressividade, harmonia, movimento, ritmo e sonoridade; o conteúdo, que deve ter uma idéia central, desenvolvida por meio de cenas dinâmicas de ação, com diálogos, dramaticidade e suspense e as personagens devem ser veículo de "mensagens"; e a técnica da leitura, que consiste na eliminação das dificuldades das crianças, na leitura expressiva e interpretativa, na análise da ação e caráter do herói, na exploração da dramatização, na contextualização do livro no tempo e no espaço e na ênfase das "mensagens" contidas nos livros, porém, se especificá-las (CARVALHO, 1982).

Apesar de todos os livros de literatura infantil terem que atender a esses requisitos, segundo Bárbara V. de Carvalho (1982):

> [...] em se tratando de literatura infantil, esses fatos não podem ser estudados em seus valores absolutos, mas nesses valores em função das diferentes faixas etárias e interesses, obedecendo a uma adequação que, não raro, especifica muitos dos requisitos da forma, do conteúdo, da estrutura e da técnica de leitura. (CARVALHO, 1982, p. 202).

É a partir da compreensão desses requisitos da literatura infantil que Bárbara V. de Carvalho (1982) compreende que esse gênero literário propicia o prazer estético ao leitor e está "comprometida" com a educação, com a "experiência cognitiva".

4.2.5 Relações possíveis entre a produção de Bárbara V. de Carvalho *sobre* literatura infantil e *Compêndio de literatura infantil*

Como mencionei, Bárbara V. de Carvalho iniciou o seu discurso *sobre* literatura infantil com a publicação do artigo "A literatura infantil na escola Normal", em 1957 e, mesmo afirmando nesse artigo, que não via motivos para os professores se preocuparem com a inexistência de "tratados" sobre o assunto, no ano de 1959, após participar da equipe que reformulou o programa de língua portuguesa dos cursos normais (CARVALHO, 2010) e passar a ser procurada por professores para explicar como deveria ser o ensino da literatura infantil, Bárbara V. de Carvalho escreveu e teve publicado *Compêndio de literatura infantil*.

Ao ler o conteúdo nos textos *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho comparativamente a *Compêndio de literatura infantil*, é possível compreender que essa autora, na medida em que reformulou o seu compêndio para a publicação de *Literatura infantil:* estudos (1973) e reformulou esse livro para a publicação de *A literatura infantil*: visão histórica e crítica (1982), ela incorporou aos seus textos alguns dos discursos teóricos que se disseminaram no Brasil ao longo do século XX.

Um exemplo disso é o que ocorre no livro publicado em 1973, no qual Bárbara V. de Carvalho incorpora a discussão psicanalítica sobre a simbologia dos contos de fadas para explicar a importância da literatura infantil na formação da criança, e também como ocorre no livro publicado em 1982, no qual ela utiliza a noção de desenvolvimento do jogo, do biólogo de formação Jean Piaget, para explicar a necessidade de adequação dos livros ao desenvolvimento cognitivo da criança.

Também nas entrevistas que Bárbara V. de Carvalho concedeu a jornais de notícias, durante a década de 1970, e das quais decorreram a publicação de artigos, é possível observar que, embora o seu discurso esteja em sintonia com sua concepção de literatura infantil contida em *Compêndio de literatura infantil*, Bárbara V. de Carvalho aborda questões como, a ênfase de modelos burgueses na produção *de* literatura infantil, em detrimento da representação da "verdadeira realidade" da criança brasileira, e a chamada literatura realista, que, segundo ela, é a maior violência contra a criança.

Sobre essa crítica à representação de modelos burgueses na literatura infantil, que Bárbara V. de Carvalho trata em uma de suas entrevistas, destaco que, embora ela apresente essa concepção, em outra entrevista ela afirma discordar da pesquisadora Fúlvia Rosemberg, que defende a idéia de serem os livros *de* literatura infantil veículo de disseminação de preconceitos e da ideologia burguesa.

Presumo que as incorporações feitas por Bárbara V. de Carvalho ao seu discurso *sobre* literatura infantil e abordagem de temas específicos de um determinado momento histórico da produção *de* literatura infantil, como é o caso da crítica à produção literária infantil das décadas de 1970 e 1980, estejam relacionadas diretamente ao intuito dessa autora de produzir um discurso em sintonia com o seu momento histórico e com as aspirações teóricas que foram se tornando referência na produção científica brasileira.

Apesar dessas modificações e incorporações que ocorrem nos textos *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho, é possível afirmar que a concepção de literatura infantil contida em *Compêndio de literatura infantil* não se altera nos seus textos posteriores. Essa concepção de literatura infantil que não se altera em seus textos consiste na compreensão de que esse gênero literário é o principal instrumento de formação lúdica e agradável da criança, ou seja, a de que os aspectos estéticos e literários relacionados aos aspectos educacionais, psicológicos e morais concorrem na formação do espírito, da personalidade e do caráter da criança. Ou seja, para Bárbara V. de Carvalho o "Belo" está a serviço do "Bem".

Considero que essa concepção de literatura infantil que não se altera no pensamento de Bárbara V. de Carvalho está contida em *Compêndio de literatura infantil* porque, mesmo ela tendo tido publicado um artigo no ano de 1957, no qual trata da função formativa da literatura infantil, porque somente em seu compêndio é que ela aprofunda e desenvolve algumas questões que constituem sua concepção. Além disso, pelo exposto, posso considerar que os demais livros de Bárbara V. de Carvalho nada

mais são do que versões atualizadas, revistas e ampliadas de *Compêndio de literatura infantil*.

Mesmo no caso de *A literatura infantil*: visão histórica e crítica, em que Bárbara V. de Carvalho (1982) parece centrar a sua concepção de literatura infantil mais no plano dos seus valores estéticos, ou seja, como Arte, e parece minimizar o discurso que, até então, era recorrente em seus textos *sobre* literatura infantil, o do aspecto moralizador e educativo da literatura infantil, ainda penso que permanece a concepção de que a literatura está a serviço da formação da criança.

Pelo exposto, considero que em *Compêndio de literatura infantil* está contida a base do pensamento *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho e também a matriz de seu pensamento, que sustenta não só a sua produção *sobre* literatura infantil, mas, como apresentei nos tópicos inicias deste capítulo, também a sua produção *de* literatura infantil.

CAPÍTULO 6

COMPÊNDIO DE LITERATURA INFANTIL E PRODUÇÃO BRASILEIRA *SOBRE* LITERATURA INFANTIL

6.1 A Produção *sobre* literatura infantil no Brasil

Se considerarmos que a produção brasileira de livros *de* literatura infantil iniciou-se somente no final do século XIX e que somente a partir da década de 1920 essa produção passou a constituir maior volume, em decorrência, dentre outros, da profissionalização dos escritores e especialização das editoras nessa área (LAJOLO; ZILBERMAN, 2005), é justificável que a produção brasileira *sobre* literatura infantil seja tão escassa e que somente nas últimas três décadas do século XX se passou a ter uma produção mais sistemática sobre o gênero (CECCANTINI, 2004).

De acordo com balanço realizado por Magnani (1998) e Mortartti (2000a), as primeiras publicações brasileiras *sobre* literatura infantil ocorreram no final do século XIX e início do século XX, sob a forma de prefácios de livros didáticos e de livros de leitura.

A partir da década de 1920, em decorrência do aumento do número de livros *de* literatura infantil publicados no Brasil, começaram a ser publicados, ainda de forma "esparsa" e "episódica", alguns artigos e capítulos sobre o gênero (MAGNANI, 1998).

Ainda de acordo com Magnani (1998) e Mortatti (2000a), a produção brasileira *sobre* literatura infantil intensificou-se a partir da década de 1970, "[...] responsável pela emergência, na cena acadêmica, de um campo de conhecimento específico [...]" (MORTATTI, 2000a) decorrente, dentre outros, da:

> [...] gradativa inserção e institucionalização da literatura infantil como matéria de ensino e/ou disciplina em currículos de licenciaturas em Pedagogia e Letras – a exemplo do que já vinha ocorrendo no Curso Normal –; a organização de entidades e projetos – governamentais ou não –, grupos acadêmicos e de pesquisa, seminários e congressos relativos à discussão de problemas e propostas concernentes à leitura e à literatura infantil; e, sobretudo, a expansão dos cursos de pós-graduação acompanhada de uma crescente produção acadêmica divulgada sob o formato de teses/dissertações, artigos especializados e livros. (MORTATTI, 2000a, p.11).

Ao longo desse pouco mais de um século da produção brasileira *sobre* literatura infantil, considerando a inserção da literatura infantil em diversas áreas de conhecimento e também a multiplicidade de enfoques aos quais foi submetida, alguns autores se tornaram representativos dessa produção por terem sido fundadores de modos específicos de se pensar a literatura infantil no contexto brasileiro, além de seus textos terem se tornado referência indispensável para os que estudam e pesquisam literatura

infantil. São eles: Lourenço Filho (1943)[41]; Meireles (1951); Azevedo (1952); Arroyo (1968); Salem (1970); Zilberman (1981); Zilberman e Magalhaes (1981); Coelho (1981); Lajolo e Zilberman (1984); Rosemberg (1985); Perroti (1986); Magnani (1989); e Ceccantini (2000).

Embora nas primeiras décadas do século XX tenham sido publicados alguns artigos que tematizam a literatura infantil, como afirma Magnani (1998), o artigo "Como aperfeiçoar a literatura infantil", do educador, administrador e psicólogo Manoel Bergström Lourenço Filho[42], publicado em 1943, é considerado por Bertoletti (2006) pioneiro no assunto, uma vez que nele o autor "[...] esboça uma história, formula uma teoria e expõe princípios para uma crítica específica do gênero." (BERTOLETTI, 2006, p. 221).

Decorrente de discurso proferida na Academia Brasileira de Letras, no artigo "Como aperfeiçoar a literatura infantil", Lourenço Filho (1943) apresenta um resumo da história da constituição da literatura infantil como gênero literário e destaca a oscilação do gênero entre a "literatura didática", característica da escola, e a "literatura infantil", que, por ser entendida como Arte, concorre na formação do espírito da criança.

Especificamente no caso brasileiro, Lourenço Filho (1943) destaca a origem da literatura infantil nos livros didáticos e nas traduções e adaptações que vão sendo publicadas a partir do final do século XIX e início do século XX e considera que a publicação, em 1921, de *Narizinho arrebitado:* segundo livro de leitura para uso das escolas primárias, de José Bento Monteiro Lobato, marca o "aparecimento" de uma nova época, original e de trabalhos numerosos, que constitui uma literatura infantil "perfeitamente caracterizada" no Brasil (LOURENÇO FILHO, 1943).

Por meio desse histórico da literatura infantil, Lourenço Filho (1943) a conceitua como os livros produzidos para as crianças, cuja função não é o de aplicação didática, mas o de exprimir o "belo" e, por isso, ela torna-se, inevitavelmente, instrumento de educação, mesmo não tendo "função direta" de ensinar.

> Justamente por ser desinteressada, por não pretender senão fazer admirar o belo, a literatura infantil – arte que é – há de suscitar o bom gôsto, o senso de medida, o desejo de superação; há de concorrer para o uso, crescentemente aprimorado, da linguagem, instrumento natural de comunicação e de expressão entre os homens, por ser mesmo arte também; há de, enfim, cooperar, com as demais formas e processos de

[41] Para informações mais detalhadas sobre a produção de Lourenço Filho *de* e *sobre* literatura infantil ver, especialmente, Bertoletti (2006).

[42] Embora Lourenço Filho não seja psicólogo de formação acadêmica, sua atuação nessa área de conhecimento foi bastante significativa, sendo um dos principais divulgadores da Psicologia no Brasil.

> educação para a compreensão do pequenino mundo da criança [...] (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 157-158).

Além de apresentar o seu conceito de literatura infantil e as funções que considera que essa literatura tem que exercer no seu leitor, Lourenço Filho (1943) apresenta um balanço da situação da produção brasileira *de* literatura infantil, à época, ressaltando que, até o ano de 1942, estavam disponíveis no mercado editorial brasileiro, pelo menos, 605 títulos de livros desse gênero, sendo 434 traduções ou adaptações e 171 livros escritos por brasileiros, porém, grande parte desses livros eram de baixa qualidade estética. Para que essa situação pudesse se reverter, Lourenço Filho (1943) conclui o seu artigo apresentando as "providências" necessárias a serem tomadas, como: a necessidade de uma conceituação mais exata da literatura infantil; necessidade de medidas de estímulo aos autores nacionais, editores e ilustradores; e a necessidade de medidas de estímulo em geral, como criação de prêmios, exposições e o incentivo por parte da Academia Brasileira de Letras.

No ano de 1951, depois de oito anos da publicação do artigo de Lourenço Filho (1943), a poetisa e educadora Cecília Meireles teve publicado *Problemas da literatura infantil*, o primeiro livro *sobre* literatura infantil publicado no Brasil (MAGNANI, 1998), que decorreu de três conferencias que ela proferiu, em 1949, para professores da cidade de Belo Horizonte, a pedido da Secretaria de Educação do estado de Minas Gerais.

Segundo Meireles (1951), literatura infantil é tudo aquilo de que as crianças gostam e escolhem para ler. São elas quem delimitam o que é literatura infantil, e, por isso, não há distinção entre ela e a "Literatura Geral", tudo é uma única literatura. Para Meireles (1951), não há literatura infantil *a priori*, somente *a posteriori.*

Desse modo, o que constitui, para Meireles (1951), o acervo de livros para crianças, é o que "[...] de século em século e de terra em terra, as crianças têm descoberto, têm preferido, têm incorporado ao seu mundo, familiarizadas com seus heróis, suas aventuras, até seus hábitos e sua linguagem, sua maneira de sonhar e suas glórias.". (MEIRELES, 1979, p. 28). Em decorrência desse conceito de literatura infantil, Meireles (1951) compreende que coexistem nesse gênero o aspecto estético e o formativo e, por isso, a literatura infantil é tão necessária à formação humana, quer para as crianças, quer para os adultos.

Ainda no início da década de 1950, o educador e sociólogo Fernando de Azevedo teve publicado, em 1952, o artigo "Literatura infantil numa perspectiva sociológica", no qual ele aponta os aspectos sociológicos dos problemas que envolvem a produção e o estudo da literatura infantil.

Partindo da compreensão de que a literatura infantil é fruto de modificações na estrutura social, econômica cultural e ideológica do mundo moderno, Azevedo (1952) considera que a literatura infantil sempre existiu, porém não sob a forma de livros, mas na cultura popular e tradição oral, constituída de canções de ninar, pequenos contos e pequenas narrativas.

Com as mudanças do mundo moderno e o impulso dos estudos pedagógicos, segundo Azevedo (1952, p. 49-50),

> [...] a criança passou a ser objeto constante das reflexões de filósofos e educadores e das observações e pesquisa científicas de especialistas que trabalham no campo de duas ciências novas e vizinhas: a sociologia e a psicologia. [...] É desse interesse cada vez mais vivo pela criança que começaram a participar escritores, dando-nos, já no século XVIII e sobretudo a partir do século XIX, livros preciosos que se tornaram clássicos [...].

Para concluir, Azevedo (1952), alerta para o fato de que, mesmo havendo, à época, livros de "primeira mão", a literatura infantil também se tornou "refúgio de medíocres", livros com os quais se pretende transmitir valores morais de forma didática. Por isso, a necessidade de se conhecer a literatura infantil, pois a felicidade dela está diretamente relacionada com o que lê, ouve, de acordo com as idéias da época em que vivem (AZEVEDO, 1952).

Depois do primeiro "surto" da produção de textos *sobre* literatura infantil, durante a década de 1950 (MELLO NETO, 1988), década também da publicação de *Compêndio de literatura infantil*, no ano de 1968, o historiador e jornalista Leonardo Arroyo teve publicado o livro *Literatura infantil brasileira*: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes, o qual é decorrente da análise de um farto conjunto de documentos, livros, revistas, informações sobre autores, escritores e memorialistas, catálogos de editoras, textos de historiadores e obras de sociólogos e folcloristas, e que consiste numa fonte inesgotável de informações para as pesquisas na área da literatura infantil.

A partir da compreensão de que a literatura infantil, como Arte literária, é primeiramente diversão e ludismo e que, depois de interessar à criança, passa para um

segundo grau: o de educar e instruir, Arroyo (1968) apresenta um minucioso histórico das origens e fontes da literatura infantil e considera que a literatura oral, o papel desempenhado pelos "velhos negros e negras" contadores de estórias, a literatura escolar e a imprensa escolar foram fundamentais para a sua constituição como gênero literário.

No caso específico do Brasil, Arroyo (1968) afirma ser a origem da literatura infantil a literatura escolar do final do século XIX, sendo que a "verdadeira" literatura infantil só se inicia com Monteiro Lobato, autor que concilia em seus textos:

> [...] o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enrêdo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – tôda uma soma de valores temáticos e lingüísticos que renova inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil (ARROYO, 1968, p. 198).

Além dos aspectos históricos discutidos por Arroyo (1968), esse autor esboça um ensaio sobre o panorama da literatura infantil na década de 1960, no qual considera que a literatura infantil, por ser considerada gênero menor e pelo caráter didático empregado a ela, não encontrou os seus críticos e seus historiadores, merecendo destaque apenas Lourenço Filho, Cecília Meireles e Fernando de Azevedo, autores de textos decorrentes de pesquisas e estudos que significaram o esforço na elaboração de "quadros" históricos e críticos da literatura infantil.

Com base nessas informações, Arroyo (1968) conclui que:

> [...] o exame mais perfunctório das obras dos autores relacionados [...] revela um tradicional fato. Ou melhor, um processo histórico tradicional, qual seja a utilização dos velhos temas nacionais com perspectivas e formulações novas [...] Embora tradicional, o processo sofreu poderosa alteração em seus objetivos. O despertar da consciência nacional [...] Esta moldura condiciona os valores da literatura infantil brasileira, dando-lhe um teor mais brasileiro, mais da terra, com o aproveitamento de seus próprios valores culturais. (p. 228-229).

Publicado no ano de 1970 e decorrente da reformulação, ampliação e reestruturação de outro livro publicado na década de 1950, *História da literatura infantil*, da educadora Nazira Salem, foi publicado no ano de 1970, com o objetivo de contribuir para os estudos *sobre* literatura infantil.

Em *História da literatura infantil*, Salem (1970) compreende que a origem e desenvolvimento da literatura infantil estão "entrelaçados" ao desenvolvimento da psicologia e da pedagogia infantil e, para compreender a sua história, faz-se necessário

compreender os sistemas e teorias educacionais que se disseminaram ao longo dos séculos. Nesse sentido, segundo Salem (1970), as teorias de Roussaeu, Basedow e Pestalozzi, disseminadas no século XVII, estão diretamente relacionadas ao aparecimento da literatura infantil e de uma "fórmula" usada pelos educadores que caracteriza esse gênero literário: a transmissão de conhecimentos e valores morais por meio de exemplos forjados nos textos narrativos.

Depois da publicação do livro de Salem (1970), na década de 1980, em decorrência, como mencionei, da criação de Programas de Pós-Graduação e da constituição da literatura infantil como disciplina nos cursos de Letras e Pedagogia (MAGNANI, 1998, MORTATTI 2000), a produção *sobre* literatura infantil aumentou significativamente. Somente no ano de 1981, dentre outros, foram publicados três importantes livros decorrentes de pesquisas realizadas por professoras pesquisadoras da área de Letras, vinculadas a Instituições de Ensino Superior. São eles: *A literatura infantil:* história, teoria, análise, de Nelly Novaes Coelho; *A literatura infantil na escola*, de Regina Zilberman; e *Literatura infantil:* autoritarismo e emancipação, também de Regina Zilberman em co-autoria com Ligia Cadermatori Magalhães.

No livro *A literatura infantil:* história, teoria, análise, a professora e pesquisadora Nelly Novaes Coelho (1984), em decorrência de seus estudos sobre a didática da Literatura, compreende que a literatura infantil, para além de seus objetivos imediatos, como proporcionar o prazer, emoção e divertimento, deve servir de fonte de "formação cultural" à criança, ou seja, a literatura infantil entendia essencialmente como Arte, desempenha papel importante na formação humana, atuando "[...] de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de *dar forma e de divulgar os valores culturais* que dinamizam uma sociedade." (COELHO, 1981, p. 3, grifos da autora).

De acordo com Coelho (1981) o século XX é marcado pela transformação dos valores de base da sociedade, o que gerou, no campo da literatura infantil, uma diversidade de posicionamentos frente ao "o que é?" a literatura infantil e "como?" ou "por quê?" ela pode/deve interferir na "transmissão" de valores válidos para um dado momento histórico. Apesar das discordâncias, Coelho (1981) defende a compreensão da literatura infantil como "fenômeno literário", sendo que "[...] *não é só o prazer que conta.* Simultaneamente à 'diversão' da leitura, a criançada precisa começar a descobrir (sem saber o que está descobrindo) que Literatura é algo mais do que um simples passatempo" (COELHO, 1981, p. XVII), ela é "depositária" e "mediadora" de valores decisivos para que se possa viver a vida em plenitude. Para isso, os livros destinados às

crianças devem ser adequados ao desenvolvimento psicológico delas, conforme aponta a Psicologia Experimental.

Além desses aspectos, Coelho (1981) considera que a crítica sobre literatura infantil produzida até a década de 1980 foi feita por "vozes críticas" diversas e isso acarreta na perda da "[...] *literariedade* [da literatura infantil], para ser tratada como simples *meio* de transmitir valores." (COELHO, 1984, p. 38, grifo da autora). Para Coelho (1981), é necessária a produção de uma "crítica literária organizada", na qual os que se encarregam de produzi-la devem ter como objetivo compreender o "valor" da obra literária e o meio mais adequado para isso é o "critério culturalista", no qual "[...] procuramos esse valor nas relações que *a obra mantém com as tendências de sua época*." (COELHO, 1984, p. 40, grifos da autora).

No livro *A literatura infantil na escola*, Zilberman (1981) problematiza a relação existente entre a literatura infantil e a escola e considera que, em decorrência da literatura infantil ter sido "inventada" a partir do aparelho escolar, ela está diretamente relacionada à pedagogia (ZILBERMAN, 1981).

Com base em teóricos alemães e considerando que os estudos *sobre* literatura infantil, produzidos no Brasil, não atingiram a globalidade do gênero, Zilberman (1981) se propõe a pensar a literatura infantil a partir da Teoria Literária, por considerar que ela está envolta de equívocos e preconceitos que "reprimem" os estudos que evidenciam a sua "validade estética" e as suas "fraquezas ideológicas". Assim, Zilberman (1981) considera que a constituição da literatura infantil como gênero literário está diretamente relacionada à constituição de um modelo familiar burguês e com a valorização da infância, a partir do século XVII.

Em meio a esse contexto, Zilberman (1981) afirma que a literatura infantil e a escola são "convocadas" para a missão de controle intelectual e manipulação das emoções das crianças.

> A aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disto é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoreas, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança (ZILBERMAN, 1981, p. 15-16).

Embora literatura infantil e escola partilhem de ponto comum – a natureza formativa – para Zilberman (1981), elas não se identificam, pois a escola participa do

processo de manipulação da criança e conformadora de padrões de pensamento em vigência, e a literatura infantil é lugar de síntese da realidade do leitor e de questionamento dos valores em circulação.

Mesmo com essa não identificação entre literatura infantil e escola, Zilberman (1981) considera que ambas não devem ser afastadas, muito pelo contrário, o fato de a literatura infantil ser lugar de questionamento é o que justifica a sua permanência na escola.

> A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro lado, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta (ZILBERMAN, 1981, p. 25).

De acordo com Zilberman (1981), para que a literatura infantil possa se converter nesse elemento transformador, o enfoque dado a ela não pode ser outro senão o estético e o que rompe com o compromisso com a pedagogia e com a doutrinação.

Também no mesmo ano de publicação de *Literatura infantil na escola*, em 1981, Regina Zilberman teve publicado outro livro em coautoria com a professora e pesquisadora Lígia Cadermatori Magalhães. Trata-se de *Literatura infantil:* autoritarismo e emancipação, que é composto por cinco ensaios.

Nesse livro, Zilberman e Magalhães (1981) abordam aspectos da história da constituição da literatura infantil como gênero literário, apresentam reflexões sobre o lugar da literatura infantil na vida da criança e, por meio da análise de um conjunto de livros *de* literatura infantil, analisam os "[...] laços ideológicos que a prendem à estrutura familiar e escolar." (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1981, p. 1).

Assim como consta no outro livro de Zilberman, publicado também em 1981, e que sintetizei a pouco, em *Literatura infantil:* autoritarismo e emancipação Zilberman e Magalhães (1981) compreendem que a constituição da literatura infantil está diretamente relacionada à ascensão da família burguesa e ao novo *status* concedido à infância.

Para as autoras, a literatura infantil tornou-se instrumento de educação por quer era, antes de tudo, um problema pedagógico e não literário, porém, em contrapartida a essa situação, compreensível se estudarmos a história desse gênero, a literatura infantil faz-se importante na formação do leitor não porque transmite

ensinamentos morais, mas por que possibilita ao leitor o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1981).

Com base nessas considerações, Zilberman e Magalhães (1981) analisaram um conjunto de livros *de* literatura infantil, para tentar compreender como que se dá: a relação literatura infantil e tradição pedagógica; a noção de sujeito; a estética da recepção; representação da criança; a transmissão de normas e rupturas; fantasia e exemplaridade; e fantasia e realidade. Com base nisso e na tentativa de redimensionar os problemas da literatura infantil a partir suas próprias particularidades, Zilberman e Magalhães concluem que a literatura infantil é, antes de tudo, "expressão de arte" e como tal deve ser entendida.

No ano de 1984, as professoras e pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, considerando ser a década de 1980 um momento oportuno para um balanço da produção brasileira de livros *de* literatura infantil, tiveram publicado o livro *Literatura infantil brasileira:* história & histórias, no qual abordam do ponto de vista da produção e tentando estabelecer uma relação com outros objetos culturais, a história da literatura infantil brasileira, desde a sua constituição, na República Velha, no século XIX, até o início da década de 1980, momento de expansão da indústria cultural.

Para analisar o "percurso" histórico da literatura infantil brasileira, Lajolo e Zilberman (1984) buscaram analisar a produção *de* literatura infantil contrapondo-a com a "não-infantil", pois ambas compartilham da mesma natureza simbólica: a linguagem.

Para Lajolo e Zilberman (1984), as relações existentes entre literatura infantil e "não-infantil" são marcadas pela marginalização da primeira em relação à segunda, de modo que a menoridade do público ao qual se destina a literatura infantil significasse a também menoridade dela como produção cultural. Além disso, Lajolo e Zilberman (1984, p. 11), ressaltam que:

> Se esse contraponto não é comum, isto é, se todas as histórias literárias brasileiras até agora deixaram de incluir em seu campo de estudo a literatura infantil, nunca é demais frisar o peso circunstancial que o adjetivo *infantil* traz para a expressão literária infantil. Ele define a distinção da obra; essa distinção, no entanto, não pode interferir no literário do texto.

Após a análise da produção *de* literatura infantil com base na sua relação com a literatura "não-infantil", Lajolo e Zilberman (1984) agrupou os textos dessa produção em quatro "ciclos", caracterizados pela relação que estabelece com o seu contexto

histórico, sobretudo com a cultura brasileira, e concluem que, seus cem anos de história, a literatura infantil:

> [...] funda um universo imaginário peculiar que se encaminha em duas direções principais. De um lado, reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização [...] De outro lado, dá margem às manifestações do mundo infantil, que se aloja melhor na fantasia, e não na sociedade, opção que sugere uma resposta à marginalização a que o meio empurra a criança. De um modo ou de outro, enraíza-se uma tradição – a de proposição de um universo inventado, fruto, sobretudo da imaginação, ainda quando esta em um fundamento social e político. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 67).

Sintonizada com um clima de época, característico do momento de abertura política do Brasil, no ano de 1985, a professora e pesquisadora Fúlvia Rosemberg teve publicado *Literatura infantil e ideologia*, que consiste numa coletânea de trabalhos publicados entre 1975 e 1980 em decorrência do desenvolvimento da pesquisa *Análise dos modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira*, coordenado junto a Fundação Carlos Chagas.

Com o objetivo de contribuir para a compreensão do significado social da noção de criança, Rosemberg (1985) analisou o conteúdo de mais de uma centena de livros para tentar compreender como que se dá a relação adulto-criança implicada e veiculada pela literatura infanto-juvenil.

Por meio do conceito de ideologia, entendido como a reprodução das relações de poder e de produção vigentes, Rosemberg (1985, p. 49) aponta que o livro de literatura infantil "[...] se apresenta como um produto cuja feitura é guiada por objetivos que parecem exteriores à criança [...]" e, por isso, esses livros assumem a função de código de ética, normatizando todos os aspectos da vida, sendo a existência desses livros determinada pela tese de que vão demonstrar situações e contextos das crianças (ROSEMBERG, 1985). Além disso, a literatura infantil é orientada pelo "principio do Bem", o que transforma o gênero enfadonho, e sua própria produção é indicativa da relação assimétrica que representa, a comunicação "para" as crianças e não "entre" elas.

Rosemberg (1985) conclui que a análise realizada permite afirmar que há uma contradição aparente na produção de livros de literatura infantil, pois apresentam, ao mesmo tempo, o aspecto "educativo" e "deseducativo", como uma proposta de modelo negada. Assim,

> A dupla moralidade que propõe é, pelo menos isomorfa aos padrões culturais e às relações de poder dominantes [...] remete a relação de

> dominação adulto-criança; na medida em que produzida por brancos de classe média e destinada a brancos de classe média, mantém a relação de dominação entre essas categorias sociais. (ROSEMBERG, 1985, p. 103).

Publicado um ano após o livro de Fúlvia Rosemberg, em 1986, o livro *O texto sedutor na literatura infantil*, do professor, pesquisador e crítico Edmir Perrotti, foi apresentado originalmente sob a forma de dissertação de mestrado, junto a Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

Com o objetivo de analisar o surgimento de uma nova tendência discursiva a partir da década de 1970 no que se refere à literatura infantil, com base na "literariedade" dos textos, Perrotti (1986) afirma que, desde o surgimento da literatura infantil, predominava uma concepção "utilitária" desse gênero, que não busca a realidade da criança, mas a transmissão de uma verdade.

> Visto isso o problema que nos fica é o de que a literatura para crianças e jovens não se satisfaz com a tradição da arte concebida enquanto instrumento apenas em um de seus níveis, mas, exagerando a tradição, reduziu-se a isso, fazendo do contingencial, estrutural e da literatura, propaganda, ao buscar apenas o exortivo, o edificante, o didático, ao realizar obras que, no dizer de Elliot, antes de mais nada, tentam "convencer o leitor de determinado ponto de vista do autor". (PERROTTI, 1986, p. 38).

Segundo Perrotti (1986), a crise do "utilitarismo" da literatura infantil inicia-se somente na década de 1970, quando um grupo de "lúcidos" escritores passaram a ter publicados livros que rompem com a estética vigente, até então, e retomam a perspectiva lobatiana de literatura infantil. Ainda segundo Perrotti (1986), o livro que marca essa crise do utilitarismo é *O caneco de prata*, de João Carlos Marinho Silva, publicado em 1971.

Embora a "geração de 70" tenha representado a crise do "utilitarismo" na literatura infantil, para Perrotti (1986), alguns dos autores desse momento histórico vincularam aos seus textos questionamento em relação à sociedade burguesa com padrões discursivos idênticos aos utilizados pela tradição da literatura infantil brasileira, configurando-se isso, portanto, como um "utilitarismo às avessas".

Ao concluir a sua análise, Perrotti (1986) afirma que, com a ruptura do "utilitarismo" na literatura infantil e a compreensão do papel coercitivo desse discurso, entende-se a importância do discurso estético, que é condizente com aspirações de liberdade e de participação democrática do leitor. Segundo Perrotti (1986, p. 153), "[...]

somente o discurso estético, dado o seu caráter de 'escritura', mostrou-se, desde sempre, capaz de, ao mesmo tempo, conter interesses históricos e de transcendê-los."

Ainda na década de 1980, associadamente ao processo de abertura política do país e de denúncia dos problemas da educação, a professora e pesquisadora Maria do Rosário Mortatti Magnani, em 1989, teve publicado o livro *Leitura, literatura e escola:* sobre a formação do gosto, resultante de dissertação de mestrado, que defendeu junto a Faculdade de Educação da Unicamp, e no qual buscou investigar as relações entre leitura, literatura e escola, do ponto de vista da formação do gosto estético.

Partindo da compreensão de que a escola caracteriza-se como uma das "[...] instancias deliberativas e executivas na institucionalização do 'literário', atuando na formação do gosto, que gerará e moldará as necessidades do mercado da leitura" (p. 2), Magnani (1989) fez levantamento, em 1984, dos livros mais frequentemente lidos pelos alunos de 5ª. a 8ª. série do 1º. grau da região de Campinas-SP e, a partir disso, selecionou os três livros que eram mais lidos dentro do conjunto reunido para analisar os aspectos "intratextuais", "extratextuais" e "intertextuais" deles. São eles: *A ilha perdida* (1946), de Maria José Dupré; *Aventuras de Xisto* (1957), de Lúcia M. de Almeida; e *O mistério do cinco estrelas* (1981), de Marcos Rey.

Por meio da análise dos livros selecionados, Magnani (1989) os considerou exemplos da "trivialização" da literatura infantil e juvenil, em decorrência dos "[...] clichês e automatismos em todos os níveis, que buscam repetições dos códigos, a fixação de um conjunto sistemático de normas" (MAGNANI, 1989, p. 95), o que em nada contribui para a formação do gosto estético. Além disso, se a escola é o lugar por excelência do contato com o livro, considerando a sua "trivialidade", o "[...] imobilismo do professor é mais um fator que se acrescenta ao conjunto dos funcionamentos conformes." (MAGNANI, 1989, p. 135).

Em vista do exposto, Magnani (1989) conclui que, ao aprender a ler, pode-se formar o gosto pela leitura literária de qualidade e pode-se formar o gosto estético e, por isso, o professor deve "interferir criticamente" nesse processo (MAGNANI, 1989).

No ano de 2000, o professor e pesquisar João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, partindo da necessidade de estudos satisfatórios em relação à produção literária destinada ao público juvenil, defendeu a tese de doutorado *Uma estética da formação:* vinte anos de literatura juvenil brasileira premidada (1978-1997), na qual analisou obras de autores brasileiros lançadas no mercado editorial e premiadas, entre 1978 e 1997.

Segundo Ceccantini (2000...), embora haja um "[...] esgotamento sistemático da questão do específico do juvenil [...]" (CECCANTINI, 2000, p. 23), a expressão "literatura juvenil" é recorrentemente utilizada em catálogos de editoras e circula entre professores, bibliotecas, guias de leituras e instituições legitimadoras, como a Câmara Brasileira do Livro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Associação Paulista de Críticos de Arte, também responsáveis pela premiação de livros *de* literatura infantil e juvenil.

Por meio da análise dos livros selecionados, Ceccantini (2000, p. 434) conclui que "[...] embora tenha ocorrido uma série de opções tanto no nível temático quanto no formal, [...] isso na grande maioria das vezes não significou por parte do escritor abrir mão da esteticidade para apenas fazer cessões às leis do consumo e do mercado." Além disso, Ceccantini (2000) considera que essa conclusão permite afirmar que o *corpus* analisado constitui uma "estética da formação", sendo que "estética" diz respeito à condição de Arte dos livros analisados e "formação" diz respeito à busca de identidade do jovem, ao aspecto da "recepção" dos livros pelo público leitor (o "ser em formação") e à função de formação que difere da formação pedagógica.

6.2 As tendências na produção brasileira *sobre* literatura infantil

Por meio da análise dos textos sintetizados no tópico anterior, penso ser possível compreender as principais permanências e rupturas em relação à conceituação da literatura infantil e também em relação à compreensão de suas finalidades e funções.

Também por terem se tornado referência para outros autores, considero que esses textos que sintetizei sejam representativos de tendências da produção brasileira *sobre* literatura infantil, que se disseminaram ao longo do século XX, influenciando os escritores de literatura infantil e os professores e/ou pesquisadores que passaram a se dedicar ao estudo desse gênero literário.

Possivelmente em decorrência de a literatura infantil ter sua origem nos textos escolares e estar diretamente relacionada à constituição do modelo de escola republicana, a tendência que marca o aparecimento da produção sistematizada *sobre* literatura infantil é de que, embora reconhecido e valorizado o seu aspecto estético, ela é instrumento de educação e de formação do público leitor infantil, agindo como

importante meio para a formação desse público. Nesse sentido, Lourenço Filho é, portanto, o precursor e disseminador dessa tendência, como aponta Bertoletti (2006).

Embora os textos posteriores aos de Lourenço Filho (1943) possam apresentar aspectos que avancem em relação ao conceito de literatura infantil apresentado por ele, parece que a compreensão de que a literatura infantil é marcada pelos aspectos "formativo" e "utilitário" inter-relacionados ao "estético" caracteriza grande parte da produção *sobre* o gênero no Brasil, não tendo sido publicado, pelo menos até a década de 1970, nenhum outro texto que rompa com o posicionamento apresentado por Lourenço Filho, no artigo de 1943.

Mesmo em textos de autores como Cecília Meireles, que a "[...] condição de poeta e professora, lhe permite pensar e praticar a relação 'equilibrada' entre o 'agradável e o útil' nos textos de literatura infantil" (MORTATTI, 2008a, p. 46), ou, ainda, de Fernando de Azevedo, que estava preocupado com as questões sociológicas relativas à literatura infantil, é possível identificar a influência do pensamento *sobre* literatura infantil disseminada por Lourenço Filho.

Como afirma Bertoletti (2006), esse autor, ao tematizar, pioneiramente, a literatura infantil, do modo como o fez, é fundador de uma tradição, que, mesmo silenciada no presente, ainda exerce influência na produção *sobre* literatura infantil até os dias atuais, dada sua força e importância. Ainda segundo Bertoletti (2006, p. 221), a produção *sobre* literatura infantil que sucedeu o de Lourenço Filho apresenta as mesmas preocupações apontadas por ele, no artigo de 1943 e, por vezes, até reitera os dados por ele organizados.

Um aspecto que penso merecer destaque em relação a essa tendência disseminada por Lourenço Filho (1943), é a presença de conceitos da Psicologia para a compreensão das finalidades e funções da literatura infantil, sobretudo da necessidade de adequação dos livros aos estágios do desenvolvimento psicológico da criança. Exemplo disso é o livro de Nelly Novaes Coelho, publicado em 1981, e no qual a autora, ao defender que a literatura infantil pertence, simultaneamente, à literatura e a pedagogia, utiliza-se de conceitos da Psicologia Experimental para apresentar qual tipo de livro é mais adequado para cada "estágio psicológico" da criança.

Para além da influencia do pensamento de Lourenço Filho, penso que também merece destaque um aspecto do pensamento *sobre* literatura infantil de Cecília Meireles (1951). Embora a compreensão da relação entre o "útil" e o "agradável" possa estar presente no seu pensamento *sobre* literatura infantil, Cecília Meireles pode ser

considerada pioneira na proposição do conceito do que constitui o acervo de livros *de* literatura infantil. Segundo Cecília Meireles, somente depois de passar pelo crivo de leitura da criança, um texto pode ser classificado, ou não, como literatura infantil. Nesse sentido, essa autora é a primeira a não fazer distinção entre a literatura infantil e a "Literatura Geral", pois, para ela, tudo é uma literatura só, e a criança é quem escolhe aquilo que faz parte do seu repertório de leituras.

A partir da década de 1980, considero que essa tendência disseminada pelo pensamento de Lourenço Filho (1943) passa por um processo de ruptura, pois nesse momento alguns autores passaram a pensar a literatura infantil a partir de um ponto de vista ainda não comum, o da Teoria e Crítica literária.

Como exemplo dessa ruptura, tem-se o livro da professora e pesquisadora Regina Zilberman (1981), que ao propor a análise da relação entre literatura infantil e escola a partir de referencial teórico alemão, entende que escola e literatura infantil não se identificam, pois a escola é lugar de clausura e de transmissão da ideologia dominante e a literatura infantil, por sua condição de arte, é meio para extravasar e refletir. No entanto, isso não significa que a literatura infantil, por medida de precaução, deve ser banida da escola, pelo contrário, é por meio dela que se pode possibilitar a superação desse "enclausuramento".

Também o livro Maria Lajolo e Regina Zilberman (1984) é indicativo de certa ruptura com os textos anteriores, pois ao pensarem a história da literatura infantil brasileira, não buscaram compreender a sua origem, como Arroyo (1964), mas buscaram compreender, na relação entre livro e contexto, em que momento histórico a literatura infantil alcançou a sua "literariedade" e se equiparou a literatura "não-infantil".

De acordo com Ceccantini (2004, p. 30), o livro de Lajolo e Zilberman (1984), pode ser considerado divisor de águas, pois "[...] apresenta uma visão original de nossa produção do gênero, segundo um enfoque simultaneamente histórico e estético [...]".

De um ponto de vista diferente desses e dos demais da década de 1980, que buscam compreender a literatura infantil a partir de aspectos intrínsecos a ela, penso que o livro de Fúlvia Rosemberg (1985) também marca uma tendência nas pesquisas e estudos *sobre* literatura infantil, a de analisar as formas de representação da ideologia dominante no conteúdo dos livros *de* literatura infantil.

Essa perspectiva de Fúlvia Rosemberg (1985) parece ter se tornado recorrente em pesquisas acadêmico-científicas de diferentes áreas do conhecimento, nas quais os

autores analisam as formas de representação, por exemplo, do negro, e das relações de gênero (masculino e feminino), na literatura infantil.

Ainda sobre a produção da década de 1980, destaco, também, os de Perrotti (1986) e Magnani (1989), que, embora não caracterizem rupturas em relação aos de Zilberman (1981) e Lajolo e Zilberman (1984), no sentido de ruptura que esses significam em relação aos publicados até a década de 1970, esses autores apresentam reflexões que possibilitam ampliar as possibilidades de análise da literatura infantil e do seu entendimento a partir, sobretudo, de sua "esteticidade". No caso de Perrotti (1986), a sua experiência como crítico literário caracteriza e enriquece a sua forma de análise e, no caso de Magnani (1989), que, para entender a relação entre escola e a formação do gosto estético, propõe um modo de análise interdisciplinar com base nos aspectos "intra-textuais", "extra-textuais" e "interterxtuais" do livro.

Também a tese de doutorado de Ceccanti, defendida em 2000, na qual o autor também dialoga com a perspectiva da "literariedade", merece destaque, na medida em que quase inexistiam (ou ainda inexistem) pesquisas voltadas para os livros de literatura juvenil.

Apesar da minha ênfase de que os textos sintetizados nesse capítulo sejam representativos de tendências identificáveis na produção brasileira *sobre* literatura infantil e que ao longo da história dessa produção é possível identificar, também, permanências e rupturas, não significa que esses livros divergem entre si. Na realidade, considerando-se as diferentes concepções, vertentes teóricas e formas de análise utilizadas pelos diferentes sujeitos dessa produção, entendo que esses textos dialogam entre si, numa perspectiva muito mais de retomada e ampliação, do que a de contraposição radical ou negação do já produzido. Além disso, na tentativa de compreender as principais tendências presentes na produção *sobre* literatura infantil, penso que, ao longo de sua história, a literatura infantil foi ora pensada a partir de aspectos exteriores a elas e ora a partir de aspectos inerentes a ela, ou ainda, numa tentativa de conciliação dessas duas perspectivas.

6.3 Relações possíveis entre *Compêndio de literatura infantil* e a produção brasileira *sobre* literatura infantil

Consciente de que o lugar de onde Bárbara V. de Carvalho produz *Compêndio de literatura infantil* seja diferente dos autores dos textos que apresentei neste capítulo e que esse compêndio tenha sido escrito com objetivo diferente desses textos, penso ser importante tentar compreender o lugar que o compêndio de Bárbara V. de Carvalho ocupa no âmbito da produção brasileira *sobre* literatura infantil e como ele se relaciona com essa produção teórica.

De acordo com Chevallard (1995 apud MONTEIRO, 2001), o processo de elaboração de um compêndio ou manual de ensino, que consiste na sistematização e adaptação do conhecimento teórico formulado por outros autores, é denominado de "transposição didática", ou seja, o processo de transformação do conhecimento teórico, de referência científica, em conhecimento e procedimentos de ensino.

Ainda segundo Chevallard (1995 apud MONTEIRO, 2001), a "transposição didática" não é um processo realizado pelos professores em sala de aula, mas pelos "técnicos" que atuam na esfera do conhecimento, mesmo quando esses professores adaptam ou redirecionam o conhecimento "transposto didaticamente" ao qual têm acesso, para adequação a realidades específicas, eles o fazem em âmbito limitado, o desse conhecimento já "transposto didaticamente".

Um aspecto que penso ser importante para pensar como Bárbara V. de Carvalho elabora *Compêndio de literatura infantil*, é o de que, logo que literatura infantil foi instituída como disciplina dos cursos normais paulistas, em 1957, no artigo que ela teve publicado no jornal *A gazeta*, de São Paulo-SP, ela defendia a idéia de que não havia motivos para os professores se preocuparem com o ensino da literatura infantil nem com a necessidade de "tratados" para ministrar essas aulas, pois, embora a bibliografia brasileira sobre o assunto fosse escassa, havia disponível, à época, bibliografia teórica sobre o assunto em língua francesa e espanhola, que segundo ela, era acessível aos professores de língua.

Apesar dessas considerações, no ano de 1959, Bárbara V. de Carvalho teve publicado *Compêndio de literatura infantil*, no qual afirma que:

> Num livro escolar, como é este, apresentamos um programa que traga uma visão panorâmica do assunto, a fim de orientar os alunos para as suas aulas e o desenvolvimento de suas teses. Não pretendemos fazer outra cousa, senão **oferecer-lhes material, sistematizado e condensado**, para facilitar-lhes o estudo, cabendo, então, ao professor, orientá-los e dirigi-los. (CARVALHO, 1959, p. 6, grifos meus).

Para poder "oferecer material sistematiza e condensado", sobre literatura infantil e para os professorandos, Bárbara V. de Carvalho apropriou-se do conhecimento veiculado em livros teóricos *sobre* literatura infantil em língua francesa e espanhola, que estão relacionados na bibliografia de *Compêndio de literatura infantil*, e estruturou, organizou e divulgou esse conhecimento de forma didática.

Nesse sentido, penso que a relação que *Compêndio de literatura infantil* estabelece com os textos que apresentei neste capítulo, não é o de produzir uma teoria que dialoga com eles no sentido de análise interpretativa, de base científica, que tenta explicar e compreender o fenômeno "literatura infantil". Penso que o objetivo do compêndio de Bárbara V. de Carvalho é divulgar aos professorandos, de forma didática, o conhecimento teórico disponível sobre o assunto, no sentido de orientá-los no trabalho com a literatura infantil.

Especificamente em relação ao modo como *Compêndio de literatura infantil* se relaciona com a produção brasileira *sobre* literatura infantil, entendo, ainda, que ele não funda um modo específico de se pensar a literatura infantil, pois, assim como a grande maioria dos textos que foram publicados até a década de 1970, a concepção de literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho está pautada na idéia de que a literatura infantil é instrumento "agradável" para a formação e instrução da criança, tendência essa, que considero ter sido disseminada por Lourenço Filho, no caso brasileiro.

Ainda sobre essa relação possível entre a produção brasileira *sobre* literatura infantil e o compêndio de Bárbara V. de Carvalho, considero que, mesmo tendo sido o referencial utilizado por ela majoritariamente estrangeiro e a base de sua concepção de literatura infantil estar baseada, principalmente, nas ideias do pesquisador uruguaio Jesualdo Sosa[43], autor do livro *La literatura infantil*, publicado pela primeira vez em 1944, no Uruguai, considero que a tradição fundada por Lourenço Filho está, de certa forma, presente em *Compêndio de literatura infantil*.

Assim como Lourenço Filho defendia a ideia de formação do "homem futuro" e de "boas letras" como uma das finalidades da literatura infantil, Bárbara V. de

[43] Jesualdo Sosa nasceu na cidade de Tacuarendó, no Uruguai, em 1905, e faleceu em Montevidéu em 1982. Formado professor pelo *Instituto Normal para Varones*, em Montevidéu, Jesualdo atuou como professor em cidades do interior e na capital do Uruguai, além de ter atuado entre os anos de 1940 e 1943 no México. Ao longo de sua atuação profissional, Jesualdo teve publicados artigos e livros sobre educação e teve publicado, em 1944, o livro *La literatura infantil,* que foi traduzido por James Amado para o português e publicado no Brasil em 1978.

Carvalho (1959) justifica o ensino da literatura infantil com uma idéia muito próxima a essa:

> Então, a função primordial do estudo da literatura infanto-juvenil é conseguir despertar na criança e no adolescente o prazer da leitura, é iniciá-los na cultura, de modo atraente, para dar-lhes a devida formação. Concluindo, estudem a Literatura Infantil por amor de seus alunos pensando nêles, visando a êles. (CARVALHO, 1959, p. 6).

Apesar dessa relação que penso existir entre a produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e o compêndio de Bárbara V. de Carvalho, ressalto que os textos desse autor não integram a bibliografia de nenhuma das edições desse compêndio. Porém, presumo que, por eles terem sido contemporâneos, por ter sido Lourenço Filho autor do "ante-projeto" de literatura infantil que serviu de base para a elaboração do programa de ensino da disciplina "Literatura infantil", por ele ter ocupado importantes cargos na administração do magistério público paulista no momento em que Bárbara V. de Carvalho atuava como professora no estado de São Paulo e por ser ele um dos principais disseminadores das ideias escolanovista, considero que, direta ou indiretamente, o pensamento de Lourenço Filho tornou-se referência para Bárbara V. de Carvalho, influenciando, ainda que inconscientemente, o seu pensamento *sobre* literatura infantil.

CAPÍTULO 7

CONTRIBUIÇÕES DE BÁRBARA V. DE CARVALHO PARA A HISTÓRIA DO ENSINO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

7.1 *Compêndio de literatura infantil* e a sintonia com os programas de ensino

Após constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos normais do estado de São Paulo, processo que Bárbara V. de Carvalho participou, segundo Carvalho (2010) e Santos (2001), com mencionei no Capítulo 5 desta dissertação, um grupo de professores, cujos nomes não tive acesso, organizaram, com base no "ante-projeto" de Lourenço Filho, os programas de ensino para a disciplina "literatura infantil", do qual resultou a publicação de *Programas do curso normal* (SÃO PAULO, 1958).

Por se tratar de um programa de ensino, esse documento contém apenas os "pontos" a serem estudados pelos professorandos no que diz respeito à literatura infantil, sem que haja qualquer sugestão ou "instrução metodológica" do desenvolvimento desses "pontos". Também o "ante-projeto" de autoria de Lourenço Filho, embora contenha algumas poucas sugestões do que pode ser trabalhado no ensino da literatura infantil, esse documento está centrado nos apenas nos "pontos" necessários a serem ensinados.

Tomando, portanto, como base o programa de ensino e por meio da "transposição didática" da teoria a que teve acesso, *sobre* literatura infantil, Bárbara V. de Carvalho estruturou em *Compêndio de literatura infantil* os conhecimentos considerados necessários à formação do professor primários relativos à literatura infantil.

Mais do que contemplar os temas relacionados à literatura infantil que constam no programa de 1958, *Compêndio de literatura infantil* foi elaborado com a mesma estrutura desse programa de ensino, de forma que a organização dos capítulos segue a sequência de "pontos" contida nesse programa.

Como expus no Capítulo 3, desta dissertação, Bárbara V. de Carvalho organizou seu compêndio a partir da apresentação da "origem" histórica da literatura infantil, que consiste na tradição oral, e apresentação dos autores do século XVII, os "fundadores" da literatura infantil, do século XVIII e XIX. Essa apresentação de Bárbara V. de Carvalho corresponde ao primeiro "ponto" do programa de literatura infantil. O mesmo ocorre com os demais "pontos" do programa e a sequência de capítulos do compêndio.

De acordo com Cunha (1995), os documentos oficiais dos cursos normais do estado de São Paulo, publicados entre 1938 e 1960, contêm orientações que

> Ressaltam a importância dos conhecimentos das áreas científicas da Psicologia, da Sociologia e da Biologia. Tais conhecimentos devem ser ministrados de maneira a consolidar uma visão integrada do educando a ser trabalhado pelos futuros mestres; a criança deve ser compreendida em suas dimensões biológicas, psicológica e social [...]. (CUNHA, 1995, p. 78).

Essa ênfase ao aspecto psicológico, social e biológico, característica da Escola Nova, está contemplada no programa de literatura infantil, pois, o professorando, de acordo com ele, deveria estudar "o ajustamento do literato à evolução da criança", além dos aspectos "didáticos, psicológicos, sociais e morais" dos livros infantis.

Em conformidade com o programa de literatura infantil e com as aspirações do momento histórico, em *Compêndio de literatura infantil* são bastante destacados os aspectos "didático", "psicológico", "social" e "moral" da literatura infantil. Na medida em que Bárbara V. de Carvalho apresenta, em seu compêndio, aspectos da "caracterização" da literatura infantil, como a poesia, as fábulas e o teatro, há sempre a ressalva de que os textos selecionados devem ser adequados ao processo de "evolução" psicológica, biológica e social da criança.

Bárbara V. de Carvalho, ao desenvolver, no seu compêndio, o aspecto das "Finalidades didática, psicológicas, sociais e morais da literatura infanto-juvenil", de acordo com o programa de ensino, apresenta um conjunto de ações que o professor deve desempenhar para que essas "finalidades" sejam atingidas. Cabe ao professor fazer com que a literatura infantil atenda as finalidades de,

> [...] estimular a inteligência e a imaginação; [...] sublimar e transferir impulsos; [...] fazer da literatura um instrumento de satisfação, de gôzo recreativo, de alegria, par que ela se infiltre na alma infantil e a acompanhe até a idade adulta; [...] despertar o sentimento de respeito, de cavalheirismo, de boas maneiras, enfim, da conduta social, em quaisquer circunstâncias; [...] imprimir na criança o entusiasmo pela boas ações e bons sentimentos; [...] fazê-la perceber a vitória do bem e o castigo ou insucesso do mal [...] (CARVALHO, 1959, p. 91-3).

No âmbito da escola nova, as instituições de ensino têm função socializadora e deve atender às exigências do desenvolvimento da criança (CUNHA, 1994; 1995). A partir desse princípio, os programas eram organizados, de acordo com Cunha (1995), para nortear o trabalho do professor para que essas finalidades fossem atingidas, além de os programas serem responsáveis para se evitar ações espontaneístas no ensino (CUNHA, 1995). Apesar de os programas estarem centrados na formação do professor para que ele possa atuar plenamente no desenvolvimento da criança, o professor é visto

como “[...] de fundamental importância para o projeto de sociedade, não podendo, por esta razão, ser permeada, além do inevitável, por flutuações de ordem pessoal.”.

Possivelmente preocupada com esse aspecto da formação dos professores, Bárbara V. de Carvalho, no *Compêndio de literatura infantil*, faz o seguinte alerta aos professores: “Não esqueça o professor que em suas mãos está a responsabilidade das virtudes e dos vícios adquiridos na educação intelectual da criança (e que bela e grandiosa missão).” (CARVALHO, 1959, p. 73).

Mesmo com as mudanças que foram ocorrendo no ensino normal paulista, sobretudo nos programas de ensino dos cursos normais, decorrentes das mudanças na concepção de formação de professores, ainda assim é possível compreender a sintonia de *Compêndio de literatura infantil* com esses programas.

Até mesmo a extinção dos cursos normais e a criação da HEM, características da crise da concepção escolanovista de educação e a articulação da pedagogia tecnicista (SAVIANI, 2008), ainda assim é possível identificar semelhanças dos conteúdos programáticos da disciplina “literatura infantil”, da HEM, com o conteúdo de *Compêndio de literatura infantil*, fato que reforça isso, é a indicação desse compêndio como bibliografia básica para o ensino da literatura infantil no documento *Habilitação Específica de 2°. Grau para o Magistério*: guias curriculares para a parte diversificada da formação especial (SÃO PAULO, 1981).

É possível que o fato de Bárbara V. de Carvalho ter reformulado e ampliado a 2ª. edição, comparativamente à 1ª. edição, e a 3ª., comparativamente à 2ª. edição, esteja relacionado com as mudanças que foram ocorrendo ao longo da segundo metade dos século XX, nos cursos de formação de professores primários.

Pelo exposto, pode-se afirmar que *Compêndio de literatura infantil* contribuiu para estruturar um conjunto de saberes relacionados à literatura infantil e considerados necessários para a formação dos professores primários, pois, na medida em que não haviam textos que subsidiassem o ensino da literatura infantil e o programa oficial apenas apresentava os “pontos” a serem abordados, Bárbara V. de Carvalho é a primeira a elaborar um compêndio no qual contém os conteúdos relativos à literatura infantil, que deveriam ser estudados nos cursos normais pelos professorandos.

7.2 As influências recebidas e exercidas por Bárbara V. de Carvalho

Ao longo de sua vida, formação e atuação profissional, Bárbara V. de Carvalho, inevitavelmente, sofreu influências no seu modo de pensar e agir, que estão diretamente relacionadas à sua concepção de ensino de literatura infantil.

A formação como professora primária, na década de 1930, e, posteriormente, no final da década de 1940 e início da década de 1950, como professora de língua e literatura, ainda na Bahia, presumo que tenha sido o momento com o qual ela passou a tomar contato com as idéias "renovadoras" relativas à educação, disseminada nesse momento histórico, que significaram a critica ao modelo de escola "tradicional" e, segundo Saviani (1985, p. 12):

> [...] [deslocou] o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; da aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental bseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia [...]

Também a crítica literária exercida por Bárbara V. de Carvalho com a publicação de artigos em jornais e revista, entre as décadas de 1950 e 1970, e a primeira experiência como escritora, em 1955, articuladamente o conhecimento teórico com o qual teve contato durante o período que fez o curso de Letras Neo-latinas, a possibilitaram formular uma concepção de literatura, que teve os seus desdobramentos na concepção de literatura infantil e de ensino da literatura infantil, contida em *Compêndio de literatura infantil*.

A vivência no meio escolar seja com professora seja ocupando cargos administrativos, a atuação como professora universitária e a participação em grupos especializados na questão da literatura infantil penso que também concorreram no sentido de influenciarem o pensamento de Bárbara V. de Carvalho, sobretudo em relação ao ensino da literatura infantil.

Mas, na mesma medida em que Bárbara V. de Carvalho recebeu influências em sua formação, a sua condição de professora, responsável pela formação de outros, a circulação de suas idéias por meio de seus textos escritos e a atuação em cargos administrativos, também foram formas de essa autora exercer influência na formação de gerações não só de professores, como também de crianças, visto que ela é autora de

livros destinados ao uso de alunos em fase inicial de escolarização e também de livros *de* literatura infantil, pois, embora os demais livros de Bárbara V. de Carvalho não tenham sido objeto especifico de minha pesquisa de mestrado, a relação que eles estabelecem com *Compêndio de literatura infantil*, como apontei no Capítulo 4 desta dissertação, contribuem para a compreensão de que o pensamento *de* e *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho contido nos demais livros de sua autoria, tem como base a concepção de literatura infantil apresentada ela em seu compêndio, no qual considero, portanto, estar a matriz de seu pensamento.

Além disso, no que se refere diretamente ao campo da literatura infantil e da produção brasileira *sobre* o gênero, mesmo tendo como principal finalidade o ensino e como principal característica a divulgação de forma didática da teoria formulada por outros autores, considero que *Compêndio de literatura infantil* ocupa lugar importante nesse campo, pois sua circulação e utilização, ou mesmo a circulação e utilização dos demais livros *sobre* literatura infantil dessa autora, que decorreram da reformulação desse compêndio, permite afirmar que ele contribuiu na disseminação de uma determinada concepção de literatura infantil.

Como afirma Valdemarin (2010, p. 26):

> Na articulação do âmbito prático-doutrinário são produzidas versões da teoria, cujos sentidos e significados são evidenciados nas continuidades estabelecidas. Dada sua ampla difusão, seu manuseio cotidiano e as sucessivas edições, os manuais didáticos contribuem decisivamente para que determinadas interpretações se tornem hegemônicas. A experiência profissional dos autores e a posição intermediária que ocupam no campo educacional, que lhes permite alternar entre posições didáticas e estratégicas, evidenciam também os limites impostos à inovação e o peso da predisposição nas continuidades estabelecidas. Nos discursos veiculados nos manuais didáticos, que têm por objetivo reduzir a distância entre as inovações pretendidas e as práticas em curso, revela-se a seletividade dos elementos considerados.

Exemplo dessa divulgação de uma determinada concepção de literatura infantil são os livros, capítulos de livros, artigos em periódicos e textos acadêmicos que localizei, e nos quais os respectivos autores citam e/ou mencionam, principalmente, *Compêndio de literatura infantil*, utilizando-o como fundamentação teórica.

Ressalto aqui, também que, embora Bárbara V. de Carvalho não tenha antecipado nenhuma tendência teórica, no sentido dos textos teóricos que apresentei no Capítulo 6 desta dissertação, e que seu compêndio se caracterize pela divulgação do conhecimento teórico produzido por outros, de outra perspectiva, e considerando a

complexidade específica dos manuais de ensino de literatura infantil, pode-se considerar que o compêndio de Bárbara V. de Carvalho, por ser o primeiro específico para o ensino da literatura infantil e por conter as características que apresentei nos capítulos anteriores, "funcionou" como teorização da literatura infantil, ainda que essa teorização tenha sido elaborada por Bárbara V. de Carvalho por meio da teoria formulada por outros autores.

7.3 O pioneirismo

Nascida na cidade de Salvador-BA, no início do século XX e tendo se formado professora no momento histórico de disseminação das ideias "renovadoras" em Educação, Bárbara V. de Carvalho, ainda que pertencesse a um núcleo familiar de condições financeiras limitadas, como afirma Carvalho (2010), penso que ela integrou uma parte da população brasileira extremamente privilegiada, sobretudo no início do século XX, quando apenas uma parcela dessa população freqüentava a escola primária, e uma parcela ainda menor freqüentava cursos normais e/ou cursos de licenciatura e bacharelado. Também o seu casamento com um jovem recém formado médico pode ser considerado indicativo do núcleo social mais elevado economicamente ao qual pertencia Bárbara V. de Carvalho, além do que, depois de se casar, seu marido contratou alguns professores para lhe ministrar cursos particulares.

Nesse sentido, é possível presumir que Bárbara V. de Carvalho tenha vivenciado ao longo de sua infância e juventude, condições de vida bastante diferenciadas dos padrões da maior parte da população brasileira da época, o que penso ter proporcionado a ela uma formação cultural também bastante diferencia.

Essa formação cultural de Bárbara V. de Carvalho tornou-se ainda mais diferenciada depois de ela cursar a Escola Normal e, principalmente, depois de graduar-se em Letras Neo-latinas, pois penso que foi a partir desse curso que ela teve os seus primeiros contatos teóricos e práticos com questões como, a teoria literária, a especificidades do ensino de língua e literatura e o estudo de línguas estrangeiras, como o francês e o espanhol, o que provavelmente a possibilitou conhecer e ler os livros *sobre* literatura infantil em língua francesa e espanhola que utilizou como referencial teórico em *Compêndio de literatura infantil*.

Outro aspecto que contribui para pensar essa formação cultural diferenciada de Bárbara V. de Carvalho, no momento histórico em que se formou professora de língua e literatura, é o de que, no seu álbum de formatura, consta o registro apenas de outros 11

alunos que se formaram junto com ela, em 1952, na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

Depois de concluir o curso de Letras e ter morado um curto período de tempo no Rio de Janeiro-DF, Bárbara V. de Carvalho mudou-se para o estado de São Paulo para assumir cargo de professora de língua portuguesa e, ao longo de toda a sua atuação em escolas e cargos públicos desse estado e depois de fixar-se na capital paulista, construiu uma carreira importante no que se refere, sobretudo, ao estudo, ensino e divulgação da literatura infantil no Brasil, tendo a sua formação cultural contribuído significativamente para isso.

As relações que Bárbara V. de Carvalho estabeleceu morando e atuando em São Paulo, são importantíssimas para compreender como ela foi delineando a sua atuação na história do ensino da literatura infantil.

No ano de 1957, quando voltou a residir em São Paolo-SP para instalar e dirigir o Ginásio Estadual de Vila Formosa, Bárbara V. de Carvalho, Bárbara V. de Carvalho ainda não fazia parte do grupo de professores que, de certo modo, estavam envolvidos com as questões da literatura infantil. É provável que sua participação na reformulação dos programas de língua portuguesa dos cursos normais tenha sido o que modificou essa situação, pois, embora ela não integrasse o grupo de professores que ministrou curso sobre literatura infantil na cidade de São Paulo, do qual decorreu a publicação do livro *Curso de literatura infantil,* organizado por Antenor Santos Oliveira, e também não tenha feito parte do grupo de professores que ministrou palestras na I Semana de Literatura infantil, ocorrida no Instituto de Educação "Caetano de Campos", ainda em1957, os editores do jornal *A gazeta*, de São Paulo-SP, publicou artigo de sua autoria sobre o ensino da literatura infantil nos cursos normais.

Pelo exposto, é possível compreender que o convite feito à Bárbara V. de Carvalho para dirigir e instalar o Ginásio Estadual de Vila Formosa, a sua volta para residir na capital paulista e a sua participação na reformulação do programa de língua portuguesa, parecem ter sido a "porta de entrada" dela para sua profícua a atuação no ensino da literatura infantil.

Se, porém, esses aspectos foram o que levaram Bárbara V. de Carvalho a iniciar sua atuação no ensino da literatura infantil, a publicação de *Compêndio de literatura infantil* foi o que impulsionou sua atuação, pois, partir disso, ela passou, gradativamente e progressivamente, a ser convidada para ministrar cursos, palestras e seminários sobre literatura infantil, passando ser a sua atuação reconhecida por

importantes professores da época, como Antônio d'Ávila, que em dois dos artigos que teve publicado ressalta o pioneirismo de Bárbara V. de Carvalho, ou mesmo a professora e pesquisadora vinculada à USP, Nelly Novaes Coelho, e a escritora e adaptadora, Tatiana Belinky, além de ter sido convidada para ministrar palestras em importantes universidades, como a USP, e também no exterior.

Também na medida em que a atuação de Bárbara V. de Carvalho foi se consolidando, essa autora passou a ter maior número de livros publicados, principalmente os *de* literatura infantil, o que permitiu que ela assumisse além do *status* de estudiosa e divulgadora da literatura infantil, assumisse o *status* de escritora e poetisa.

Considero que sua experiência no ensino da literatura infantil e também a sua condição de escritora, contribuiu para que ela tivesse publicados os livros para ensino de gramática por meio da literatura, com os livros didáticos da série *É uma graça, veja.*

Concomitantemente a esse crescimento de sua produção bibliográfica, Bárbara V. de Carvalho, como apontei no capítulo 2 desta dissertação, também passou a ocupar cargos cada vez mais importantes no âmbito do magistério público paulista, chegando ao cargo de assessora da secretária de educação do estado de São Paulo.

Além desses aspectos, Bárbara V. de Carvalho integrou um grupo de professoras, escritoras e pesquisadoras que também se dedicaram ativamente às questões relativas à literatura infantil. Como por exemplo, a sua participação na fundação e administração do Celiju e a sua nomeação para ser a única representante do estado da Bahia na Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil.

Independentemente das funções e cargos que ocupou na administração do magistério público paulista e das ações que desenvolveu conjuntamente com outros no âmbito do Celiju e da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, Bárbara V. de Carvalho, na condição de professora, formou, por quase duas décadas, período em que atuou em diferentes escolas do estado de São Paulo, gerações de professores.

Em vista do exposto, considero que o pioneirismo de Bárbara V. de Carvalho consiste na contribuição direta dessa autora na história do ensino da literatura infantil e no processo de constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores no estado de São Paulo, seja pelas "tematizações" que fez por meio de palestras, conferências e cursos que ministrou, seja por sua participação, na equipe que reformulou o programa de língua portuguesa e a partir do qual literatura infantil foi instituída como disciplina, seja, ainda, pela "concretização" de sua proposta

para o ensino da literatura infantil contida em *Compêndio de literatura infantil*, que tornou-se base para os demais autores de manuais de ensino e contribuiu para a sistematização de um corpo de conhecimento relativo ao ensino da literatura infantil considerado necessário à formação do professorando.

Apesar do pioneirismo de Bárbara V. de Carvalho, considero ser importante mencionar o fato de que em Salvador-BA, cidade na qual morou durante toda infância e juventude e onde iniciou sua atuação como professora, são poucos os dados que localizei da atuação dela nessa cidade, mesmo após sua aposentadoria, quando voltou a residir em Salvador-BA e passou a ser convidada para ministrar cursos em outros estados brasileiros. As poucas informações de cursos que Bárbara V. de Carvalho ministrou em Salvador-BA, sobre literatura infantil, estão sempre relacionadas a convites de Denise Tavares Fernandes, que integrava o seu circulo de amizade. Fora isso, não localizei registros da atuação dela no ensino da literatura infantil, muito menos de sua condição como única representante do estado da Bahia na Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil.

Nesse sentido, penso que, embora tenha sido pioneira no ensino da literatura infantil, Bárbara V. de Carvalho não teve esse seu pioneirismo reconhecido em sua terra natal.

Para além desse aspecto, penso serem inestimáveis as contribuições de Bárbara V. de Carvalho no âmbito do ensino da literatura infantil. E, ainda que não concordemos com o seu posicionamento frente ao ensino da literatura infantil, negar o seu pioneirismo e sua contribuição, é negar uma das várias facetas que constituem a complexidade do fenômeno “literatura infantil”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de mestrado, focalizei a proposta para o ensino da literatura infantil contido em *Compêndio de literatura infantil:* para o 3°. ano normal, de autoria da professora baina Bárbara Vasconcelos de Carvalho, cuja 1ª. edição foi publicada em 1959, pela Companhia Editora Nacional, com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da formação de professores primários e do ensino da literatura infantil no Brasil.

Para tanto, desde que ingressei no mestrado em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília, e delimitei tema, problema e *corpus* da pesquisa, inicie a elaboração do instrumento de pesquisa (OLIVEIRA, 2010), o qual foi fundamental para que eu chegasse aos resultados que apresentei nesta dissertação.

Ao longo desse percuso de pesquisa, muitas foram as minhas dificuldades, sobretudo no que diz respeito à localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais. Por muitas vezes, movido pela minha ansiedade e falta de paciência acadêmica, características de minha inexperiência como pesquisador em formação, não dei a devida atenção a documentos que localizei ou me deixei "seduzir" por informações que necessitavam de maiores questionamentos e análise crítica.

Também o processo de localização, recuperação e reunião das esparsas informações sobre a vida, formação e atuação profissional de Bárbara V. de Carvalho não foi tarefa fácil. Embora eu tivesse tido acesso aos documentos que integram o seu acervo pessoal, reconheço que ainda tenham permanecido lacunas em relação à trajetória profissional dela, sobretudo no que se refere à rede de relações que estabeleceu com outros professores e escritores. Como por exemplo, a pesquisadora Nelly Novaes Coelho e a escritora Tatiana Belinky, as quais, não por falta de vontade, não consegui entrevistar. Importante destacar também, que em muitos momentos, para produzir essa espécie de biografia de Bárbara V. de Carvalho, tive que recorrer, por falta de outras, a fontes documentais de sua autoria, como manuscritos e textos datilografados, para que essas lacunas não fossem ainda maiores.

Além dessas dificuldades, ressalto a decorrente do fato de a pesquisa que me propus a desenvolver estar situada na fronteira de dois campos de conhecimento — "Literatura infantil" e "Formação de professores". Embora meu esforço fosse o de pensar o meu objeto de pesquisa na perspectiva tanto da literatura infantil como da formação de professores, reconheço que ainda me faltou clareza para inter-relacionar as

questões específicas de cada um deles no que se refere à história do ensino da literatura infantil.

Também no que se refere à análise da configuração textual de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3°. ano normal, não consegui contemplar todos os aspctos que constituem o sentido desse compêndio, tendo sido a minha análise centrada: nos aspectos da formação e atuação profissional de Bárbara V. de Carvalho e a produção escrita *de* e *sobre* ela; nos aspectos temático-conteúdicos e estruturais formais; no momento histórico da formação de professores; e na relação que esse manual estabelece com a produção brasileira *sobre* literatura infantil.

Mesmo com as limitações que reconheço conter esta dissertação, os resultados que obtive com o desenvolvimento da pesquisa permitem afirmar que Bárbara V. de Carvalho, por meio da apropriação, sistematização e adaptação do conhecimento teórico produzido por outros autores, relativamente à literatura infantil, elaborou *Compêndio de literatura infantil* com o objetivo de divulgar aos professorandos, de forma didática, o conhecimento teórico disponível, à época, sobre o assunto. Para tanto, ela "concretizou" em seu compêndio uma proposta de ensino da literatura infantil que dialoga diretamente com a concepção escolanovista de formação de professores vigente à época em que foi publicado, contendo uma concepção de literatura infantil que se relaciona à idéia de formação ética e estética da criança, que, por sua vez, está vinculada a um projeto maior de educação no qual a arte, nesse caso, a literatura infantil, é um modo "atraente" de transmissão da cultura para as crianças que necessitam ser formadas.

Também por ter sido *Compêndio de literatura infantil* o primeiro manual específico para o ensino da literatura infantil publicado no Brasil e por nele estar "transposto didaticamente" parte do conhecimento teórico *sobre* literatura infantil publicado até então, esse compêndio tornou-se referência para outros autores de manuais de ensino de literatura infantil tendo "funcionado" como teorização sobre o assunto.

Além disso, em *Compêndio de literatura infantil* está contida a base do pensamento *de* e *sobre* literatura infantil de Bárbara V. de Carvalho, sendo os seus demais livros *sobre* literatura infantil reformulações desse compêndio, o que contribuiu para a permanência e disseminação de sua concepção de ensino de literatura infantil, formando gerações de professores e de pesquisadores da área ao longo da segunda metade do século XX.

Nesse sentido, é possível afirmar que, por meio da "concretização" de sua proposta para o ensino da literatura infantil contida em *Compêndio de literatura infantil* e das "tematizações" que passou a fazer após a publicação desse compêndio, Bárbara V. de Carvalho é uma pioneira no ensino da literatura infantil no Brasil, tendo contribuído significativamente para o processo de constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos normais do estado de São Paulo.

Pelo exposto, penso serem inestimáveis as contribuições de Bárbara V. de Carvalho no âmbito do ensino da literatura infantil e, ainda que não concordemos com o seu posicionamento frente ao ensino da literatura infantil, negar o seu pioneirismo e sua contribuição, é negar uma das várias facetas que constituem a complexidade do fenômeno "literatura infantil".

Nesse sentido, espero que esta dissertação, ainda que modestamente, possa contribuir para a compreensão de aspectos da história do ensino da literatura infantil no Brasil e possa contribuir para a abertura de um espaço fecundo de debate acadêmico-científico, relativamente a essa história.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil*: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO. Quem somos. Salvador. s.d. Disponível em: < http://www.abeduc.org.br/abeduc/quem.php>. Acesso em: 12 abr. 2010.

A ESCRITORA e professora Bárbara Vasconcelos de Carvalho. [S.n., s.l., s.p.[, 28 abr. 1975.

ALMEIDA, Jane Soares de. A escola normal paulista: estudo dos currículos (1846 a 1990) destaque para a prática de ensino. *Boletim do Departamento de didática,* Araraquara, ano XI, n.9, 1993.

ANDRADE, Thales Castanho de. A Arte de escrever para a infância. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958]. p. 39-55.

ANDRADE, Jayr. *Oficio de agradecimento*. Departamento de Educação. São Paulo, 8 mai. 1969. (Documento datilografado).

ARAÚJO, Marta M.; AQUINO, Luciene C.; LIMA, Thais C. Mendes. Considerações sobre a Escola Normal e a formação do professor primário no Rio Grande do Norte (1839-1938). In: ARAÚJO, José Carlos S.; FREITAS, Anamaria G. Bueno de; LOPES, Antônio de P. Carvalho. *As escolas normais no Brasil*: do império à república. Campinas: Alínea, 2008.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Norma Brasileira de Referências* (NBR-6023). Rio de Janeiro, 2002.

ATICA. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

AZEVEDO, Fernando. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. *Sociologia* – (Escola de sociologia e Política). vol. XIV, n. 1, mar. 1952.

_____. O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932). *Revista HISTEDBR*. Campinas, n°. especial, p. 188-204, ago. 2006.

BÁRBARA é bárbara mesmo. *Ultima hora*. [S.l., s.p.], 4 jan. 1972.

BARBOSA, Manoel de Aquino. *Atesto...* Salvador, 30 dez. 1948. Documento manuscrito.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Uma biografia dos manuais de História da Educação adotados no Brasil (1860-1950). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6. 2006. *Anais eletrônicos....* Uberlândia, UFU, 2006.

BELINKY, Tatiana. Apresentação. In: CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil*: visão histórica e crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: EDART, 1982.

_____. Prefácio. In: CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Bem me quer*. Salvador: Egba, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes:* tratamento documental. São Paulo: T.A Queiroz, 1991.

_____. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4, 1979, *Anais...*, p. 133-147.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968):* fundação de uma tradição. 2006. 275f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez. 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BUDIN, J. *Metodologia da linguagem*: para uso das escolas normais e institutos de educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

BUENO, Antonio Henrique Cunha. *Carta de recomendação*. São Paulo, 21 fev. 1975. (Documento datilografado).

CARDOSO, Manoel. *Estudos de literatura infantil*. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

CARNEIRO, Orlando Leal. *Metodologia da linguagem*. Rio de Janeiro: Agir, 1951.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. A caixa de utensílios e o tratado: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006. *Anais eletrônicos...* Goiania. UFGO, 2006. p. 1-10.

_____. Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): Livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In: BENCOSTTA, Marcus L. A. (Org.) *Culturas escolares, saberes e práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2007.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio da literatura infantil:* para o 3° ano normal. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. *Compêndio da literatura infantil:* para o 3° ano normal. 2. ed. São Paulo: Edições Leia, 1961.

_____. *Compêndio da literatura infantil:* para o 3° ano normal. 3. ed. São Paulo: Ibep, s.d.

_____. *Antologia, comunicação e expressão:* 1ª série 1º grau. São Paulo: Edições Tabajaras, 1972.
_____. *Antologia, comunicação e expressão:* 2ª série 1º grau. São Paulo: Edições Tabajaras, 1972.

_____. *Antologia, comunicação e expressão:* 3ª série 1º grau. São Paulo: Edições Tabajaras, 1972.
_____. *Antologia, comunicação e expressão:* 4ª série 1º grau, de acordo com a atual reforma do ensino e ortográfica. São Paulo: Edições Tabajaras, 1972.

_____; DANTAS, Consuelo da Silva. *É uma graça, Veja!*: sugestões para o professor (pré-livro). São Paulo: Editora Lótus, 1972a.

_____; DANTAS, Consuelo da Silva. *É uma graça, Veja!* (pré-livro). São Paulo: Editora Lótus, 1972b.

_____. *É uma graça, Veja!* (primeiro livro). São Paulo: Editora Lótus, 1974.

_____. *A gramática da criança*: é uma graça, veja!.. São Paulo: Lotus, 1969a.

_____. *Literatura e gramática da criança*: é uma graça, veja! (2º. nível). 2. ed. São Paulo: Lotus, 1971.

_____. *Literatura infantil:* estudos. São Paulo: Lótus, 1973a.

_____. *A literatura infantil*: visão histórica e crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: EDART, 1982.

_____. *O cancioneiro da criança.* São Paulo: Clássico Científica, 1960.

_____. *O folclore e a criança.* São Paulo: Difusora Cultural, 1961.

_____. *O saci e sua turma*. São Paulo: Editora Lótus, 1972. (Livro em formato de quadro animadas em 3ª. dimensão)

_____. *O robozinho feio*. São Paulo: Lótus, 1973a.

_____. *A casinha-nuvem*. São Paulo: Lótus, 1973c.

_____. *Árvore.* São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

_____. *A casinha da chaminé azul.* São Paulo: Melhoramentos, 1980a.

_____. *O papagaio Tubiba.* São Paulo: Melhoramentos, 1980d.

_____. *A galinha contente.* 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990e.

_____. *Uma avenida na floresta*. São Paulo: Melhoramentos, 1980c

_____. *Os dois gatos*. São Paulo: Melhoramentos, 1980b.

_____. *O mãozinha:* conto juvenil. Salvador: Fundação Cultural do Livro. 1980.

_____. *Folclore, criança, fantasia.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

_____. *Bem me quer*. Salvador: Egba, 2003.

_____. *Nuvens.* São Paulo: Alarico, 1955.

_____. *Apenas...* São Paulo: Lotus, 1972c.

_____. A literatura infantil na Escola Normal. *Gazeta de São Paulo*. São Paulo, 1957.

_____. *Pequeno dicionário de regência verbal.* São Paulo: Sociedade Brasileira de Material Escolar, 1971. 182p.

_____. *Dicionário de conjugação de verbos.* São Paulo: Lótus, 1969.

_____. *Het Bospad*. São Paulo: Melhoramentos, 1983. 16p. (Edição Holandesa).

_____. *De papegaai tubiba*. São Paulo: Melhoramentos, 1983. 16p. (Edição Holandesa).

_____. *Catassol*. Salvador, s.d. (digitado)

_____. *Vólia:* momentos. Salvador, s.d. (digitado)

_____. *Contos*. Salvador, s.d. (digitado)

CARVALHO, Coriolinda Vasconcelos de. *Entrevista*. Salvador, 2010 (digitado).

CECCANTINI, João Luís C. Tápias. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In: _____ (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil:* memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

_____. *Uma estética da formação:* vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada. 2000. 461f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2000.

CHAMON, Magda. *Trajetória de feminização do magistério:* ambigüidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural:* entre práticas e representações. Trad. Maria M. Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Trad. Guacira Lopes Louro. *Teoria & Educação.* Porto Alegre, n. 2, p. 117-229, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira.* 5. ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira.* São Paulo: Quíron, 1983.

_____. *O ensino da literatura:* sugestões metodológicas para o curso secundário e normal. São Paulo: F.T.D., 1966.

_____. *A literatura infantil: história – teoria - análise*. São Paulo: Quíron, 1981.

_____. *Currículo do sistema de currículo Lattes*. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Plataforma Lattes, 2004. Disponível em: :< http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787893P6> . Atualizado em: 30 jan. 2004. Acesso em: 31 ago. 2009.

COSTA, Adroaldo Ribeiro. Prefácio. CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *O mãozinha:* conto juvenil. Salvador: Fundação Cultural do Livro. 1980.

COLÉGIO Nossa "Senhora da Soledade". *História*. Salvador. s.d. Disponível em: < http://www.colegiosoledade.com.br/historia.html>. Acesso em: 5 abr. 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil:* teoria & prática. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Como ensinar literatura infantil*: para os colégios normais**.** Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1968

CUNHA, Marcos Vinícius. *A escola dos educadores:* da Escola Nova à escola de hoje. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. A dupla natureza da Escola Nova: Psicologia e Ciências Sociais. *Cadernos de Pesquisa.* São Paulo, n. 88, p.64-71, fev. 1994.

CUNHA, Maria Teresa Santos; FERNANDES, Marelene Neves. Manuais escolares e civilidade: Série de leitura graduada "Pedrinho" (décadas de 50 a 70 do século XX). *Cadernos de Pesquisa* – Pensamento Educacional. v.3, p. 127-138.

DANTAS, Paulo Fábio. *Atesto...* Salvador, 28 dez. 1948. Documento manuscrito.

DANTAS, Consuelo da Silva. Aspectos da literatura infantil na escola primária. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1959]. p. 59-78.

_____. A descrição de um apelo. *A Tarde,* [s.l., s.p.], 10 out. 1980.

D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil:* de acôrdo com o programa das escolas normais. São Paulo: Editora do Brasil, 1961.

_____. *Práticas escolares:* de acordo com o programa de prática do ensino do curso normal e com orientação do ensino primário. v. 3. São Paulo: Saraiva, 1954. p. 210-233.

_____. Literatura infanto-juvenil. *A gazeta,* São Paulo, [s.p.], jul. 1959.

_____. Bárbara Vasconcelos de Carvalho: A literatura infantil. *O Anchieta,* São Paulo, p. 3, mai./jul. 1983.

DIAS, Aldo de Assis. Influência da má literatura na infância e juventude. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958]. p. 81-93.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros; Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DONATO, Hernâni. O folclore – base da literatura infantil. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958]. p. 145-169.

_____. *100 anos da Melhoramentos:* 1890-1990. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

DUTRA, Eliane de Freitas. Companhia Editora Nacional: tradição editorial e cultura nacional. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVROS E HISTÓRIA NO BRASIL, 1, 2004, Rio de Janeiro: Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf.> Acesso em: 25 jun. 2009.

EDUCADORA denuncia máfia na literatura infantil. *A tarde*. Salvador; [s.p.], 30 abr. 1976.

FARAH, Therezinha J. F. *Prática da literatura infantil na escola primária*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. [19--]

FÁVERO, Maria de Lourdes A. Anísio Teixeira e a Universidade do Distrito Federal. *Revista Brasileira de História da Educação.* n. 17, p. 161-180, mai./ago. 2008.

FRACCAROLI, Lenyra C. Organização e funcionamento de uma biblioteca escolar. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958]. p. 119-142.

FUJIKI, Naomi; DALLALT, I. de S. L. Pequena Bibliografia de literatura infantil. *Revista de Pedagogia*, ano XII, vol. 12, n. 21, jan./ jun. 1966, p. 63-70.

GALLUZZI, Mariana. *Um estudo sobre* ***Metodologia da linguagem*** *(1955), de Orlando Leal Carneiro.* 2006. 73f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2006.

GAZETA, A. Magistério, São Paulo, p. 18, 29 mai. 1957.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil.* São Paulo: Pioneira, 1984.

_____. *Currículo do sistema de currículo Lattes*. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Plataforma Lattes, 2009. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4797778H4> . Atualizado em: 23 mar. 2009. Acesso em: 30 out. 2009.

GOUVEIA, Júlio de. Teatro infantil. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958]. p. 97-115.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo G. de Souza. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. De literatura infantil. In: _____. *Crítica avulsa.* Salvador. Universidade da Bahia, 1960.

JESUALDO. *La literatura infantil.* Buenos Aires: Editorial Losada, 1955.

_____. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1978.

JORNADA NACIONAL DE LITERATURA. 13., 2009. Universidade de Passo Fundo, s.d. Disponível em: <http://www.jornadadeliteratura.upf.br/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=186:maria-antonieta-antunes-cunha&catid=9:autores&Itemid=32>. Acesso em: 31 ago. 2009.

KASTNER, Erich. *O barão de munchausen*. Adaptado por Bárbara Vasconcelos de Carvalho. São Paulo: Símbolo, 1971. 16p. (Série *Textos animados* nº.2).

LABEGALINI, Andréia. C. F. Baraldi. *A formação de professores alfabetizadores nos Institutos de Educação do Estado de São Paulo* (1933 a 1975). 2005. 315f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira:* história & histórias. São Paulo: Ática, 1984.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LITERATURA infantil, essa desconhecida. *Jornal da Bahia.* Salvador; [s.p.], 9 jun. 1975.

LOPES, Eliane Marta T. Júlio Afrânio Peixoto. In: FÁVERO, Maria de L. A.; BRITTO, Jader M. *Dicionário de educadores no Brasil*: da colônia aos dias atuais. 2. ed. ed. aum. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 659-664.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira.* Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169,1943.

_____. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. Literatura infantil e juvenil. In: CRUZ, J. M. *História da literatura.* 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola:* sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
_____. Entre a literatura e o ensino: um balanço das tematizações brasileiras (e assisenses) sobre literatura infantil e juvenil. *Miscelânea,* Assis, v. 3, p. 247-257, 1998.

MARINHO, Maerbal. *Atesto...* Salvador, 24 jan. 1949. Documento manuscrito.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil.* Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

MELLO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV centenário, 1954.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo R. *O discurso especializado em literatura infanto-juvenil no Brasil na década de 50*: da criança mitificada à atitude política. 310f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1988.

_____. O discurso especializado sobre literatura infanto-juvenil na década de 50. *Cadernos de Pesquisa,* p. 17-28, fev. 1990.

MIRANDA, José A. Bragança de; CASCAIS, António Fernando. A lição de Foucault. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor.* 6. ed. São Paulo: Vega, 2006.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Rui (Org.). *Por Lourenço Filho:* uma biobibliografia. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisa Educacionais, 2001.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. *Professores:* entre saberes e práticas. *Educação & Sociedade*. v.22, n. 74, p. 121-142, abr. 2001

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo/1876-1994. 1. ed. 2 reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2000b.

_____. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da educação.* Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999.

_____. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura:* teoria & prática, Campinas: ALB, ano 19, n. 36, p. 11-17, dez. 2000a.

_____. *Ensino de língua e literatura no Brasil:* repertório documental republicano. Marília, 2003. (Digitado).

_____. Literatura infantil e/ou juvenil: "a prima" pobre da pesquisa em Letras?. *Revista Guavira Letras.* Três Lagoas, n. 6, p. 43-52, 31 mar. 2008a. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/guavira1.htm>

_____. Literatura e ensino: notas ¿quixotescas? da fronteira. *Leitura:* teoria & prática. Campinas, v. 26, n. 51, p. 25-31, dez. 2008b.

_____. Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*. Brasília, v. 89, p. 467-476, 2008c. Também disponível em: http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/882/1152

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Material Escolar, 1976.

NÓBREGA, Dormevilly. Literatura infantil. *Diário Mercantil*. Juiz de Fora, 22 ago. [s.p.], 1961.

NUNES, Clarice. Anísio Spínola Teixeira. In: FÁVERO, Maria de L. Albuquerque; BRITO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil*: da Colônia aos dias autuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

OLIMPIA. *Carta.* Olímpia, 9 mai. 1959. (Documento manuscrito).

OLIVEIRA, Antenor Santos de. A literatura infantil através dos tempos. In: OLIVEIRA, Antenor Santos de (Org.). *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958]. p.9-35

_____. *Curso de literatura infantil.* São Paulo: Santos de Oliveira, [1958].

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. Ler: leitura e literatura. In: OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Ensino de língua e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. p. 35-66

OLIVEIRA, Maria Helena Cozzolino de; MONTEIRO, Conceição Perkles. Literatura infantil. In: OLIVEIRA, Maria Helena Cozzolino de; MONTEIRO, Conceição Perkles. *Metodologia da linguagem.*. São Paulo: Saraiva, 1980. p. 123-137

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues. *Manuais de ensino de literatura infantil:* um instrumento de pesquisa. Marília, 2009a. (digitado).

_____. *Manuais de ensino de literatura infantil (1923-1991):* autores, produção e circulação. 2009. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009b.

_____. *Bárbara Vasconcelos de Carvalho:* um instrumento de pesquisa. Marília, 2010. (digitado).

O MERLO. Adaptado por Bárbara Vasconcelos de Carvalho. São Paulo: Símbolo, 1971. 16p. (Série *Textos animados* nº.3).

O NOVO conceito de livro infantil: menos fantasia e mais informações. Porto Alegre; p. 35, 10 set. 1975.

PAGNI, Pedro Angelo. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico:* ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Ijuí: Unijuí, 2000.

PEIXOTO, Afrânio. *Ensinar a ensinar:* ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

PEREZ, José Roberto Ruz. *Avaliação, impasses e desafios da Educação Básica*. Campinas: Editora UNICAMP, 2000.

PERRAULT. *O gato de botas*. Adaptado por Bárbara Vasconcelos de Carvalho. São Paulo: Símbolo, 1971. 16p. (Série *Textos animados* nº.1).

PERROTI, Edmir. *O texto sedudor na literatura infantil.* São Paulo: Ícone, 1986.

PÍLETTI, Nelson. Fernando de Azevedo. In: FÁVERO, Maria de L. Albuquerque; BRITO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil*: da Colônia aos dias autuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

PINTO, José Benedicto. *Pontos de literatura infantil:* para os alunos do 3º ano normal. 4.ed. rev. aum. São Paulo: FTD, 1967.

PIONEIRISMO em Educação. *Folha de S. Paulo.* São Paulo, [s.p.], 18 jan. 1970.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Histórico da Biblioteca Monteiro Lobato. São Paulo, s.d. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/monteiro_lobato/index.php?p=3821> . Acesso em: 12 abr. 2010.

PRODES. Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedades. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <HTTP://www.prodes.fe.ufrj.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

PRÓ REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Criação da UFBA e da PROEXT. Salvador, s.d. Disponível em: <http://www.extensao.ufba.br/memoria.htm>. Acesso em: 12 abr. 2010.

PRO TV. Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da TV brasileira. Seção Biografias. s.d. Disponível em:
< http://www.museudatv.com.br/biografias/Julio%20Gouveia.htm> Acesso em: 11 set. 2009.

PROBLEMAS da literatura infantil. *Folha de S. Paulo*. São Paulo; [s.p.], 15 dez. 1973.

RADIO SOCIEDADE. História. Salvador, s.d. Disponível em: < http://www.radiosociedadeam.com.br/capa/historia.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2010.

RIBEIRO FILHO, Ernesto Carneiro. *Atesto...* Salvador, 18 jul. 1942. (Documento manuscrito).

RIBEIRO, Helvécio Carneiro. *Atesto...* Salvador, 22 jan. 1949. (Documento manuscrito)

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. *Oficio*. Porto Alegre, 25 ju. 1975. Documento datilografado.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SANCHEZ, Martina. *Pequeno tratado da literatura infantil e infanto-juvenil*. Goiania: Imery Publicações, [19--]. 141p.

SALEM, Nazira, *História da literatura infantil.* 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SALES, Gizelma Guimarães Pereira Sales. U*m estudo sobre* ***Metodologia da linguagem*** *(1949), de J. Budin*. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

SANTOS, Leda Jesuíno. Discurso na concessão do título de acadêmico emérito à professora Bárbara V. de Carvalho. *Revista da Academia Baiana de Educação*, v.2, n. 7, p.47-48, set. 2001.
_____. *Entrevista.* Salvador, 2010. (digitado).

_____. Discurso no túmulo de Bárbara Vasconcelos de Carvalho. *Revista Baiana de Educação,* v.1, n. 14, p. 91-92, jan./dez. 2008.

SÃO PAULO (Estado). *Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1957. v.1

_____. *Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo 1933.* 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1939.

_____. *Colleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo 1889-1891.* 2. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1938.

_____. *Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo 1959.* São Paulo: Imprensa Oficial, 1959.

_____. *Programas das escolas normais e instruções metodológicas.* São Paulo: Editora do Brasil, 1954.

_____. *Programas do curso normal.* São Paulo: Editora do Brasil, 1958.

_____. *Legislação do ensino normal no estado de São Paulo.* São Paulo: Imprensa Oficial, 1960.

_____. *Habilitação específica de 2°. Grau para o magistério:* guias curriculares para a parte diversificada da formação especial. São Paulo: CENP, 1981.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

_____. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1985.

SILVA, Vivian Batista da. *Saberes em viagem nos manuais pedagógicos:* construção da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). 2005. 400f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. *História de leituras para formação de professores:* um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971). 2001. 244f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Uma história das leituras para professores: análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: Autores Associados, n. 6, jul./dez. 2003, p. 29-58.

SCHMIDT, Maria Junqueira. A magia da história e a literatura infantil. In: _____. *Educar pela recreação*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola.* São Paulo: Edições Loyola, 1992. (Coleção Educação Popular).

STAROBINSKY, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques. *História*: novas abordagens. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 132-143.

SONHO virou pesadelo na literatura infantil, acusa esta professora. *Folha da tarde*. [S.l.]; p. 34, 17 abr. 1978.

TAHAN, Ana Maria. Os 40 imortais da literatura infanto-juvenil. *Jornal do Brasil.* [S.l., s.p., s.d.].

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 14, p. 61-88, mai./ago. 2000. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_06_LEONOR_MARIA_TANURI.pdf > Acesso em: 15/06/2008

TAVARES, Denise Fernandes. *Carta*, Salvador, 1960. (Documento manuscrito).

TREVISAN, Thabatha Aline. *A pedagogia por meio de* ***Pedagogia:*** *Teoria e prática(1954), de Antonio D'Avila.* 2007. 165f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2007.

_____. *Um estudo sobre* ***Práticas escolares*** *(1940), de Antônio D'Ávila.* 2003. 66 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2003.

_____. O ensino da leitura e escrita segundo Antônio d'Ávila: *Práticas escolares* (1940). *Revista brasileira de História da Educação*. n. 20, p. 165-192, mai./ago. 2009.

TOLEDO, Maria Rita. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções (1925-1980): entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, A.; ABREU, Márcia (Org.). *O Impresso no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 1-15.

VALDEMARIN, Vera Teresa. O manual didático *Práticas escolares:* um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica. *Revista Brasileira de História da Educação,* Campinas: Autores Associados, n. 17, p. 13-40, mai./ago. 2008.

_____. *História dos métodos e materiais de ensino:* a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VERA MUCCILO. Ilustrações. São Paulo. s.d. Disponível em <http://www.veramuccillo.com.br/>. Acesso em: 13 abr. 2010.

VIDAL, Diana G. *O exercício disciplinado do olhar:* livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

VIEIRA, Maria Pillar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. 4. ed. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola.* São Paulo: Global, 1981.

_____. MAGALHÃES, Lígia Cadermatori. *Literatura infantil:* autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1981.

_____; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 3.ed. São Paulo: Global, 1988.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO TEÓRICO

AGUAYO, A. M. *Didática da escola nova*. Tradução de J. B. Damasco Pena e Antônio d'Ávila. 12. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

ANTUNES, Benedito. Literatura na escola: disciplina e prazer. In: CECCANTINI, João Luís; PEREIRA, Rony Farto (Org.). *Narrativas juvenis*: outros modos de ler. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

_____. O diálogo com outras literaturas: o ensino de literatura brasileira. *Insieme* - Revista da Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, São Paulo, v. 2, p. 103-107, 1991.

ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *As escolas normais no Brasil*: do Império à República. Campinas: Alínea, 2008.

ANDRÉ, Marli Elisa D. Afonso. *Formação de professores no Brasil* (1990-1998). Brasília: Inep/MEC/COMPED, 2002.

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. *Revista USP,* São Paulo, n. 23, p. 23-33. set./nov. 1994. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/23/03-carlota.pdf Acesso em: 9 set. 2008.

BRZEZINSKI, Iria (Org.). *Formação de profissionais da educação* (1997-2002). Brasília: Inep/MEC, 2006.

CADERMATORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 7. ed., 3. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAMPOS, F. R. *A Sociologia da Educação nos cursos de formação de professores entre os anos 30 e 50:* um estudo da disciplina a partir dos manuais didáticos. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARVALHO, Rosemeire Leonardo de. *Um estudo sobre* ***Noções de metodologia do ensino primário****, de Theobaldo Miranda Santos.* 2001. 36 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução:* os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 548-566, set./dez. 2004.

FRANCISCO, Daniela Aparecida. *Um estudo sobre* ***Metodologia do ensino primário (1961), de Afro do Amaral Fontoura***. 2006. 92 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

INSTITUTO Nacional de Pesquisas Educacionais. *Formação de professores no Brasil (1960-1980):* resumos analíticos em educação. Brasília: Inep/REDUC, 1987. v.3. (resumos 221-311).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil.* 3.ed. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Senise Camargo. ***Bem do seu tamanho*** *(1980), de Ana Maria Machado:* afirmação de um gênero literário. 1999. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOPES, Eliane M. Teixeira; FARIA FILHO, Luciano M; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil.* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Em sobressaltos*: formação de professora. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. v.5

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. *O* ***Patinho Feio****, de H. C. Andersen:* o "abrasileiramento" de um conto para crianças. 1999. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

MUNAKATA, Kazumi. Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção. *Educação e Pesquisa.* São Paulo, n. 3, p. 513-529, set./dez. 2004.

PIVATTO, Nair Sanzovo. ***O bordado encantado****, de Edmir Perroti:* a busca da conciliação entre ética formativa e discurso estético. 2000. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

REIS FILHO, Casimiro dos. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez, 1981.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da educação brasileira*: a organização escolar. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

SOUZA, Claudete Cameshi de. *A literatura infantil e juvenil de Francisco Marins:* uma representação de certa realidade brasileira. 2002. 369 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2002.

SOUZA, Renata Junqueira de. Leitura e Literatura infantil. In: RIBEIRO, Arilda; MENIN, Ana Maria (Org.). *Formação do professor*: contribuições e reflexões de docentes e discentes. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

_____. *Narrativas Infantis*: a Literatura e a Televisão de que as Crianças Gostam. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1992.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. *Uma leitura de* ***Contos infantis*** *(1886), de Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida.* 2001. 58 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2001.

TANURI, Leonor M. *O ensino normal no Estado de São Paulo*: 1890 – 1930. São Paulo: USP, 1979.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: F.T.D., 1988.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. 3.ed. São Paulo: Global, 1988.

INSTITUIÇÕES, ACERVOS E *SITES* CONSULTADOS

Instituições e acervos

- Marília

Acervo do Gphellb – Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" – FFC-Unesp-Marília

Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – FFC-Unesp-Marília.

- São Paulo-SP

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Biblioteca Infanto-Juvenil "Monteiro Lobato"

Biblioteca Professor "Sólon Borges dos Reis" do Instituto de Estudos Pedagógicos "Sud Mennucci" (Centro do Professorado Paulista – CPP)

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Biblioteca do Livro Didático (LIVRES) da FE-USP

Biblioteca "Paulo Bourroul" – FE-USP

Arquivo permanente da E.E. "Jácomo Stávale"

- Campinas-SP

Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL-Unicamp

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE-Unicamp

- Tupã-SP

Biblioteca Municipal de Tupã

Biblioteca da E.E. "Índia Vanuíre", antigo Instituto de Educação "Índia Vanuíre"

- Rio de Janeiro-RJ

Fundação Biblioteca Nacional

- Salvador-BA

Acervo pessoal de Coriolinda Vasconcelos de Carvalho

Acervo pessoal de Leda Jesuíno dos Santos

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FE-UFBA

Bases de dados disponíveis *on-line* e *sites* da Internet

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo - USP
Disponível em: <http://dedalus.usp.br>

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP
Disponível em: <http://www.3fe.usp.br/seçoes/inst/novo/biblio.htm>

Sistema de Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP
Disponível em: <http://www.fflch.usp.br>

Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (LIVRES) – da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP
Disponível em: <http://paje.fe.usp.br/estrutura/livres/>

Base de Dados Bibliográficos da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista - Unesp
Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br>

Base de dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
Disponível em:<http://www.sbu.unicamp.br.>

Base de Dados de Livros e Teses do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL-Unicamp
Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/index.php>

Catálogo Digital do Acervo Geral de Livros da Fundação Biblioteca Nacional - FBN
Disponível em: <http://www.bn.br/bndigital/>

Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES
Disponível em: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

Base de Dados da Biblioteca da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Disponível em: <http://www.rsirius.uerj.br/prod_catalogo_online.htm>

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Disponível em:
<http://webpergamum.adm-serv.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php#sobe_paginacao>

Sistema Municipal de Bibliotecas da Cidade de São Paulo
Disponível em:
<
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/catalogo_eletronico/>

Biblioteca Digital da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ
Disponível em:< http://biblioteca.fnlij.org.br:81/pergamum/biblioteca/>

Centro de Referência em Educação "Mário Covas" – Núcleo de memória da educação paulista
Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/>

Scientifc Eletronic Library – SCIELO
Disponível em: <http://www.scielo.br>

Site de Busca "Google"
Disponível em: <http://www.google.com.br>

Site de Busca "Google Acadêmico"
Disponível em: < http://scholar.google.com.br/>

APÊNDICE A

BIBLIOGRAFIA *DE* E *SOBRE* BÁRBARA VASCONCELOS DE CARVALHO: UM INSTRUMENTO DE PESQUISA

APÊNDICE B

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM CORIOLINDA VASCONCELOS DE CARVALHO

Entrevista com Coriolinda Vasconcelos de Carvalho

Data: 24/02/2010
Local: Salvador-BA
Entrevistador: Fernando Rodrigues de Oliveira
Orientadora: Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti

Apresentação

Como é do conhecimento da senhora, sou Fernando Rodrigues de Oliveira, Mestrando em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) - campus de Marília e a pesquisa que desenvolvo está vinculada às linhas "Literatura infantil e juvenil" e "Formação de professores" do Gphellb – Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" – e do Piphellb - Projeto Integrado de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", ambos coordenados pela Profª. Dr.ª Maria do Rosário Longo Mortatti.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado, que tem como objetivo contribuir para a compreensão da história do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Brasil, optei pela pesquisa de abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de textos *de* e *sobre* Bárbara Vasconcelos de Carvalho.

Em decorrência disso, optei por analisar a configuração textual de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3° ano normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, a partir da hipótese de que, nesse compêndio, se encontra um conjunto de saberes relativos à literatura infantil considerado necessário para a formação do professor primário, no momento histórico em que foi publicado e utilizado; esses saberes foram sendo gradativamente estruturados, de acordo com os programas oficiais de ensino, contribuindo para a constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil.

Como um procedimento de fundamental importância para o desenvolvimento dessa pesquisa, esta entrevista tem como objetivo contribuir para a análise da configuração textual do compêndio mencionado, por meio de complementação e/ou confirmação de informações que localizei e reuni e de obtenção de novas informações

que possam contribuir para a compreensão dos diferentes aspectos que constituem o sentido desse compêndio.

Ressalto que as questões apresentadas neste roteiro de entrevista semiestruturada servirão apenas para conduzir o entrevistador e a entrevistada, podendo essas questões ser reformuladas, suprimidas ou ampliadas, de acordo com a necessidade e circunstância do momento da entrevista.

Perguntas e Resposta

F.R.O. 1- No livro *A literatura infantil:* visão história e crítica (1982) consta a informação de que o primeiro texto em que Bárbara Vasconcelos de Carvalho tematiza a literatura infantil foi publicado em 1957. A senhora recorda-se se em algum momento ela chegou a mencionar como e quando passou a ter interesse no estudo e ensino da literatura infantil?

C.V.C – Minha mãe foi convidada, pela Secretaria da Educação do Estado para, com outros professores, compor um grupo para estudar e propor a reestruturação do currículo da Escola Normal ou do Curso Pedagógico, não me lembro como se chamava na época e foi nesta ocasião que ela propôs a introdução de estudos sobre Literatura Infantil nos programas da Escola Normal. A partir daí, ela foi procurada por muitos colegas que buscavam orientação sobre conteúdos, bibliografias, estruturação do programa da disciplina, entre outras. Ela então decidiu aprofundar os estudos sobre Literatura Infantil e o resultado foi a publicação do Compêndio. Certamente este momento foi antecedido de estudos, de reflexões para chegar a propor tal inclusão. Acho que por isso mesmo ela podia orientar outros professores. Ela estudava permanentemente tudo que dizia respeito a sua área e era uma compulsiva compradora de livros formando uma biblioteca razoável, hoje doada à Biblioteca Central Universidade Federal da Bahia

F.R.O. 2- Bárbara Vasconcelos de Carvalho formou-se em Letras Neolatinas, em 1948. Anteriormente a isso, ela cursou algum outro curso, como, por exemplo, o Normal?

C.V.C - Ela é formada pela Escola Normal, na época curso de formação do magistério para a Escola Primária. Casou-se logo que terminou o referido Curso e, durante o tempo em que meu pai era vivo não exerceu o magistério. Ela era dona de casa, tomava conta das filhas, tradição naquela época. Meu pai não era adepto ao trabalho fora de

casa. Em compensação era encantado pela capacidade de estudo que ela demonstrava, pela avidez com que ela buscava a leitura e o conhecimento e então promoveu, facilitou que ela fizesse alguns cursos em casa. Ele era médico e compravam muitos livros não só da área dele como sobre educação, literatura, etc. Ela então teve curso de português, de literatura, em casa, com um professor que era também poeta, um intelectual respeitado. Um pouco mais tarde esses estudos foram muito importantes pois, como ficou viúva aos 26 anos, facilitou o vestibular para ingresso na Faculdade e reiniciar a sua formação profissional e a sua atuação no magistério. Foi uma guerreira e sua marca maior é a capacidade de superação e de auto-superação.

F.R.O. 3- No ano de 1953, Bárbara Vasconcelos de Carvalho mudou-se para o estado de São Paulo, por ter sido aprovada em concurso público para o cargo de professora. Antes dessa mudança, ela atuava como professora no estado da Bahia ou em alguma outra região do Brasil? No caso de resposta afirmativa, é possível saber qual disciplina/matéria lecionava e em qual escola ela atuou?

C.V.C. - Eu acho que ela mudou-se em 52 ou 53, foi na década de 50. Na Bahia ela era catedrática, por concurso, do Colégio Estadual da Bahia, conhecido como Colégio Central ou Colégio da Bahia. Em São Paulo, ela fez outro concurso e resolveu se mudar . Na verdade, primeiro ela foi para o Rio fazer cursos. Foi contemplada com uma " bolsa de estudo", eu não me lembro bem o que era, para fazer esses cursos em Portugal, mas não quis nos deixar, não queria ficar longe por um período longo, ficar distante sem que tivesse possibilidade de estar conosco com freqüência, por isso optou pelo Rio de Janeiro. Ela foi para o Rio e de lá foi conhecer São Paulo. Encantou-se com São Paulo e resolveu ficar, mudar-se para São Paulo. Soube do edital de um concurso para professores e inscreveu-se. Precisava garantir emprego para largar tudo aqui e mudar. Na Bahia lecionava em escolas da rede estadual de ensino, na época as melhores escolas. Ela foi professora do Colégio Central, do Instituto Central "Isaias Alves", a antiga Escola Normal, do Colégio Estadual "Severino Vieira". No Colégio Central ensinava nos cursos clássico e científico, e foi professora também do Ginásio de Itapagipe .Essa referência você vai ter no prefácio de *Mãozinha*, porque, o diretor fundador do Colégio de Itapagipe foi o professor Adroaldo Ribeiro Costa, o mesmo que assinou o prefácio do livro. No início, logo que ficou viúva e foi trabalhar lecionou no Colégio "Carneiro Ribeiro", que era colégio particular.

F.R.O. 4- De acordo com as fontes documentais que localizei, em todas as escolas públicas do estado de São Paulo em que Bárbara Vasconcelos de Carvalho atuou, ela ocupou o cargo de professora de língua portuguesa. Em alguma dessas escolas, ela lecionou, especificamente, a disciplina/matéria "literatura infantil"?

C.V.C. Ela sempre foi professora de Português: língua portuguesa e literatura brasileira e portuguesa. A partir do momento que ela passou a considerar significativo para a formação do magistério para o 1º grau o estudo de literatura infantil, mesmo informalmente, sem determinação oficial como assunto ou matéria do programa, todas as vezes que lecionava neste curso já introduzia, na programação , uma parte de estudos sobre literatura infantil. Fui sua aluna e me lembro que estudei, com ela, os clássicos da literatura infantil, incluindo Lobato, é claro. Ela observava que sem conhecimento sobre o assunto os professores não podiam orientar os alunos na seleção de obras e autores, na leitura e interpretação dos textos, etc. Acho que a literatura infantil nunca se constituiu como uma disciplina do curso, mas parece que passou a compor o programa de língua portuguesa dos cursos de formação do magistério. Não tenho conhecimento de que a Literatura Infantil tinha " fórum " de disciplina em nenhum programa. Posso estar enganada. Ela ensinou, em São Paulo, em algumas escolas particulares, mas não me lembro os nomes e as séries dos colégios particulares em que lecionou. Um ficava perto da Vila Mariana, era um colégio religioso e lembro que ensinou também em uma escola judaica. Em todos lecionou Português. Certamente se num desses dava aulas para o curso Pedagógico, procedeu da mesma forma em relação à Literatura Infantil. .ainda em São Paulo, após o concurso, como era de praxe na época, antes de atuar na Capital primeiro ensinou no interior durante uns três anos na cidade de Valparaíso. De Valparaíso, nós retornamos para São Paulo, e ela foi para o Colégio Estadual de Vila Formosa, como diretora. Era uma escola nova e a convidaram para instalar e dirigir. Só depois se transferiu para o Colégio "Jácomo Stávale", no bairro da Freguesia do Ó, e onde ela ficou por mais tempo, até aposentar. Em todos lecionava Português.

F.R.O. 5- Era como uma iniciativa própria dela?

C.V.C. – Acho que sim, ela incluía como conteúdo da programação de língua portuguesa que desenvolvia, pois não existia a cadeira de literatura infantil. Como ela ensinava língua e literatura portuguesa, incluía noções de literatura infantil, pelo menos na época em que eu fui aluna dela.

F.R.O. 6- De acordo com informações que localizei, na década de 1960, Bárbara Vasconcelos de Carvalho passou a atuar como professora da antiga Faculdade de Filosofia de Itu. A senhora sabe informar qual o período em que ela atuou nessa faculdade e qual disciplina lecionava?
C.V.C. - Ela atuou como professora da Faculdade de Itu, lecionando português e literatura. Eu acho que o forte dela, em Itu, foi literatura mas, não afirmo isto com muita segurança..

F.R.O. 7- A senhora lembra em que período ela lecionou em Itu?
C.V.C. - Não me lembro, pois eu já havia voltado para a Bahia. Foram uns três anos. Eu me lembre que era uma Faculdade dirigida por religiosos, o nome me parece que era Nossa Senhora do Patrocínio, mas não tenho certeza. Também não lembro do período, da época que ela lecionou lá.

F.R.O. 8- De acordo com documentos que localizei relativos à atuação profissional de Bárbara Vasconcelos de Carvalho atuou junto a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo (CENP). A senhora se recorda se foi junto a essa Coordenadoria que ela ajudou a reformular o programa de língua portuguesa, que a senhora comentou?
C.V.C. - Eu tenho a impressão que sim, mas eu não tenho certeza. Não me lembro se chamava Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo.

F.R.O. 9- Além de sua atuação no estado de São Paulo, Bárbara Vasconcelos de Carvalho atuou em algum outro estado brasileiro?
C.V.C. - Como professora, aqui na Bahia. Ministrando cursos, palestras, foram vários estados. Eu sei que esteve no Rio Grande do Sul, Sergipe, aqui na Bahia, Espírito Santo e no exterior - Uruguai. .

F.R.O. 10- Depois de sua aposentadoria como professora, em 1973, Bárbara Vasconcelos de Carvalho retornou à Bahia. Ela continuou a lecionar?

C.V.C. - Não, lecionar regularmente, não. Ela dava curso para as pessoas que a procuravam. Por exemplo, a uma psicanalista interessada nos estudos de Lacan, ela deu aulas de literatura e de língua portuguesa e também para vestibulandos, mas em casa. Viajava para dar cursos fora do estado sobre literatura infantil. Foi nesse período que ela viajou para o Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Canela, Pelotas), em Aracajú/Sergipe, vitória/Espírito Santo e no Uruguai., não lembro a cidade. Neste período ela já havia retornado para a Bahia, já residia novamente aqui. .

F.R.O. 11- O manual que elegi como *corpus* privilegiado de minha pesquisa – *Compêndio de literatura infantil:* para o 3º. ano normal – teve, pelo menos, três edições publicadas por editoras diferentes. A 1ª., pela Companhia Editora Nacional (SP), a 2ª., pela editora Leia (SP) e a 3ª., pelo Instituto Brasileiro de Edições Pedagógica (IBEP) (SP). A senhora tem informações a respeito do motivo dessa mudança de editora?
C.V.C. - Não me recordo da razão da mudança de editora. Nunca a vi comentando a esse respeito. Eu tinha um cunhado, advogado e professor aí em São Paulo, Waldírio Bulgarelli,que publicava também livros e parece que uma das editoras,se não estou enganada o IBEP, também publicava livros dele e, me parece ,foi ele quem recomendou a minha mãe a Editora, mas eu não tenho muita certeza.

F.R.O. 12- A partir da década de 1970, Bárbara Vasconcelos de Carvalho passou a escrever livros *de* literatura infantil. A senhora pode comentar como isso ocorreu e se, antes disso, ela costumava escrever textos literários?
C.V.C. - Ela sempre teve o hábito de escrever. Fazia textos para as aulas, escrevia alguns artigos para jornal. Ela escrevia poesias, também, mas as guardava. Era muito severa na autocrítica. Depois que ela escreveu o Compêndio, cada vez mais dedicada à literatura infantil, começou a escrever livros infantis, escrever estórias para crianças.

F.R.O. 13- No livro *A literatura infantil:* visão histórica e crítica (1973), o texto de apresentação é de autoria da escritora, tradutora e roteirista Tatiana Belinky. A senhora se recorda se havia algum tipo de relação, seja ela profissional ou pessoal, entre Bárbara Vasconcelos de Carvalho e Tatiana Belinky?
C.V.C. - Minha mãe era amiga de Tatiana Belinky. Elas não nunca atuaram juntas. Na época Júlio Gouvêa ainda estava vivo, Tatiana ainda trabalhava na antiga TV Tupi, ambos eram responsáveis pelo excelente programa infantil - Sítio do Pica-pau Amarelo.

Desde essa época, minha mãe tinha um relacionamento com ela. Depois se tornaram amigas, mas se trabalharam juntas, eu não me lembro. Havia uma amizade grande entre elas. Elas se correspondiam, inclusive, quando minha mãe se mudou para a Bahia. Foi ela quem prefaciou o último livro publicado, um livro de poesias infanto-juvenil.

F.R.O. 14- A professora e pesquisadora Nelly Novaes Coelho e também a escritora, tradutora e roteirista Tatiana Belinky se referem à Bárbara Vasconcelos de Carvalho como "pioneira no ensino da literatura infantil no Brasil". O que a senhora pode dizer a respeito disso?

C.V.C. - Como eu lhe disse, eu sempre ouvi isso a partir do momento em que minha mãe atuou na Secretaria de Educação de São Paulo e que propôs a introdução da literatura infantil no programa da Escola Normal. Era uma preocupação que ela sempre tinha, mesmo antes da oficialização do estudo da literatura infantil para formação de professores primários. Lembro-me da importância que ela atribuía a esta vertente da literatura. A paixão por Monteiro Lobato, que, para ela, deveria ser conhecido, através de suas obras por toda criança. .Enfim, pela própria paixão pela literatura infantil, pelos autores clássicos da literatura infantil... Eu acho que realmente tanto Tatiana como Nelly Novaes, que são pessoas mais balizadas para dizer isso, porque acompanharam esse movimento todo e, com toda isenção, acho que estão corretas quando elas apontam isso. Também o Profº Antônio D'Ávila, em um de seus livros didáticos destinados ao curso Pedagógico, fez a mesma referência. Pelos colegas que a procuraram solicitando orientação sobre seleção e organização de conteúdos, referências bibliográficas e para que realizasse palestras sobre o tema, me faz crer que ela foi pioneira.

F.R.O. 15- Que tipo de livro era recorrente a senhora ver Bárbara Vasconcelos de Carvalho lendo?

C.V.C. - Minha mãe lia tudo. Minha mãe tinha uma biblioteca imensa. Uma biblioteca com livros raros. Ela era "rata" de livraria e de sebo. Ela mandava buscar livro onde houvesse algo novo e diferente.

Eu me lembro de minha mãe sempre com livro na mão. Nos últimos tempos se dedicava mais à literatura infantil e todas as novidades e autores que escrevem para crianças, fazendo, como de costume, suas apreciações nas margens dos próprios livros. Os livros dela eram bastante manuseados. Ela tinha muita admiração por Monteiro Lobato, mas ela lia tudo de literatura infantil, tudo o que aparecia. Mesmo depois que ela se

aposentou, ela continuou com esse hábito de ler, estudar freqüentar livrarias. Sobre literatura infantil o que via com maior freqüência na mesa dela era o livro de Bruno Bettelheim, inclusive com todas as anotações que habitualmente fazia nas margens dos livros. Lia Psicóloga, Filosofia, e em relação à literatura de adultos seus autores preferidos além dos clássicos como Machado de Assis, Eça de Queiroz e outros, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Florbela Espanca, Cecília Meireles, Cora Coralina, Fernando Pessoa (outra paixão), Fernando Namora, e tantos outros que costumava reler e só ela poderia dizer.

F.R.O. 16- Além da senhora, algum outro filho de Bárbara Vasconcelos de Carvalho optou por seguir a carreira de professor (a)?
C.V.C. - Não, ninguém. Alice fez o curso Pedagógico, mas casou-se logo e não atuou como professora primária. Aída não quis fazer nada nessa área e também casou cedo, com 19 anos.

F.R.O. 17- A senhora comentou que foi aluna de Bárbara Vasconcelos de Carvalho. O que a senhora pode comentar sobre isso?
C.V.C. Eu era a mais cobrada. Mais do que qualquer outro aluno. Tudo eu tinha cumprir à risca. Realmente ela não era condescendente comigo. Eu era a primeira a ser chamada, a primeira a entregar os trabalhos, etc. No primeiro ano do curso Pedagógico eu fui aluna dela e eu me transferi para outra escola para não ser aluna dela de novo, pois a pressão era muito grande, pegava direto no meu pé, embora me tratasse como qualquer outra, mas na hora da cobrança eu tinha que ser a primeira. Imagine que minha mãe foi convidada para ensinar lá e eu fui aluna dela mais um ano. Mas muito que sei de Português devo a ela. Ela era muito exigente com as filhas quando eram alunas dela. Minhas irmãs também foram alunas dela, mas aqui na Bahia, no curso do ginásio, no Colégio “Severino Vieira”. Eu fui só no curso Pedagógico.

F.R.O. 18- No período em que a senhora foi aluna de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, literatura infantil integrava os programas de ensino?
C.V.C. -. Ela já introduzia literatura infantil em suas aulas. Falei sobre isso em pergunta anterior, a questão 5.

F.R.O. 19- Em uma outra ocasião, a senhora falou sobre alguns dos professores com quem Bárbara Vasconcelos de Carvalho tinha contato. Quais eram esses professores?
C.V.C. - Aqui na Bahia, Consuelo da Silva Dantas era uma amizade de muitos anos. Ela foi uma amizade da época de Faculdade, desde 46 ou 47, elas faziam faculdade juntas, mas Consuelo desistiu. Consuelo era dona de uma escola primária aqui na Bahia, o Colégio "Pedro Calmon" e era uma professora muito respeitada, uma pessoa de uma competência inquestionável e ela acompanhou a vida de minha mãe.
Também morou um tempo conosco. Depois a família dela mudou-se para São Paulo e ela foi morar com a irmã.
Havia um grupo de professoras aqui, como Leda Jesuíno, que já era formada quando minha mãe entrou na faculdade, mas ela já conhecia minha mãe, Eleuzina Uzel de Oliveira, Consuelo da Silva Dantas, Iramaia Carvalho, Candolina Carvalho, que formavam um grupo de professores considerados bons professores e respeitados como profissionais. Também professor Adroaldo Ribeiro Costa, está entre os professores que eram mais ligados a ela. Esse era um grupo que estudava muito em nossa casa. Em são Paulo, pelo o que me lembro Idati Onaga, que era da Biblioteca Infantil "Monteiro Lobato", Lenyra Fracarolli, Tatiana Belinky Eu não me lembro de muita gente de São Paulo. Tinha também uma professora de francês que era muito amiga dela, Mercedes, que também lecionava no bairro da Freguesia do Ó.
A amizade de Eleuzina e Consuelo, (Eleuzina foi colega de minha mãe desde o primário e Consuelo se dava com minha mãe desde moça) foram amizades muito diferentes das amizades de São Paulo, embora depois em São Paulo ela tenha feito boas amizades. No Rio Grande do Sul ela tem uma grande amiga, Ivete Duro, que era professora da Faculdade de Biblioteconomia e era diretora, me parece, da Biblioteca Central ou da Biblioteca da Universidade. Também sei que ela se relacionava com Professor D'Ávila, o escritor Paulo Dantas e com algumas outras pessoas.

F.R.O. 20- A senhora pode falar um pouco do inicio da atuação de Bárbara Vasconcelos de Carvalho como professora, logo que ela concluiu o curso Normal e ficou viúva?
C.V.C. - Eu tinha dois anos quando meu pai faleceu, no dia 23 de fevereiro de 2010, fez 67 anos que ele morreu. Eu não me lembro dessa fase direito. Minha mãe ficou viúva aos 26 anos e com três filhas. Meu pai era médico com apenas 6 anos de formado, ele morreu com 29 anos e estava começando a vida. Ele tinha um consultório, era clínico geral e cirurgião e sua especialidade era cirurgia torácica, mas ele estava começando a

vida e minha mãe se viu viúva de uma hora para outra, em duas semanas, praticamente, e sem nada, sem casa própria para morar, pois meu pai ainda não tinha tido tempo de construir alguma coisa. Então me lembro que ela foi logo trabalhar. Ela lutou muito, fez faculdade depois de viúva e dando aulas. Ela também escrevia crônicas para a Rádio Sociedade de Salvador para ganhar um pouco mais de dinheiro. Para facilitar moramos quase sempre próximo às escolas que ela ensinava. Como já comentei antes, ela não trabalhava enquanto casada, mas já havia se formado como Professora Primária e só após a morte de meu pai ela iniciou sua atividade profissional como professora e concomitantemente cursava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Sei que neste início lecionou no Colégio Carneiro Ribeiro, na Escola Normal, no Colégio Estadual Severino Vieira e após o concurso no Colégio da Bahia, cognominado Central e em todos lecionando Português e Literatura Brasileira e Portuguesa.

F.R.O. 22- No mesmo período em que Bárbara Vasconcelos de Carvalho atuou em São Paulo, um grupo de professores fico muito conhecido em São Paulo e em outros estados brasileiros, integravam esse grupo, principalmente, os professores Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. A senhora se recorda se Bárbara Vasconcelos de Carvalho teve contato com esses professores?

C.V.C. - Com Lourenço Filho não. Dr. Anísio Teixeira era secretário da Educação na época em que minha mãe era professora. Eu não sei se houve alguma aproximação, mas sei que minha mãe tinha uma admiração muito grande por ele. As filhas de Dr. Anísio estudavam no mesmo colégio que nós. Nós fizemos o primário em escola particular, pois minha mãe dizia que não tinha muito tempo de acompanhar nossas lições, só quando chegava a casa, depois de um dia de trabalho. Então nos colocou em escola particular, famosa na época, cuja diretora era amiga de Dr. Anísio e nele se inspirava, preocupada em nos dar uma educação primária e básica de qualidade

F.R.O. 23 - A senhora deseja acrescentar mais alguma informação que considera importante em relação à vida, formação, atuação profissional e produção escrita de Bárbara Vasconcelos de Carvalho?

C.V.C. -.Eu me lembro que no Colégio Estadual de Valparaíso minha mãe mantinha um jornal com os alunos, eu procurei exemplares, mas não localizei. Também fez uma exposição com trabalho de alunos sobre literatura infantil e de língua portuguesa na

Secretaria de Educação. Ela movimentava muito, ela tinha um estilo diferente de trabalhar, era criativa e envolvia todos os alunos.

F.R.O. 24- A professora Nelly Novaes Coelho, em um de seus textos, menciona que Bárbara Vasconcelos de Carvalho organizou a primeira exposição sobre literatura infantil na Semana da Normalista.

C.V.C. - Isso, na Secretaria da Educação. Ela fez também teatros infantis. Lembro-me que ela encenou com alunos do primário e sob orientação dos alunos dela do curso normal a peça *A bruxinha que era boa*, de Maria Clara Machado.

F.R.O. 25- A senhora deseja acrescentar mais alguma coisa?

C.V.C. - Apenas um lembrete, uma das edições do Compêndio, a última, foi revista e ampliada. Uma outra coisa, acho que quem diz que minha mãe foi basicamente preocupada com leitura recreativa da criança, está equivocada. Penso que determinados termos limitam. Minha mãe era preocupada com a literatura infantil, de maneira global e universal. O Compendio demonstra isso. Ela tratava a literatura infantil como literatura de verdade e não como uma subliteratura, respeitando as mesmas prerrogativas de estudo como qualquer outra literatura que estuda suas manifestações, contextualizada no tempo e espaço. Acho que há um equívoco aí. Será que se pode separar o lado lúdico da literatura do educativo? Forma e conteúdo se integram. Eu acho que ela era também preocupada com a literatura como formativa, como formação de caráter, como formação de sensibilidade e como recreação também, porque, na verdade, toda literatura é fundamentalmente recreativa, mas não deixa de ter seu lado educativo. Também se preocupou com a literatura informativa quando escreveu sobre folclore, por exemplo. Então eu não diria "basicamente", pois ela tinha essas outras preocupações, tanto que ela fazia críticas a certos autores, que ela chamava de escritores "malditos". A menos que eu não tenha entendido o que ela quer dizer com "basicamente recreativa". Se ela sempre usou textos literários para ensinar acho difícil ter se preocupado somente com este tipo de leitura.

Quero também lhe agradecer pela oportunidade de conversar sobre minha mãe, o que é muito prazeroso para mim e desejar que você realize um belo trabalho.

Observação: Após a realização da entrevista, realizei, a partir do áudio gravado em formato digital, a transcrição da entrevista realizada com Coriolinda Vasconcelos de Carvalho. Ao término da transcrição, a entrevista foi revisada pela entrevista, Coriolinda Vasconcelos de Carvalho, que também autorizou sua divulgação na Dissertação.

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LEDA JESUÍNO DOS SANTOS

Entrevista com Leda Jesuíno dos Santos

Data: 21/02/2010
Local: Salvador-BA
Entrevistador: Fernando Rodrigues de Oliveira
Orientadora: Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti

Apresentação

Como é do conhecimento da senhora, sou Fernando Rodrigues de Oliveira, Mestrando em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (Unesp) - campus de Marília e a pesquisa que desenvolvo está vinculada às linhas "Literatura infantil e juvenil" e "Formação de professores" do Gphellb – Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" – e do Piphellb - Projeto Integrado de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", ambos coordenados pela Profª. Dr.ª Maria do Rosário Longo Mortatti.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado, que tem como objetivo contribuir para a compreensão da história do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no Brasil, optei pela pesquisa de abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de textos *de* e *sobre* Bárbara Vasconcelos de Carvalho.

Em decorrência disso, optei por analisar a configuração textual de *Compêndio de literatura infantil:* para o 3° ano normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, a partir da hipótese de que, nesse compêndio, se encontra um conjunto de saberes relativos à literatura infantil considerados necessários para a formação do professor primário, no momento histórico em que foi publicado e utilizado; esses saberes foram sendo gradativamente estruturados, de acordo com os programas oficiais de ensino, contribuindo para a constituição da literatura infantil como disciplina dos cursos de formação de professores primários no Brasil.

Como um procedimento de fundamental importância para o desenvolvimento dessa pesquisa, esta entrevista tem como objetivo contribuir para a análise da configuração textual do compêndio mencionado, por meio de complementação e/ou confirmação de informações que localizei e reuni e de obtenção de novas informações

que possam contribuir para a compreensão dos diferentes aspectos que constituem o sentido desse compêndio.

Ressalto que as questões que apresento, a seguir, servirão apenas para conduzir o entrevistador e a entrevistada, podendo essas questões ser reformuladas, suprimidas ou ampliadas, de acordo com a necessidade e circunstância do momento da entrevista.

Perguntas e Respostas

F.R.O. 1- Em contato que tivemos, anteriormente, por meio de ligação telefônica, a senhora me informou que foi amiga de Bárbara Vasconcelos de Carvalho e teve muita proximidade com ela. Em decorrência disso, o que a senhora pode comentar a respeito.

L.J.S. - Bom, vou falar um pouco sobre a personalidade da Bárbara Vasconcelos de Carvalho e depois um pouco sobre sua vida profissional.

Bárbara era uma pessoa muito bonita, tanto fisicamente, como intelectualmente. Era uma pessoa adequada aos ambientes que freqüentava, era muito discreta. Apesar de não ter sido formado em Filosofia, como eu, era uma pessoa que absorvia muito bem os conceitos filosóficos.

Era uma pessoa de pensamento livre e desprovida de preconceitos.

Em virtude de sua beleza, Bárbara também foi muito assediada por homens importantes, mas nunca se deixou influenciar por isso.

Ela era uma pessoa muito generosa, acolheu em sua casa diversas amigas que precisavam dela. Essa era uma outra qualidade dela, fidelidade, ela era muito fiel a suas amigas.

A liberdade era uma qualidade principal para que ela pudesse expandir e demonstrar suas potencialidades. Como falei, ela tinha beleza intelectual, beleza moral, beleza física, qualidades muito raras e que evidentemente as pessoas admiravam e muitas invejavam, como é natural acontecer, e também os preconceitos do contexto da sociedade baiana naquela época, era década de 40.

Foi excelente aluna, excelente dentro das possibilidades dela, pois depois de viúva teve de trabalhar muito para criar as três filhas e fazer o curso de Letras depois. Então ela tinha uma vida muito dura, uma vida de muito trabalho.

Ela era muito trabalhadora, muito corajosa, muito empreendedora, enfim, qualidades muito fortes.

Bem, isso da personalidade dela, eu dei os traços que me pareceram básicos. Generosidade, ânsia de liberdade, falta de anseios absurdos, ela queria coisas dentro das perspectivas da vida dela e muito amorosa, ela amou muito as pessoas, era muito dadivosa, acolhedora e altamente compreensiva.

Agora sobre a vida, eu já conheci na faculdade, viúva, com três filhas, lutando. Ela tinha vida de lutadora para educar as filhas.

Morava num bairro perto da faculdade, bairro de Nazaré, numa rua chamada Tinguí, numa casa modesta, mas que ela perfumava com o perfume de sua alma, da sua beleza e da sua generosidade, da sua criatividade.

Ela foi aluna de grandes mestres, foi uma época que o Instituto de Letras, dentro da Faculdade de Filosofia, tinha grandes mestres, como Conceição Menezes. Ela teve grandes professores naquela época, porque a Faculdade iniciou com nomes, digamos, famosos dentro da área, como Hélio Simões, grande professor de literatura.

Bom, ela terminou o curso e nesse mesmo período ela ensinava no Instituto Normal, que era uma grande instituição. Nessa época, era amiga de Adroaldo Ribeiro Costa e a coisa que ela mais acreditava na vida e mais desejava na vida era um amor completo e ela amou alguém que não correspondeu. Então ela se traumatizou um pouco e foi para São Paulo, fez concurso e eu não acompanhei.

Sei que ela ensinou muito, eu a visitei várias vezes, em São Paulo.

Ela trabalhou com Ester Ferraz, que foi secretária da Educação, e minha amiga também, e foi ministra da Educação depois.

Em São Paulo, a vida dela foi de luta também, porque ela ensinava longe e trabalhava e começou a se interessar por literatura e aí ela escreveu a primeira obra de literatura dela.

Em São Paulo, ela teve alguns casamentos, alguns envolvimentos, casou-se novamente, as filhas cresceram, casaram-se e ela continuou em São Paulo até que ela resolveu voltar para suas raízes.

Ela voltou para a Bahia na ilusão de poder trabalhar, mas ela não teve muita sorte, ela não conseguiu o que desejava e também porque ela começou a adoecer, sentir os primórdios da doença e queria muito morar fora do âmbito da cidade, por isso foi morar em Villas do Atlântico, um bairro bastante bonito, lindo, mas afastado. De certo modo, isso foi bom, pois era o que ela queira, uma casa, com jardim e cachorros, ela adorava cachorros, mas ela também se isolou, pois não é fácil a vida que nós temos aqui, para nos deslocarmos para visita-la. Várias vezes fomos lá vê-la, eu, Consuelo e outras amigas dela, mas ela sentia um pouco o isolamento do local onde ela morava. No

entanto, ela sempre foi muito ligada à "Bebinha", uma filha maravilhosa, com amor filial exemplar.

Ainda assim, ela ensinou por lá, trabalhou um pouco, mas já não podia mais.

Quando eu entrei para a Academia ela já era membro da Academia, eu apenas propus ela receber o título de professora emérita. Tanto que esse discurso é para suada-la como professora emérita.

Há um episódio muito importante, ela já doente, nós, eu, Consuelo e outra amiga dela, promovemos o lançamento do livro dela [*Bem me quer*]. Eu promovi o lançamento e organizei tudo. Isso ocorreu no Museu "Costa Pinto" e um amigo meu que declama muito bem, declamou uma poesia dela, além de várias pessoas, personalidades ilustres e professores comparecerem num lugar lindo.

Bom, esses são os traços básicos que eu poderia lhe dizer sobre Bárbara Vasconcelos de Carvalho. Se você tiver alguma pergunta específica, talvez eu possa responder.

F.R.O. 2 – A senhora chegou lecionar junto com Bárbara Vasconcelos de Carvalho?

L.J.S. - Não, porque eu lecionei na Universidade e ela lecionou no ensino fundamental. Eu lecionei sempre na Universidade, lecionei Filosofia, dirigi a Faculdade de Educação e ela não, ela se dedicou para o Instituto Normal. Aqui ela não lecionou em Universidade, agora, em São Paulo, ela ensinou em faculdades.

F.R.O. 3 – Professora, a senhora deseja acrescentar mais alguma informação que considera relevante?

L.J.S. - Não, caso você se lembre de mais alguma coisa, pode me ligar e eu posso lhe falar.

Observação: Após a realização da entrevista, realizei, a partir do áudio gravado em formato digital, a transcrição da entrevista realizada com Leda Jesuíno dos Santos, que autorizou sua divulgação na Dissertação.